

Marco Antonio Coelho Bortoleto

O caráter **Objetivo** e
o **Subjetivo**

da Ginástica Artística

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SECÃO CIRCULANTE

Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

2000

TE 670 700 X

Marco Antonio Coelho Bortoleto

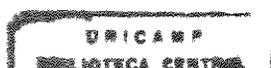
O caráter **Objetivo** e
o **Subjetivo**
da Ginástica Artística

Dissertação de Mestrado apresentada à
Faculdade de Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas.

Orientadora: **Prof^a. Dr^a. Elizabeth Paoliello Machado de Souza.**

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL
SECÃO CIRCULANTE

Campinas - 2000



UNIDADE	BC
N.º CHAMADA:	TIUNICAMP
	B 648 c
V.	Ex.
TOMBO BC	43684
PROC.	16-392107
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	09/02/07
N.º CPD	

CM-00153252-7

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA – FEF – UNICAMP

B739c

B648c

Bortoleto, Marco Antonio Coelho

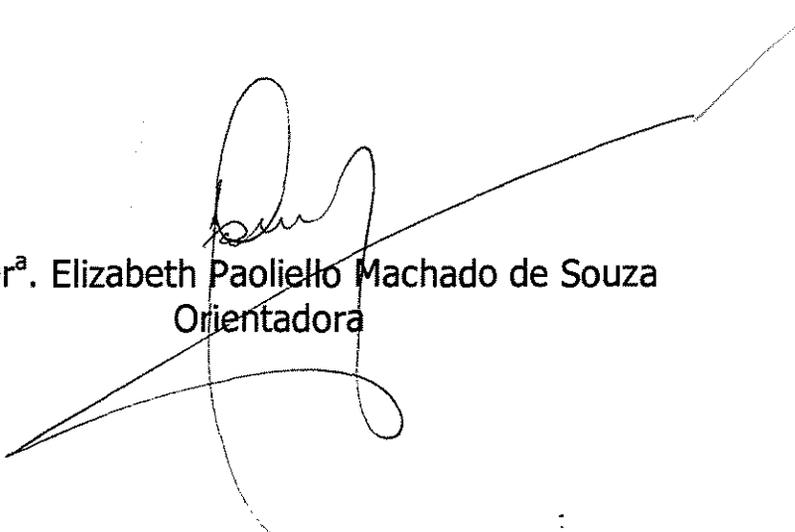
O caráter objetivo e o subjetivo da ginástica artística / Marco Antonio Coelho Bortoleto. – Campinas, SP : [s.n.], 2000.

Orientador: Elizabeth Paoliello Machado de Souza

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física

1. Ginástica. 2. Educação Física. 3. Educação Física e treinamento-Filosofia.
I. Souza, Elizabeth Paoliello Machado de. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado defendida por Marco Antonio Coelho Bortoleto perante a Comissão Julgadora no dia 20 de Novembro de 2000.



Prof.^a. Dr.^a. Elizabeth Paoliello Machado de Souza
Orientadora

Campinas - 2000

Dedico este trabalho ao meu pai, Dorival Alex, a minha mãe, Maria Neuza (onde estiver), a meus irmãos Carlos, Silvana e Luciana, e a todos meus familiares que de alguma forma acreditaram nesta jornada, e desta forma me ajudaram em todos os momentos com amor e carinho

. Como não poderia deixar de fazer, dedico também este trabalho, a todas as pessoas que estenderam suas mãos nos momentos mais difíceis e sorriram nos momentos felizes, fazendo-me acreditar que mais do que o conhecimento adquirido, são os breves intervalos de sensibilidade, amor e carinho que estarão para sempre guardados em minha memória. Em especial a Maria Luisa, por ter superado a distância, a ausência e todas as dificuldades que surgiram, permanecendo o tempo todo ao meu lado.

Agradecimentos...

Que estas palavras representem muita eterna gratidão pelos gestos destas e de tantas outras pessoas que se tornaram imprescindíveis para que eu pudesse chegar até aqui.

merci **muito obrigado** thanks

A minha orientadora, pela sua sensível capacidade de entender, a partir de um simples olhar, todos meus sentimentos e por suas sábias palavras.

Ao Prof. Jorge por ter incentivado e acreditado em minhas idéias.

A Prof^a. Gisele, pela prontidão e disponibilidade em contribuir nesta jornada.

Aos profissionais que aceitaram participar deste estudo, demonstrando sua vontade de contribuir para que a Ginástica Artística brasileira tivesse um futuro melhor.

Aos professores Jocimar, Silvana, Eliana, Vilma, Mirian, Mônica e Carmem, pelas orientações que me deram em nossos encontros "*particulares*".

Ao Grupo Ginástico Unicamp, por compartilhar meus momentos de nervosismo mas também os de alegria, ajudando-me a sentir mais ainda a paixão pela Ginástica.

A todos os amigos-profissionais da Faculdade de Educação Física da FEF, em particular, Tânia, Mariangela, Kléber e Dulce por sua contribuição e paciência.

A meus companheiros de moradia, Ciro, José, Regina, Mey, Andresa, Fernanda, Tatí B., Tabi C., Fred e Luna, por terem me acolhido com tanto carinho e amizade.

A minha brava companheira de orientação Cristiane, as amigas Ieda, Sílvia, Lica, e a todos os amigos que conheci durante este empreitada.

Obrigado para: amigos da Pociça de Piracicaba (Lino, Léo, Dú, Diógenes, Pamela, Plínio, Esquilo, Vêia, Robretão, Rodrigão, Nariga, amigos de Piracicaba - pela eterna amizade), amigos de Porto Alegre (em especial ao Leandro - que me acolheram com tanto entusiasmo), pessoal da FEF (Michele, Débora, Cacá, Gus, Maria, Diná, Wilson, João Ribas, Hermes, Magrão - pela amizade e pelos favores), Grupo Echasse (Rafael e João - que me ensinaram a arte da pema-de-pau), aos amigos do Djambê (Gamba, Léo e Naninho - que mantiveram a música acesa em mim), povo do Grupo de Estudos em Ginástica Geral (Fernanda, Jô, e todos os outros - pelas reflexões sobre a Ginástica), amigos da Flyer (Cláudio, Heber, Simone, Leandro, Elaine - pelo entusiasmo pela GA), professores (Tojal, Sílvia, João, Jocimar, Milton, Mônica Brochado - pelos conhecimentos oferecidos), ao pessoal de Xerox (em particular ao seu Zezinho - pelos serviços e pela prontidão), ao GGU (Andrea, Aline, Andresa, Andrei, Chinês, Pitta, Ana Guedes, Ana Sato, Didi, Conrado, Bia, Carlos, Cláudia, Cris, Cynthia, Dani Mãe, Daniel, Davi, Turuta, Lica, Fernanda, Gabi, Giovana Costa, Giovana Saroa, Helena, Jorginho, Léo, Lu Truzzi, Lu Bortolin, Smurf, Márcia, Mariane, Michel, Poliana, Milli, Malé, Tatí B., Guima, Vagnão, Vinicius, Jonny, Nina e ao Matheus - pelo amor e carinho), Rodrigo (Bolsista - pelas conversas e transcrições), aos amigos (Pança, Mardegam, Cotona, Mongolo, Lazinho - sempre amigos), ao pessoal da Water Center (Beto, Arnaldo, Marcos Zoinho, André, Márcio, Matheus, Rogério, Fernanda, Maísa, Sílvia, Lia, Danelia, Denise, Adriana - por permitirem chegar onde cheguei), e finalmente aos companheiros da Equilíbrio (Sílvia, Fabiano, Paula, Sílvia, Tais - pela atenção e oportunidade). Enfim, obrigado a todos que contribuíram e também a todos que não atrapalharam minha caminhada para realizar este trabalho.

Sumário

O ENCONTRO COM A GINÁSTICA ARTÍSTICA	01
UM SONHO DE APRESENTAÇÃO	05
O EIXO DAS ROTAÇÕES: O CARÁTER OBJETIVO (TÉCNICO) DA GA	09
A CIÊNCIA, OS MÉTODOS E A TÉCNICA	11
A COMPOSIÇÃO BRASILEIRA E SEUS VALORES	17
COMPONDO AS SÉRIES OBRIGATÓRIAS	19
A REGRA E A PRIMEIRA QUEDA	20
A FORÇA DO JULGAMENTO NA CONSTRUÇÃO DO CARÁTER OBJETIVO (TÉCNICO) DA GA	21
O CARÁTER OBJETIVO (TÉCNICO) COMO PARCIAL	23
COMPONDO NOVAS SÉRIES PARA A GA: A PREPARAÇÃO PARA O SALTO	25
EM BUSCA DE UMA GA MAIS EXPRESSIVA E HUMANA	27
O PRIMEIRO PASSO NATURALMENTE ESPONTÂNEO	28
A ASCENSÃO DA BELEZA ARTÍSTICA E O PRIMEIRO DOS GRANDES SALTOS	29
A NECESSIDADE DO CARÁTER SUBJETIVO (EXPRESSIVO)	33
UMA LIGAÇÃO GINÁSTICA ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA	35
O PARTICULAR NO MÉTODO	37
ASSUMINDO O MÉTODO	40
A TÉCNICA COMO BASE DO MÉTODO	44
NA PAUTA DE AVALIAÇÃO	49
ÁRBITRO 1	51
ÁRBITRO 2	56
ÁRBITRO 3	59
ÁRBITRO 4	62
ÁRBITRO 5	66
SOB O OLHAR DOS MESTRES	70
TÉCNICO 1	71
TÉCNICO 2	74

TÉCNICO 3	77
TÉCNICO 4	79
TÉCNICO 5	83
UM GIRO PELOS DISCURSOS	85
UMA ATERRISSAGEM EFICAZ: CRAVADA	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	98
ANEXOS	99
ADENDO: NOTA COMPLEMENTAR	102

Lista de Anexos

ANEXO I – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ÁRBITROS	100
ANEXO II – ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA TÉCNICOS	101

:

Resumo

O caráter Objetivo e o Subjetivo da Ginástica Artística

Neste trabalho estudamos a modalidade Ginástica Artística (GA), no contexto delimitado ao esporte de Alto Nível, realizando a apresentação e discussão do que seja o caráter Objetivo e o Subjetivo desta prática. Com relação a estes aspectos, buscamos além da compreensão dos mesmos, entender sua relação e a importância de cada um deles perante a prática da GA, dissertando sobre as características objetivas e subjetivas desta modalidade. Para aproximarmos este estudo teórico da realidade prática da modalidade, e para obtermos respaldo e comprovação para nossas colocações, realizamos uma pesquisa de campo com sete sujeitos de representatividade nacional, sendo que dois foram abordados somente na condição de árbitro, dois na condição de técnico e três em ambas as perspectivas. Para esta pesquisa, utilizamos uma metodologia qualitativa, com uma análise de cunho etnográfico-interpretativo, segundo a proposta metodológica sugerida por Clifford Geertz, onde os dados foram obtidos por meio de duas entrevistas semi-estruturadas para cada sujeito da pesquisa, com duração de aproximadamente duas horas para cada entrevista. Como considerações finais, podemos destacar que ambos os aspectos fazem parte da realidade da GA e merecem serem vistos com atenção, contudo, o caráter Objetivo (Técnico) está muito mais presente tanto na literatura quanto no discurso dos entrevistados. Neste sentido, entendemos que a GA necessita rever alguns de seus conceitos sobre estes aspectos, sobretudo, voltar seu olhar para o caráter Subjetivo (Expressivo). Este fato, pode contribuir para a evolução desta modalidade como esporte de característica artística.

Palavras-chave: Ginástica; Educação Física; Educação Física, treinamento-filosofia.

Autor: Marco Antonio Coelho Bortoleto

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Elizabeth Paoliello Machado de Souza

Universidade: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Faculdade de Educação Física

Departamento de Educação Motora

Abstract

The Objective and Subjective Character of the Artistic Gymnastic

This work brings the study of an Artistic Gymnastic (AG) event, in a context turned to the high performance sport, achieving the introduction and discussion of what is the Objective and Subjective characters of this practice. Relating to these aspects, we searched beyond its comprehension, understanding this relation and the importance of each one of them in the presence of Artistic Gymnastic practice. The Objective and Subjective character of this practice has been disserted. To approach this theoretic study to the practical reality of the event, we suggest and executed a field reserch with five referrers and five coaches of the national representation, aiming to achieve the support and proof for our position. For this research, we used a qualitative methodology, with the analyses of an ethnography nature according to the methodological support suggested by Clifford Geertz, which the data were taken through semi-structured interview, lasting two interviews of approximately two hours for each subject of the research. As final considerations, we can emphasize that both aspects make to Artistic Gymnastic reality and it deserve to be seeing with attention, however, the Objective (Technical) character is as much as present in the literature as in the Artistic Gymnastic environment and in the speech of the interviewed subjects. In this direction, we can understand that the Artistic Gymnastic needs to review some of its concepts about these aspects, especially, turns its consideration to the Subjective (Expressive) character. This fact can contribute for the evolution of this event, as a sport of artistic characteristic.

Keywords: Gymnastic, Physical education, training-philosophy

Author: Marco Antonio Coelho Bortoleto

Chairman of the committee (Mentor or Adviser): Dr^a. Elizabeth Paoliello Machado de Souza

University: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP
State University of Campinas
College of Physical Education
Department of Motor Education

O ENCONTRO COM A GINÁSTICA ARTÍSTICA

Neste trabalho, focamos nossos esforços a fim de estudar o fenômeno “*Ginástica Artística*” (GA). Contudo, devido à utilização abrangente e diversificada deste termo nos mais variados ambientes, a compreensão do mesmo pode variar e alterar-se conforme a perspectiva assumida. (Publio, 1998). Neste sentido, acreditamos ser necessário um esclarecimento sobre esta terminologia, para que possamos atingir a compreensão desejada para o termo e para os conteúdos dissertados neste texto.

Assim como a utilização e compreensão isoladas das palavras “*Ginástica*” e “*Artística*”, a unidade do termo GA também está historicamente impregnada de valores e sentidos que alteram-se conforme o espaço, o tempo e o objetivo em que são empregados. Portanto, descreveremos a seguir como se configurou historicamente o termo Ginástica, e qual seu entendimento assumido neste estudo.

Inicialmente, observamos que a origem etimológica da palavra, assim como sua prática e discussão intelectual, surgem na antiga Grécia e, desta forma, a “*Ginástica*” aparece anteriormente a própria Educação Física, enquanto área específica do saber.

Nas definições clássicas, como apresenta Cunha (1989), o termo Ginástica aparece como a expressão derivada do grego *Gymnos* (nu - despido). A Enciclopédia Colorama (1970), descreve a Ginástica como sendo uma arte que tem por fim desenvolver harmoniosamente o corpo e aumentar a força muscular, mediante um sistema prescrito de movimentos. Ainda segundo esta enciclopédia, conforme as diversas finalidades a Ginástica pode ser dividida em: educação física, analítica ou curativa, médica, militar, respiratória, rítmica, artística ou de aparelhos.

Na Enciclopédia Brasileira (1982), a definição de Ginástica surge de maneira diferente, recebendo o título de “*Ginástica Modeladora*” que caracteriza a Ginástica como intencional, modeladora, de busca de rendimento, compensatória e localizada. Diz ainda, que a Ginástica ao contrário da dança, da brincadeira e do jogo é intencional e não espontânea. Realça também, que a Ginástica é para o corpo o que a matemática é para o intelecto.

Por fim, o Dicionário Mirador (1977), define o termo Ginástica, como original do eruditismo português *Ginástica* ou *Gimnastica*, do espanhol *Gimnástica* ou *Gimnasia*, do inglês *Gymnastics*, do alemão *Gymnastik*, e fundamentalmente do grego *Gymnastikê* (*tékhne*), “*arte da*

ginástica”, em sentido próprio, de *Gymnós*, “*exercitar-se nu-despido*”¹. Assim, Ginástica caracteriza-se por um conjunto de exercícios corporais sistematizados e aplicados com fins competitivos, educativos, formativos, artísticos ou terapêuticos. Como modalidade esportiva, nela se conjugam a força, a agilidade e a elasticidade.

Parece-nos que, estas definições foram formuladas a partir de conceitos científicos padronizados de conhecimento, no entanto, apresentam um entendimento geral do termo Ginástica, sem maiores aprofundamentos e com características de abrangência e simplicidade, permitindo um entendimento no âmbito do senso comum.

Gradativamente, o termo Ginástica, veio deixando de ser entendido como a realização da atividade física em geral, em particular no Brasil, sendo substituído pelo que chamamos hoje de “*exercício ou atividade física*”, como coloca Barbanti (1994). Assim, Ginástica passou a ser compreendida como parte da Educação Física, contendo particularidades específicas, que quando reunidas com o mesmo objetivo e sob as mesmas regras, constituem uma modalidade, como é o caso da GA.

Na literatura específica da Educação Física, como relata Fanali (1978), a Ginástica é um sistema de exercício físico, analítico ou globalmente empregado, que influi seletiva e cumulativamente no aparelho locomotor, com vistas ao aperfeiçoamento e harmonização dos movimentos do corpo humano, na formação de sua correta atitude corporal.

Quéiros (1974), afirma que Ginástica é uma das técnicas da Educação Física e deve constituir-se num conjunto de meios (elementos e exercícios físicos) cientificamente escolhidos, bem dosados e metodizados em função das leis biopsicofísicas, sociais e das necessidades do organismo humano.

Agostí apud Mello (s/d), define o que chama por “*exercício ginástico*”, como sendo uma construção em um movimento ou conjunto de movimentos de natureza definida quanto às características mecânicas e que satisfazem os princípios da pedagogia da Ginástica em seus conhecimentos teóricos.

Estes conceitos, inclusive os contemporâneos, foram erigidos a partir das evoluções e revoluções do pensamento humano, em especial entre os anos de 1700 e 1900, que levaram à

¹ Para a cultura Grega a conotação do “*nu*” em relação a Ginástica, remetia ao sentido de uma prática para além dos valores materiais, livre das superficialidades humanas e das aparências, preocupada com a saúde e estética do corpo e dos movimentos.

concepção da Educação Física, como área do saber que abrange o estudo das manifestações corporais de trabalho, esportivas, artísticas e recreativas.

Ao final do século XIX, o aumento da quantidade de estudos na área da Educação Física e em particular abordando a Ginástica, permitiu aproximações pessoais, intercâmbio de idéias e métodos, fazendo com que um número maior de pessoas percebessem que estavam estudando o mesmo fenômeno, apenas com perspectivas e objetivos diferentes, criando assim a primeira abertura para instaurar uma linguagem comum para a Ginástica, ou uma “*Ginástica Internacional*” como sugerem Langlade e Langlade (1970). Estes primeiros encontros, intercâmbios em forma de congressos, cursos e competições, deram forma às primeiras manifestações da Ginástica enquanto esporte de rendimento, e aceleraram o início da formulação das primeiras regras e tendências da modalidade, como afirma Publio (1998).

O maior expoente destes acontecimentos para a Ginástica, foi o grande encontro em 1881, chamado de “*Assembléia Internacional de Ginástica*”, que contou com a participação de representantes holandeses, franceses e belgas, onde se fundou o “*Comitê Permanente das Federações Européias de Ginástica*”, ou “*Federação Européia de Ginástica*” (FEG). Tudo isto graças à coragem e paixão de Nicolas Cupérus (1842 – 1928), presidente da Federação Belga de Ginástica e organizador do evento.

Estando presente nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 1896, ainda com características de movimentos bastante simples, as apresentações de Ginástica resumiam-se a exercícios simples como subidas em cordas e algumas peripécias acrobáticas. Nos jogos de Saint Louis (USA), 1904, foram incluídos os anéis ao vôo, ou argolas; em Estocolmo (1912), instauram-se os exercícios a mãos livres ou solo, como conhecemos atualmente; em Amsterdã (1928), as mulheres iniciam sua participação.

No entanto, foi nas Olimpíadas de Berlim (1936), quando as competições masculinas foram realizadas nos seis aparelhos: solo, salto, cavalo, barra fixa, argolas e barras paralelas, que a Ginástica realmente cria sua imagem enquanto esporte, e consolida sua característica de esporte técnico, de utilização da força e de habilidades complexas.

Observamos que neste período, havia uma forte influência da Ginástica Científica e do modelo racional de ver o mundo, desenvolvido pelos precursores europeus dos métodos

ginásticos, entre 1830 e 1930, sobre a Educação Física e a própria Ginástica, mantendo a base científica e prática de utilidade e rigidez técnica.

Posteriormente, as competições femininas foram sendo aceitas e definidas, incluindo quatro aparelhos: barras assimétricas, solo, salto e trave de equilíbrio.

Definidos os aparelhos e a característica da modalidade, a Ginástica passou a desenvolver-se muito rapidamente, criando elementos e elevando o nível técnico-performático de seus praticantes.

Esta modalidade é conhecida sob vários nomes como: Ginástica de Competição, Ginástica de Aparelhos, e particularmente no Brasil como Ginástica Olímpica. No entanto, foi com o nome de “*Ginástica Artística*” que realmente se universalizou e criou sua identidade internacional.

Como suporte destes acontecimentos práticos, que permitem tais discussões e evoluções, estão as organizações e associações internacionais, que fundamentam, administram, regulamentam a modalidade. Para situar mais adequadamente, em 1911 na Dinamarca, cria-se a “*Instituição Internacional de Educação Física*”. No ano de 1923 em um Congresso Internacional na cidade de Bruxelas (Bélgica), cria-se a Federação Internacional de Ginástica Educativa. Esta federação dá origem à atual Federação Internacional de Educação Física (FIEP) a partir de 1953, porém, em 1930 seu nome é alterado e transformado na Federação Internacional de Ginástica Ling.

Contudo, foi em 1921, que a antiga FEG passou a chamar-se Federação Internacional de Ginástica (FIG), apropriando-se inclusive da data de origem da primeira, em 1881, e assumindo os assuntos internacionais ligados à Ginástica de Competição.

Desta forma, a Ginástica Artística (GA) que abordamos neste estudo, é a modalidade esportiva definida oficialmente pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), cuja normatização é descrita no interior do Código de Pontuação (CP) e do Regulamento Técnico, elaborado pelos Comitês Técnicos (CT) Masculino e Feminino, eleitos pela própria FIG.

Esta modalidade configura-se basicamente da seguinte maneira: na competição da categoria masculina, os ginastas realizam apresentações (séries), com pontuação de 0 a 10 pontos, em seis aparelhos: Barra Fixa, Solo, Cavalo com Alças, Salto sobre o Cavalo, Argolas e Barras Paralelas Simétricas. Para a competição feminina, as ginastas se apresentam da mesma forma em quatro aparelhos: Barras Paralelas Assimétricas, Solo, Salto sobre o Cavalo e Trave de Equilíbrio.

Nos campeonatos oficiais, as competições são realizadas em três momentos: por equipes, individual geral e individual por aparelhos.

Particularmente, para este estudo, fazemos um recorte dentre as várias possibilidades desta modalidade, restringindo nossas observações no segmento conhecido como “*Alto Nível*”², ou seja, no âmbito esportivo competitivo, onde os envolvidos vislumbram o máximo do rendimento performático, segundo as possibilidades humanas para esta prática. Esta escolha se deu, por acreditarmos que é no âmbito do alto nível que a GA é praticada e expressada com a maior profundidade. Entendemos que esta condição pode facilitar alcançarmos nossos objetivos e compreendermos melhor este fenômeno.

Dentro deste recorte, assumindo e respeitando os limites, assim como, as características do universo esportivo competitivo, este estudo tem por finalidade compreender o caráter Objetivo (Técnico) e o Subjetivo (Expressivo) da GA de Alto Nível, procurando apontar como acontece a relação entre eles, e qual a importância de cada um na realidade prática desta modalidade, mediante a literatura existente e o discurso de árbitros e técnicos desta modalidade.

UM SONHO DE APRESENTAÇÃO

Diante do conceito de GA estabelecido acima, em particular do recorte que delimita este estudo ao universo esportivo de alto nível, e dos objetivos a que este trabalho se presta, entendemos que o próximo passo situa-se na apresentação e discussão do que entendemos pelo caráter Objetivo (Técnico) e Subjetivo (Expressivo), da relação existente entre estas duas características da GA, e de como tudo isto se apresenta na realidade atual deste fenômeno.

Contudo, antes de entrarmos propriamente nestes tópicos, realizaremos um exercício de projeção virtual futurista, ou seja, destacaremos algumas das características e valores que sejam representativos na prática atual, potencializaremos esta representação e importância, projetando uma idéia de como esta prática se desenvolveria no futuro, caso as características e valores atuais continuem a serem representativos e valorizados.

² O termo Alto Nível refere-se ao nível mais alto ou complexo de rendimento que uma modalidade esportiva possa ser realizada, encontrado geralmente em competições internacionais, como Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais. Este termo pode ser substituído por “Alta Performance” ou “Alto Rendimento”.

Entendemos que este exercício possa servir como uma lente de aumento ou como um agente facilitador para que compreendamos a atual configuração deste fenômeno.

Assim, segue nosso sonho de apresentação:

Como uma projeção virtual, possível apenas pela generosidade da tecnologia e sua ação sobre a natureza, aproveitamos esta oportunidade para explicitar a grandiosidade de um fato que mudou o encaminhamento da Ginástica, e que não poderia perder-se no esquecimento:

Eis que o ginasta aproxima-se do tablado com um olhar frio e calculista, caminha como uma máquina até uma das extremidades, faz uma pausa, estende seus braços para cima como uma forma de chamar a atenção do mundo, respira profundamente e corre.

Neste momento, surge uma fantástica série, onde seu corpo demonstra pleno domínio do aparelho, transparecendo em todos os seus movimentos a técnica e o controle extremo, meramente como uma exibição habilidosa de força, equilíbrio, velocidade e resistência, louvados nesta seqüência ginástica.

A genialidade desta performance só é declarada segundos depois, quando o computador informa ao público em todos os cantos do planeta, que a seqüência acrobática apresentada foi composta por 17 giros longitudinais e 12 transversais. Notável! É o que o público clama.

Milhares de mensagens são enviadas, ao saber-se a nota: 145 pontos, um novo recorde mundial para a modalidade. Certamente os méritos são válidos, afinal a quantidade de rotações é incrivelmente grande em relação aos 18 metros de comprimento do aparelho.

Perguntamos: Onde estará o limite do homem?

Pois é, mais uma vez o limite foi superado!

Neste mesmo evento, um outro ginasta é aclamado pelo povo. Em sua passagem pela “Barra de Giros”, anotou nada menos que 114 giros, no tempo oficial estabelecido de 1’30”, apontando mais uma superação dos limites do corpo humano.

Certamente duas performances perfeitas, dois ginastas absolutamente precisos, que enaltecem os valores da Ginástica.

Magnífica, é como podemos descrever, a possibilidade de podermos ver, rever, congelar, gravar e editar estas performances em todos os ângulos, em nosso computador portátil.

Esta tecnologia permite ainda, organizar e mostrar um evento desta natureza com vasta riqueza de detalhes, sem sequer tirar uma pessoa do lugar. A inteligência expressada pelos avanços tecnológicos, que permite a participação de cada ginasta e sua equipe atuando em seu próprio centro de treinamento, tornando real o que chamamos de “Competição à Distância”, é incrível, pois não exige grandes gastos operacionais, nenhuma estrutura a ser montada pela cidade sede, com exceção de alguns profissionais de informática, tornando o evento com um alto grau de comercialização, como afirma Erik (2016)³.

Grandes homens ou magníficas máquinas? Não sabemos bem ao certo, como definir, mas, nada disso importa. O que realmente é valioso, são os avanços e as novas perspectivas para a humanidade, que podemos enxergar mediante a evolução do esporte, os quais tornam o homem mais forte e trazem à tona valores como o rigor e a disciplina, que são de grande valia à sociedade pós-moderna.

Esta busca incessante pela superação e controle é uma dádiva necessária para a evolução do homem e da sociedade.

Enfim, acreditamos que a lembrança deste momento deva prolongar-se por um longo tempo, para que possamos refletir sobre sua magnitude, e para que não esqueçamos o quanto a sociedade pós-moderna evoluiu na direção da perfeição e da precisão.

Delírios como estes, que apresentamos nesta projeção “*virtual futurista*”, acontecem com certa frequência, durante debates, discussões e congressos específicos para dirigentes, técnicos e estudiosos da GA, como podemos ver em FIG (1985 e 1986)⁴, e também, quando nós mesmos projetamos o futuro da GA de “*Alto Nível*”, amplificando suas características, objetivos e tendências atuais.

³ Erik 02836-df2.fr (www.erikgym@figvirtual.fr), The actual Gymnastics Competitions: Virtual Olympic Games of Paris. November, 2016 (*Citação fictícia elaborada pelo autor*).

⁴ Destacamos estas duas publicações, primeiramente “*Symposium Internacional Sur Le Jury*” (1985) e “*Meridiens de Gymnastique*” (1986), publicadas pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), por serem coletâneas periódicas que expressam as inquietações, problemas, sugestões e tendências que vêm sendo discutidos ao longo dos anos na GA.

Nesta breve narrativa que criamos, buscamos revelar não somente uma possível configuração a ser dada à GA, mas destacamos, efetivamente, o fato de que algumas características inerentes à sociedade, impregnam, ao longo dos tempos, o desenvolvimento e a prática de uma modalidade, assim como as condutas das pessoas que a vivenciam com mais proximidade. Tais características ao serem absorvidas pela modalidade, auxiliam, quando ampliadas, a demonstrar a tendência que prevalece atualmente para este fenômeno, que discutiremos mais à frente.

Esta estreita ligação, como um elo que envolve o homem e sua prática mediante os valores que adquirem maior representatividade social, pode ser vista nas palavras de Sérgio (s/d b : 100) quando diz que “*O Desporto é também o reflexo e o projecto de uma cultura.*”. Por isso, é que devemos observar estes aspectos quando refletimos sobre um fenômeno esportivo.

Assim, nesta projeção, como em um filme de ficção, por um breve momento a realidade presente foi substituída por uma condição hipotética, enfatizando a tendência racionalista ou positivista, a qual é fundamentada nas sociedades modernas e que se revela sobre valores objetivos de observar os fenômenos e de se relacionar com o mundo, valores estes, que segundo Goldmann (s/d : 18), experimentamos o tempo todo na relação com o mundo, nas atitudes da sociedade em geral, e, como não poderia deixar de ser, vislumbramos também na prática de GA como a conhecemos atualmente.

As performances descritas nesta projeção, foram relatadas como atos de utilidade para a sociedade, exatamente para entendermos que, o processo do conhecimento percorrido até chegar ao conceito de verdade, isto é, ao “*saber*” da GA, consolidou-se historicamente, essencialmente sobre as atitudes e conceitos de verdades inerentes ao paradigma objetivo ou positivista, pregados principalmente pela ciência moderna, que ressaltam o resultado, a exatidão, a precisão, e a utilidade, entre outras características, as quais, como podemos observar aqui, estão presentes na Ginástica, privilegiando a busca pelo rendimento máximo.

Neste sentido, subtraindo a potência intencionalmente forjada por nós nesta projeção, entendemos que o fenômeno GA está estruturado sob o alicerce do paradigma positivista, como foi evidenciado na narrativa. Desta forma, a realidade presente, contempla e é constituída por valores que almejam apresentações controladas no sentido da maior perfeição e precisão possíveis durante sua execução.

Contudo, para compreendermos esta visão da realidade, primeiramente, devemos entender este paradigma, na sua complexidade, e, para que este caminho torne-se menos árduo, o resgate dos pressupostos teóricos que motivam tal razão, pode ser valioso.

Assim, na seqüência deste texto tratamos de apresentar e discutir este expoente objetivo, que instalou-se historicamente, e vem permeando o desenvolvimento da GA, através do qual acreditamos ser possível elaborar um entendimento mais claro sobre este fenômeno, ou pelo menos sobre parte dele.

O EIXO DAS ROTAÇÕES: O CARÁTER OBJETIVO (TÉCNICO) DA GA

“A atitude objetivista, que tende a considerar todos os seres como objetos domináveis, possíveis e desfrutáveis, converteu-se ao longo de quatro séculos numa espécie de Segunda natureza do homem ocidental.” Quintás (1993 : 16)

Como vimos, a ligação entre os valores sociais e a prática esportiva, como no caso da GA, não é um advento da cultura contemporânea e muito menos da sociedade pós-moderna. Por muito tempo o caminhar da humanidade vem sendo guiado por valores que alcançam o patamar da verdade absoluta, e por assim dizer, são usados como grandes alavancas e justificativas para o desenvolvimento e evolução do homem.

A gênese do raciocínio objetivo, conhecido como objetivismo, embasou-se nas reflexões filosóficas realizadas por Platão, segundo as quais, a definição de verdade e realidade na relação sujeito e objeto se dá segundo o próprio objeto, ou seja, o objeto tem um caráter estrutural definido, que é reconstruído pela consciência cognoscente do sujeito que o toma em observação, conforme nos apresenta Hessen (1987).

Aristóteles dimensionava o caráter objetivo, no sentido de organizar ou criar leis, segundo as quais estes fenômenos estaticamente definidos, poderiam ser observados com a convicção e prudência da razão.

Provavelmente foi Descartes quem, segundo Muñoz (1975), consolidou o objetivismo, ou seu positivismo, na modernidade, restringindo as considerações sobre o corpo humano somente às propriedades físicas.

Para isto, compreendemos objetividade como a leitura dada aos fenômenos sob a perspectiva que centraliza no objeto o foco dos olhares, ou seja, que o objeto se encontra acabado, em um estado definido em si próprio, que é reconstruído ou ganha um significado específico quando é tomado em observação por um sujeito.

Esta abordagem objetivista enxerga os fenômenos segundo a ordem e o padrão concretos que suas formas e características palpáveis permitem, criando conceitos, que levam em consideração a parte relativa à substância mensurável do corpo e dos movimentos na construção do saber sobre estes. Nesta perspectiva, segundo Marras (1999 : 197-198) o corpo humano se mostra objetivado, “(...) *fruto dos processos de racionalização e tecnicidade que elevaram ao máximo o conhecimento objetivo em favor do controle da natureza.*”

Contudo, esta forma de olhar os fenômenos, consolidou-se efetivamente a partir da expansão científica alcançada pela tendência chamada positivista, recebendo uma valoração perante a sociedade, fazendo com que este padrão de análise, além de impregnar o segmento científico, servisse de molde para o desenvolvimento da GA, garantindo então esta atual configuração.

Os valores que este paradigma positivista impôs à ciência, ficam nítidos quando Santos (1995 : 15), relata como observar um fenômeno cientificamente:

“Em primeiro lugar, conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições. As qualidades intrínsecas do objeto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. O que não é quantificável é cientificamente irrelevante. Em segundo lugar, o método científico assenta na redução da complexidade.”

Destacamos, portanto, que a importância desta projeção não se dá somente pelo motivo de facilitar a compreensão, muito menos de divulgarmos uma nova quebra dos recordes ou dos limites humanos como foi sugerido, afinal, neste futuro projetado, muito provavelmente a tecnologia já permitiria a qualquer “*cibercorpo*” ou “*ciborgue*” realizar tais proezas sem qualquer

experiência prévia. Fundamentalmente, entendemos seu valor por expor o caráter objetivo de raciocínio que a humanidade alcançou ao longo dos tempos e que se concretizou neste momento, conforme observamos nas ações expressadas acima, possibilitando entrarmos primeiramente no entendimento e na discussão desta característica da GA, como faremos, mais aprofundadamente, na seqüência deste texto.

Além disso, para não dizermos que foram só alucinações, o raciocínio que nos motivou a formular tal projeção, refere-se não só às considerações de valores que entendemos estarem presentes na GA atualmente, como também a algumas das tendências objetivistas que encontramos nas relações sociais atuais, como a globalização e a pressão imposta pelas necessidades da mass-mídia⁵, características inerentes a qualquer fenômeno na pós-modernidade, conforme relata Nunomura (1999).

Podemos encontrar exemplos deste tipo de discussões em alguns textos que convergem em direção aos anseios sobre o futuro da prática esportiva, como o *“The Cultural Secrets of Sport – Globalization or National Identify?”* do professor Klaus Heinemann⁶, o *“Rebellion of the Body – Human Movement in a Postmodern Perspective”* de Roland Hanson⁷, ou ainda, na literatura específica da GA, o artigo *“A better way to evaluate difficulty in Gymnastics”* de Hardy Fink (1995)⁸, dentre outros escritos que discutem o futuro, a evolução, e seus desdobramentos.

Portanto, sobre esta condição histórica e social dimensionada pelo paradigma positivista, é que delimitamos o primeiro aspecto ou caráter da GA que estudaremos neste trabalho, o que chamamos de *“Objetivo (Técnico)”*.

A CIÊNCIA, OS MÉTODOS E A TÉCNICA

O conteúdo desenvolvido na GA, assim como, os meios de trabalho utilizados, particularmente os métodos e as técnicas, não se ergueram instantaneamente, foram construídos

⁵ Mass-mídia é um termo utilizado internacionalmente para assuntos ligados às grandes mídias ou mídias de massa, isto é, quantidades imensas de informações (imagens e valores) que atingem e influenciam uma grande quantidade de pessoas, seja em uma única região, país ou por todo o mundo.

⁶ Entre outros artigos do livro: *“Society’s Watchdog – Or Showbiz’Pet: Inspiration to Better Sport Journalism”*, de Moller & Andersen et al (1997).

⁷ Idem op.cit.

⁸ Presidente do Comitê Técnico Masculino (CTM) da Federação Internacional de Ginástica (FIG), entidade esta, responsável pelas discussões e regulamentações sobre o andamento da GA no âmbito internacional.

ao longo do desenvolvimento do pensamento moderno, principalmente ancorados nas pesquisas científicas próprias de um outro salto ou período vivido da humanidade.

É no salto mais próximo aos nossos dias, chamado de Idade Moderna ou Contemporânea, mais precisamente durante todo o século XVIII, culminando no início do século XIX, que as propostas sobre a Educação Física começaram a tomar forma, concretizando e sistematizando os chamados sistemas e métodos. Estas correntes teóricas conduziram as práticas de suas regiões e seus países, e foram construídas segundo um “*aprimoramento*” das principais obras já existentes.

Do interior destas obras, cuja maioria orientava o processo de educação, em âmbitos intelectual, moral e físico, é que surgiram, conforme relata Soares (1994), as principais tendências específicas, os chamados métodos ginásticos, organizados principalmente na França, Alemanha, Inglaterra e Suécia. Esta intensa produção de trabalhos na área da atividade física colaborou na ampliação e divulgação dos conhecimentos, dando início a um ciclo de evolução dentro da Ginástica que perdura até nossos dias. Langlade e Langlade (1970 : 23) reconhecendo a importância deste momento, atribuíram o nome de “*Período das Escolas*”.

O movimento germânico, como declara Ramos (1982), deu seus passos mais expressivos com Basedow (1723 – 1790) e Guts-Muths (1759 – 1839), inspirados nos trabalhos de Rousseau e Locke. Prestidge (1988 : 15), destaca Friedrich Ludwig Janh (1778 – 1852), como o pai da “*Ginástica Moderna*”⁹, principalmente por sua influência na Inglaterra e em outros países, no âmbito escolar e na construção de aparelhos. Construída a partir de um discurso de desenvolvimento harmônico, de saúde e artístico, característica da influência grega, a Ginástica voltou-se para a preparação física, principalmente no exército, e para a demonstração de força.

Langlade e Langlade (1970 : 28) apresentam três tendências desenvolvidas na Alemanha, durante este período: primeiramente a “*Artístico-Rítmico-Pedagógica*” tendo como ícones: Bode, Noverre, Delsarte, Isadora Duncan, Dalcroze, Laban e Wigmann, que mantinham um caráter educativo, valorizando a beleza e a criatividade; a segunda “*Técnico-pedagógica*” com Gaulhofer-Striecher, Groll e Smith, tentando fazê-la educativa, mas voltada ao sentimento progressista; e a terceira “*Desportiva*”, por Reindell, Procop, Nöcker, Mies, Riskmann, Hollmann e Wartenweiller,

⁹ Ginástica Moderna foi o termo utilizado para definir uma nova leitura da Ginástica, que permitia incluir diferentes conhecimentos, como os desenvolvidos pela Dança, Rítmica ou Música entre outras particularidades, que não eram privilegiadas pelo modelo operante conhecido como Ginástica Científica.

com base nas pesquisas científicas, da áreas de medicina e biomecânica, e no discurso do esporte de rendimento.

Outro autor de destaque, principalmente por envolver a Ginástica na proposta de Educação Física Escolar e sistematizá-la com bastante profundidade, foi Adolph Spiess (1810 – 1858). Sua proposta já adequava os movimentos ao gênero, a idade, e justificava a importância de objetivos como recreação, desenvolvimento físico e social, a partir de demonstrações públicas de Ginástica.

A Ginástica francesa, sob a influência dos trabalhos de Guts-Muths e Jahn, tem no espanhol naturalizado francês, Francisco Amorós y Ondeano (1770 – 1848) seu grande maestro, dominando os âmbitos militar e civil de prática da atividade física. Sua “*doutrina*”, como era conhecida, admitia quatro tipos de Ginástica: a civil e industrial, a militar, a médica e a cênica ou funambulesca. A última era ignorada, afinal segundo Amorós, o prazer, a beleza, e a apresentação cênica não mereciam atenção, porque eram construídos sobre valores que não tinham nenhuma utilidade aos homens, principalmente à moral da sociedade (Soares, 1994). Esta tendência utilitária e moralizadora, futuramente chamada de Ginástica Científica, culminou na construção dos grandes ginásios e na expansão desta prática por toda a França. Na seqüência, outros pensadores, como Georges Demeny (1850 – 1917), Georges Hébert (1875 – 1956), Fernard Lagrange (1845 – 1909), Phillipe Tissié (1852 – 1935), Esteban Marey (1830 – 1904), entre outros, começam a aparecer e ampliar as discussões e propostas na área. Destaque para Hébert, criador da Ginástica Natural que retomava os valores da primitividade e da natureza, e Demeny com o Método Científico, baseado nos estudos experimentais positivistas e de caráter científico.

Diretamente ou indiretamente estes autores contribuíram para o surgimento do “*Método Francês*”, concebido na escola de Joinville-le-Pont. Este método teve início com a colaboração de Napoléon Laisné, seguidor de Amorós, desde a origem da escola em 1852 e foi concretizado por Demeny, Lagrange e Boigey em 1927 com a publicação do “*Regulamento Geral de Educação Física*”. Este sistema consolidou a base da Educação Física e dos estudos sobre a Ginástica em toda a França, sendo posteriormente adotado no Brasil, como apresenta Marinho (s/d) e Ramos (1982).

Em uma iniciativa particular, o professor Fue Franz Nachteggall (1777 – 1847), respeitando a influência germânica da obra de Guts-Muths, inicia na Dinamarca um movimento de

desenvolvimento da Ginástica inserindo-a na educação geral da população, principalmente na esfera escolar. É a partir desta escola que Per Henrick Ling (1776 – 1839), inicia suas reflexões e sistematiza uma proposta escolar, que quando levada à Suécia, seu país de origem, impregna a sociedade com um espírito de eliminar os vícios, fortalecer a população, torná-la mais saudável, caracterizando esta proposta em formativa e higienista, como ressalta Ramos (1982). Soares (1994 : 71) complementa dizendo que “*Seu método ou escola de ginástica se baseia na ciência, deduzindo de uma análise anatômica do corpo uma série racional de movimentos de formação*”.

Conforme Marinho (s/d a), no método de Ling, a Ginástica podia ser dividida em quatro partes, de acordo com a finalidade desejada, que seriam: pedagógica, militar, estética e médica ou ortopédica. Em meio à pressão do pensamento progressista-industrial e científico da época, a Ginástica Estética, preconizava a beleza, harmonia e graça do corpo, com movimentos suaves e leves, sendo completada pela dança e atividades que contribuíssem para tal objetivo.

Com a morte de Per Henrick Ling, a Ginástica Sueca sofre uma certa crise, mas consegue se restabelecer com Hjalmar Ling (1820 – 1886), seguindo ainda o trabalho do pai, e com as inovações dos trabalhos de novos autores como Zander (1835 – 1920), Niels Bukh (1880 – 1950), Elin Falk (1872 – 1942), Frode Sandolin e Müller (1866 – 1938), Carl Silow (1846 – 1932). Neste período, a partir de 1885, o método Sueco de Ling, predomina nas atividades gímnicas da Dinamarca, como salienta Bukh (1962).

Paralelo a isto, talvez em conseqüência de toda esta movimentação científica, culminou a retomada dos Jogos Olímpicos, por Pierre de Cobertain, precisamente no ano de 1896, em Atenas, na Grécia.

Langlade e Langlade (1970), destacam que estas raízes expandiram-se rapidamente aos outros povos nórdicos e europeus em geral, e aproximadamente no início do século XX, de 1900 à 1939, começam a surgir movimentos de Ginástica bem estruturados e respaldados em quase todos os países e regiões. Os mesmos autores intitulam esta época de “*Período dos Grandes Movimentos*” e destacam vários “*inspiradores*” e suas obras como colaboradores do desenvolvimento da Ginástica moderna. Entre eles: o suíço Jean Georges Noverre pela sensibilidade e expressão colocada na dança; o francês François Alexandre Nicolás Chéri Delsarte, por administrar de forma original e criativa a música nos trabalhos de Ginástica e dança; o austríaco Emile Jaques-Dalcroze, pelo forte incremento rítmico; a americana Isadora Duncan pela

plasticidade e beleza empregadas na danças e incorporadas pela Ginástica futuramente; o checo Rudolf Jean-Marie Attila Laban, pelas expressividade e arte na técnica e nos movimentos desenvolvidos em sua proposta pedagógica; a expressão e rítmica da alemã Mary Wigmann; a Ginástica expressiva e rítmica do alemão Rudolf Bode; entre outros. Estes trabalhos foram continuados por muitos outros pensadores mais modernos.

Em suma, entendemos que a corrente “*positivista-racionalista-objetivista*”, que gerou a chamada Ginástica Científica, ganhou maior espaço e alcançou um domínio sobre as propostas que privilegiavam diferentes direcionamentos, como o artístico ou o expressivo, principalmente por ser a mais difundida e aceita no contexto social e político. Este fato, direcionou a elaboração da concepção da Ginástica Moderna, modelando as correntes metodológicas e técnicas da GA no sentido objetivo.

Consequentemente, os métodos e as técnicas, também foram elaborados segundo esta perspectiva objetiva, proporcionando uma linguagem de movimentos e ações que mantém este caráter Objetivo (Técnico) privilegiado, fato este que vem atuando como um agente da perpetuação desta concepção.

Neste sentido, quando tomamos contato com a literatura específica da GA, como é o caso das obras de Ukran (s/d) e Gajdos (1983), percebemos que essencialmente elas abordam de maneira concreta, objetiva e racional, conteúdos que ficam mais restritos às planificações e orientações sobre métodos e disciplinas de treinamento físico, procedimentos metodológicos e pedagógicos, e descrições técnicas dos elementos e movimentos.

Desta forma, observamos que estes termos, método e técnica, assim como outros mecanismos que fazem parte do universo da GA, remetem a significados carregados de objetividade, fazendo a aproximação do paradigma em questão ao contexto da GA. Assim, podemos dizer que o método implica na mais eficiente forma de atingir um objetivo, utilizando-se de uma técnica que atenda a estas necessidades, e que a técnica, segundo Leguet (1987), está baseada nas figuras e modelos técnicos dos exercícios, configurando-se na manifestação mais aperfeiçoada do movimento, levando-se em conta uma época determinada e os princípios científicos que regem as ações na atividade esportiva.

Esta técnica na GA, está pautada principalmente na descrição dos padrões característicos de cada elemento¹⁰ codificado, sendo que a base da elaboração destes padrões técnicos é realizada sobre os conceitos da biomecânica (alavancas, pontos de apoio, inércia, entre outros).

Por este motivo, é que optamos por utilizar o termo Objetivo (Técnico), para representar este carácter e todos os aspectos que nele estão inseridos, a respeito da GA.

¹⁰ Elemento é o movimento ou conjunto de movimentos que recebe uma identificação (nome) no interior do Código de Pontuação da GA. Cada elemento é classificado com um valor específico dentro deste código.

A COMPOSIÇÃO BRASILEIRA E SEUS VALORES

Paralelamente a estes movimentos internacionais, o Brasil no seu próprio contexto, veio construindo sua prática de GA, absorvendo muitas destas influências.

Publio (1998 : 173) relata que graças à chegada dos imigrantes alemães na região sul do Brasil e ao “*Bloqueio Ginástico*”¹¹ estipulado na Alemanha entre 1820 e 1842, que impedia o desenvolvimento deste esporte, a Ginástica criada por Jahn expandiu-se por todo o mundo, inclusive introduzindo seus primeiros passos nas colônias brasileiras.

Abrimos aqui uma janela para lembrar das atividades artísticas que preconizaram a Ginástica, como o circo e o teatro. Após serem consideradas imorais, em meados do século XIX (Soares, 1998), ambos se afastaram da construção e do desenvolvimento do esporte, principalmente da Ginástica, permitindo que a GA seguisse um curso natural, a caminho da razão objetiva. Portanto, o caráter espontâneo e “*natural*” que caracterizava este tipo de atividade física, passou a ser substituído por padrões “*mais racionais*” trazidos da Europa.

Em 1867, funda-se a Sociedade de Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA), no Rio Grande do Sul. Em 1868 nasce o Clube Ginástico Português, no Rio de Janeiro, e em 1888 cria-se a União de Ginástica Alemã, em São Paulo, além de outros clubes e colégios que surgem no mesmo período.

No “*Brasil República*” (1889 – 1930), segundo Marinho (s/d), a Ginástica inicialmente teve sua orientação baseada nos métodos alemão e sueco, e posteriormente, a partir de 1921, na Ginástica francesa. Enquanto organização política, com o decreto de 1905, apresentado por Jorge de Moraes, estabelecia-se a Ginástica sueca e outras atividades físicas como prática da Educação Física, no Ginásio Nacional, no Colégio Militar e na Escola de Aprendizes de Marinha. Com a criação de outras duas escolas de Educação Física, uma militar e outra civil, progressivamente foi ganhando espaço em todos os âmbitos sociais, particulares e públicos. Em 1928, a Educação Física é incluída no ensino primário, e em 1931 no ensino secundário, desenvolvendo a Ginástica escolar, pelo Método Francês. Este processo cresce, ampliando a produção científica e literária da área, criando os primeiros cursos de Educação Física e disseminando esta prática por todo o país.

¹¹ O Bloqueio Ginástico foi um acontecimento motivado por divergências políticas e sociais, principalmente entre o governo alemão e Friedrich Ludwig Jahn, que caracterizou-se pela restrição e proibição da prática da Ginástica por um longo período, conforme explica mais detalhadamente Publio (1998).

Em 1951, o Brasil filia-se a FIG, por meio da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), podendo assim iniciar sua jornada internacional, e dando início ao primeiro Campeonato Brasileiro de Ginástica. Conforme Publio (1998 : 210) só em 1978 é que surge a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), após o reconhecimento oficial da modalidade e da nomenclatura “*Ginástica Olímpica*”. Este período alavanca o desenvolvimento da Ginástica brasileira e permite que nossos técnicos e atletas aperfeiçoem seus conhecimentos com o intercâmbio internacional.

Gradualmente, a modalidade vem atraindo um grande número de praticantes, de profissionais, técnicos estrangeiros, principalmente do leste europeu, permitindo o intercâmbio internacional de técnicos e atletas, conseqüentemente aumentando a qualidade do trabalho realizado no Brasil.

Estes acontecimentos têm levado alguns representantes brasileiros, como árbitros, técnicos e atletas, a participarem da maioria dos eventos internacionais, inclusive Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos, alcançando bons resultados em nível sul-americano e pan-americano, principalmente na categoria feminina.

Tais acontecimentos demonstram a velocidade com que a GA está se desenvolvendo no Brasil, e motiva-nos ainda mais nesta tentativa de contribuição, no entanto, revela-nos o quanto a influência européia vem conduzindo o trabalho aqui realizado.

Nesta corrida para acompanhar o desenvolvimento internacional da modalidade, os valores trazidos de outros países e inseridos aqui, receberam grande aceitação e poucas críticas, talvez como um ato de respeito às “*escolas*” mais experientes. Pouco se fez para adaptar estes moldes à realidade local.

Podemos dizer que, a realidade brasileira está estruturada, assim como a européia, já descrita anteriormente, sobre alicerces positivistas, os quais valorizam o caráter Objetivo (Técnico) da GA.

Na seqüência deste texto, ampliando a discussão sobre este aspecto da GA, estaremos apresentando, descrevendo e discutindo alguns “*Mecanismos*”¹² que fazem parte deste caráter, e que para nós representam e caracterizam esta porção da GA.

¹² Chamamos de Mecanismos, algumas características notoriamente objetivas, que servem como ferramentas de manutenção ou afirmação deste paradigma Objetivo-Técnico, natural as atividades esportivas atuais e acabam sendo pilares desta condição e portanto contribuem para entendermos este fenômeno.

COMPONDO AS SÉRIES OBRIGATÓRIAS

Dando seqüência sobre o que seja este caráter Objetivo (Técnico) em relação a GA, e como ele se apresenta para a modalidade, descreveremos um fenômeno que vem acontecendo atualmente durante as performances competitivas desta modalidade, que denominamos aqui “*Obrigatoriedade Latente*”.

É sabido que desde 1997 as “*Séries Obrigatórias*”¹³ foram abolidas do universo competitivo internacional de alto nível (Nunomura, 1999), no entanto, o paradigma positivista ou “*tecnicista*” dominante, que pressupõe uma ordem na concepção da técnica, dos movimentos, e naturalmente das apresentações, continua direcionando a prática para uma igualdade, para um padrão quase de obrigatoriedade nas execuções, isto significa dizer que, mesmo as orientações da FIG negando em teoria este acontecimento, na prática as pessoas continuam focando seus esforços na utilidade, nos resultados, na busca dos elementos que permitam uma eficiência maior com o menor esforço possível, arriscando muito pouco, restringindo a criatividade e a originalidade simplesmente à maneira de combinar objetivamente os movimentos e elementos.

Para ilustrarmos, citamos o exemplo das “*Seqüências Acrobáticas*”¹⁴ exigidas nas séries de solo, que necessariamente possuem uma “*Dificuldade*”¹⁵ a ser cumprida. Como temos observado nas últimas competições internacionais, a grande maioria dos ginastas tem optado por seqüências acrobáticas para a frente, isto é, mortais seguidos de mortais com acréscimo de múltiplas piruetas, que cumprem as “*Exigências Especiais*”¹⁶, e ao mesmo tempo são mais fáceis e mais seguras de serem realizadas, deixando outras várias possibilidades fora destes eventos, como se estas nem existissem.

¹³ Segundo a FIG (1993), “*Séries Obrigatórias*” constituem-se por seqüências de movimentos e elementos que devem cumprir algumas normas (exigências) específicas para cada aparelho. Estas séries surgiram e foram utilizadas por muito tempo sob o discurso de que orientavam o trabalho de todas as nações que praticavam a modalidade, permitindo a evolução e desenvolvimento técnico nos países com menos recursos e tradições, sendo um excelente mecanismo para tornar comum o conhecimento do esporte e também como um facilitador de avaliações em competições (padronizador).

¹⁴ Seqüência Acrobática é um termo técnico existente na linguagem própria à GA, utilizado para definir um conjunto de elementos, do grupo das acrobacias, realizados em seqüência.

¹⁵ Dificuldade significa o grau de complexidade que foi atribuído ao elemento, podendo variar de A a E / Super E.

¹⁶ Exigência Especial significa o nível de dificuldade dos elementos que serão necessários na elaboração de uma série, para que a nota parta do valor máximo 10,00 pontos.

Acreditamos que o principal motivo deste fato, é que, segundo afirma a FIG (1997a), o objetivo é cumprir as Exigências Especiais não importando com quais elementos, preenchendo o restante da série com elementos a partir da individualidade do ginasta.

Este fato tem sido observado na maioria das apresentações, retomando parcialmente o aspecto monótono das extintas composições obrigatórias, desfocando assim o sentido das séries ou composições “*Livres – Não Obrigatórias*”, graças à soberania do pensamento objetivo, justificando nosso entendimento da GA como uma prática exercida sob uma leitura extremamente objetiva.

Novamente, observamos que este e outros acontecimentos se dão devido a uma consolidação histórica sobre uma estrutura objetiva encontrada na realidade, embutida em direcionamento positivista. Esta realidade merece ser estudada no momento em que cogitamos a construção de um saber atual relevante, onde o mecanismo da obrigatoriedade se faz presente.

A REGRA E A PRIMEIRA QUEDA

Dentre as principais características impostas ao esporte de rendimento, destacamos as chamadas “*Regras*”, como outro mecanismo que adquire força perante todos os desdobramentos da prática da GA. Estas regras internacionalmente convencionadas, devem ser seguidas para que seja possível a prática internacional desta modalidade sob os mesmos padrões, e também para que se alcance a performance ideal segundo as perspectivas das organizações e das pessoas que fomentam a mesma.

Este caráter Objetivo (Técnico), que além de manter um padrão nas atividades permite uma avaliação precisa, respaldada por um regulamento claro e específico, não surgiu com o advento do pensamento moderno, ele foi construído muito antes da modalidade GA constituir-se oficialmente.

Para avançar nesta reflexão, como afirmam Langlade e Langlade (1970) e Ramos (1982), o levantamento de alguns momentos e fatos históricos, que fazem parte desta consolidação, podem ajudar a encontrar a lógica que conduz a esta visão.

No segundo grande salto da história da humanidade, período conhecido como Idade Média, não houve uma grande valorização para as atividades físicas, ou seja, nele a prática

corporal viveu uma situação de inexpressão e esquecimento, devido à valorização do divino, da alma, e da face espiritual do homem, tornando o corpo, enquanto porção física do homem, um simples coadjuvante na passagem pela vida terrestre. (Marinho, s/d).

O pouco que se fez foi manter as atividades físicas relacionadas com a guerra, o fortalecimento físico e a aptidão de combate, surgindo alguns jogos coletivos.

Talvez um olhar mais atento revele-nos que a maior contribuição desde período, foi transformar os Torneios, antigas disputas sangrentas, em Justas, ou seja, jogos que estabeleceram as primeiras regras e conceitos de humanismo e lealdade, resultando assim num menor ou quase nulo derramamento de sangue, entre outras particularidades, como apresenta Ramos, 1982.

Nesta breve incursão histórica, percebemos que a introdução destas primeiras regras adquire um significado em direção ao forte movimento de busca do controle, da justiça, da comparação, características próprias do pensamento objetivo que começava a florescer já na Idade Média, e que, segundo Martins (1996), ao longo dos tempos tornou-se hegemônico e perpetuado no esporte, principalmente com relação específica à GA de Alto Nível.

A FORÇA DO JULGAMENTO NA CONSTRUÇÃO DO CARÁTER OBJETIVO (TÉCNICO) DA GA

Nesta ordem objetiva e técnica que se estabeleceu, outro mecanismo marcante e influente é o “*Julgamento*”, que no contexto competitivo amplia seu valor, principalmente como forma de manutenção dos valores desejados para a GA, atraindo nossa atenção para uma reflexão mais aproximada.

Desde o início das competições de GA até o período pós II Guerra Mundial, as comparações ou avaliações das performances em competições de GA eram realizadas conforme um critério chamado de “*Impressão Geral*”, que consistia basicamente em uma análise individual realizada por árbitros convidados (Nunomura, 1999). Este critério subjetivo sempre esteve permeado de dúvidas, principalmente sobre sua capacidade de avaliação, asséptica às parcialidades individuais, conforme relata FIG (1997a.).

No entanto, nos Jogos Olímpicos de Londres (1948), “*erros*” ou distorções individuais no julgamento apontaram disparidades colossais entre as pontuações nas apresentações dos ginastas,

obrigando o Comitê Técnico Masculino (CTM) da Federação Internacional de Ginástica (FIG), a elaborar em 1949, um regulamento de apenas 12 páginas, e denominado de “Code of Points” (Código de Pontuação - CP). Este regulamento trazia em seu conteúdo, critérios para a análise ou julgamento das apresentações, divididos em três aspectos: Dificuldade, Combinação e Execução.

Segunda a própria FIG (1997a), estabelecia-se neste momento o início de uma base de comparação e julgamento que pretendia alcançar a imparcialidade, precisão e objetividade nos julgamentos, pareceres estes construídos sem levar em consideração a subjetividade humana, e que ofereceriam condições “*idênticas*”, uniformes e justas a todos os ginastas. Pensamento que é defendido ainda hoje, como cita Fink (1993).

Após esta primeira edição, o CP passou a realizar constantemente uma corrida a fim de acompanhar a evolução e o desenvolvimento da GA no contexto mundial.

Muitas mudanças, reformas ou interpretações foram realizadas no decorrer dos anos, porém, com o aumento da gama de informações e das responsabilidades dos técnicos, ginastas e árbitros, em 1964, foi realizado o primeiro Curso Intercontinental de Arbitragem, em Zurique (Suíça), que gerou o primeiro código que valeria por um Ciclo, período vigente de 4 anos, atualizando e padronizando vários fatores, inclusive nomenclaturas e conhecimentos dos árbitros. Esta foi sem dúvida uma grande reciclagem na arbitragem mundial.

Assim, de 4 em 4 anos o CP passou a ser atualizado, segundo estudos e congressos técnicos com especialistas escolhidos pela FIG.

Destacamos que, segundo a própria FIG (1993), durante a história do CP e da GA, a preocupação desta entidade, pelo menos no discurso, era de impedir que a GA se tornasse um esporte de “*sensacionalismo*”, o que segundo a própria federação seria uma exibição “*enganosa*” e cada vez mais em função das habilidades e tendências individuais.

Desta forma chegou-se ao código vigente, datado de 1997, referente ao 9º Ciclo, aplicado no período de 1997 a 2000, que ainda contempla critérios duvidosos, sobre a melhor, mais objetiva e justa forma de julgamento, como colocam Nunomura (1999) e Normile (1997).

Entendemos, após esta rápida passagem pela construção do conceito de avaliação elaborado pela FIG, que tal regulamento tornou-se um forte mecanismo favorecedor do caráter Objetivo (Técnico), mesmo contendo alguns discursos a favor da expressão, da característica

artística e subjetivas pertencentes à modalidade, este mecanismo só vem ampliando o espaço e o valor dado a este caráter.

O CARÁTER OBJETIVO (TÉCNICO) COMO PARCIAL

“O mundo meramente “objetivo” é apaixonante e destruidor ao mesmo tempo, pois sacia o desejo de domínio e produz exaltação, mas separa o homem da realidade ao não permitir que ele funde relações de encontro. Esta forma de ruptura libera grande quantidade de energias, mas tal labareda é fogo que não purifica, consome.” Quintás (1993 : 118)

Este direcionamento paradigmático objetivo-racional, que vem revestindo a GA, valoriza características como a precisão técnica, o sucesso dos resultados, enfim, dá ênfase ao caráter Objetivo (Técnico) da GA. Por outro lado, como estamos falando de uma modalidade esportiva que também possui o lado artístico, a GA possui um outro aspecto, ou caráter, que titulamos de “*Subjetivo (Expressivo)*”.

Para Martins (1996 : 29-30), a subjetividade, que inserimos nesta discussão, aponta na direção de assumirmos “*a importância do componente estético-artístico*” para este fenômeno, contudo, não significa que estamos negando a possibilidade objetiva de construir o saber na sua totalidade, mas fundamentalmente, estamos buscando construir uma compreensão da GA, mediante a constante relação existente entre objetividade e subjetividade, mesmo sabendo que naturalmente esta modalidade tende a tornar-se mais objetiva para atender às necessidades do esporte. Porém, não se pode negar sua porção Subjetiva (Expressiva) ou Artística. Esta concepção, orienta nossas observações sobre GA, levando em conta todas as diferenças, perceptíveis ou imperceptíveis, concretas ou abstratas, de uma performance nesta modalidade. Neste sentido, Martins (1996) relata que, uma apresentação não pode ser realizada observando apenas o aspecto técnico, devemos considerar os “*componentes*” técnicos e também os de natureza estética.

Merleau-Ponty (1996), relata que o parecer científico objetivo de observação de um fenômeno, através do qual criam-se leis sobre a percepção, busca a construção definitiva do mesmo na consciência, como uma objetivação da subjetividade, no entanto, este direcionamento fracassa quando por exemplo, uma mesma apresentação gera sensações distintas, isto é, uma percepção diferenciada em cada pessoa ou até mesmo na mesma pessoa, em cada momento em que é observada.

Para ilustrar esta colocação de Merleau-Ponty, colocamos como exemplo, a execução de um elemento simples para a GA de Alto Nível, o salto “*mortal*”¹⁷. Por mais objetiva que seja sua descrição de precisão e eficiência técnica, é impossível realizá-lo igualmente duas vezes sequer. Cada uma delas levará a diferentes observações, mesmo que executadas sob condições idênticas e dirigidas aos mesmos. Em cada um destes momentos, cada um dos espectadores construirá um parecer diferente, conforme sua própria percepção e seu contexto particular, apontando um foco individual de observação, que neste exemplo poderia variar conforme os vários aspectos atentados, como altura, velocidade, forma, prazer.

Isto significa que, cada ginasta desenvolve uma forma particular de observar e construir sua GA, sua interpretação individual da modalidade, a qual sugere características que diferenciam-na, além daquelas que a objetividade propõe. Isto justificaria dizer que a GA admite a subjetividade, por meio da qual permite-se diferenciar um movimento, dizendo por exemplo, que aquele “*mortal*” foi mais alto, mais baixo, mais bonito ou mais amplo. Uma diferenciação existente, graças ao caráter Subjetivo (Expressivo) das apresentações.

É importante dizer que, o caráter Objetivo (Técnico) da GA, constitui-se fundamentalmente na observação, estudo e sistematização, sob o ponto de vista concreto e palpável. Este fato admite ainda, que a prática seja ensinada e aprendida, segundo um critério de aproveitamento de um modelo técnico proposto. Por outro lado, o caráter Subjetivo (Expressivo), aparece principalmente graças à diferenciação estética ou da expressão artística, possível na observação das particularidades de cada apresentação, cada ginasta e cada execução.

Respeitando a importância e a necessidade do caráter Objetivo (Técnico), perante todo o contexto da GA, entendemos que esta modalidade não se esgota no concreto, no objetivo, no

¹⁷ O Salto Mortal, é um elemento particular da GA, descrito tecnicamente como uma rotação simples de 360° sobre o eixo transversal do corpo, sem que nenhuma parte do corpo toque o solo durante esta rotação, possuindo três partes distintas: o salto, a rotação e a aterrissagem, e três formas básicas: Grupado, Carpado ou Estendido.

paupável, na técnica, ela se expande à expressão, ao artístico, à estética. Martins (1996) afirma que existe uma relação entre o caráter objetivo e o subjetivo, e a GA deve estar compreendida neste contexto. Enfim, esta prática possui este outro caráter que vamos apresentar e discutir na seqüência deste texto.

COMPONDO NOVAS SÉRIES PARA A GA: A PREPARAÇÃO PARA O SALTO

Diferentemente do que fizemos no início deste texto, quando escrevemos “*Um Sonho de Apresentação*”, e apenas o aspecto Objetivo (Técnico) foi explicitado e valorizado, reconsideramos a GA a partir da inclusão dos dois aspectos, tanto o Objetivo (Técnico) quanto o Subjetivo (Expressivo), descendo outra apresentação desta modalidade para que talvez nos permita entender melhor porquê da abordagem destes aspectos no presente estudo.

O ginasta aproxima-se do tablado com um olhar tranqüilo, caminha suave e elegantemente até uma das extremidades, faz uma pausa, estende seus braços para cima, como uma forma de apresenta-se ao mundo (árbitros, público e mídia), respira profundamente e sorri.

Logo em seguida inicia sua série, com várias acrobacias, saltos, giros, entre outros movimentos de muita beleza e plasticidade.

Durante toda sua apresentação, seu corpo demonstra plena harmonia com o aparelho, fazendo parecer que todos os seus movimentos são absolutamente simples e fáceis de serem realizados, meramente como uma exibição de talento e prazer expressos pela arte de fazer Ginástica.

Ao final desta exibição, seus olhos brilham como os de uma criança que acabou de realizar uma proeza.

Como um filme, que utiliza uma seqüência de imagens, esta breve narrativa veste palavras que criam uma outra imagem da realidade, uma outra possibilidade de uma performance de GA. Nesta nova performance, o caráter Subjetivo (Expressivo) possui seu espaço, permitindo que se percebam detalhes da expressão, do valor estético e artístico de uma apresentação, por exemplo.

Diferentemente da ficção que havíamos criado na primeira narrativa, esta outra representa uma interpretação ou uma descrição de uma situação real. Como não é uma cena criada, sonhada

ou forjada por nossa imaginação, pode ser apreciada nos lugares onde a GA é desenvolvida com profundidade.

Dentre as oportunidades possíveis de observar a GA, como a “*Arte de fazer Ginástica*” que acabamos de descrever, duas delas tornam-se mais concretas por ampliarem as características desta modalidade. São elas: as aparições particulares, no cotidiano dos grandes centros de excelência desta modalidade; e as aparições públicas, conhecidas como competições de alto nível.

Abrindo um parênteses neste estudo, cabe destacar que a GA tem estado em foco em minha vida pessoal, como praticante ou profissional, ao longo dos últimos quinze anos. Neste período, muitos pensamentos, inquietações, idéias e principalmente um prazer enorme, com relação às práticas gímnicas, impregnou minha vida. Estes sem dúvida, são os motivos pelos quais optei por focar meu estudo no universo da GA.

Acreditamos que, esta relação, homem-movimento-percepção ou ginasta-Ginástica-mundo, só é possível se existente na simultaneidade da objetividade e subjetividade, constituindo assim a totalidade, como observa Lukács (1982a.).

Para entendê-la, podemos vislumbrar este fenômeno sob várias perspectivas, seja como intuito de julgar, como o observado pelos árbitros, seja pelo valor da pura admiração, como o desejado pelo público, ou pela necessidade de demonstrar sua arte, exercida pelos próprios ginastas e seus técnicos. Mas devemos ressaltar que o caráter Subjetivo (Expressivo) que estamos começando a apresentar, deve-se primordialmente ao fato de estarmos tratando de um esporte de caráter artístico, como relata Martins (1996 : 29). Este autor revela ainda que, dentre estas modalidades de caráter artístico ou subjetivo, podem ser incluídas também a Patinação Artística, a Ginástica Rítmica, o Nado Sincronizado e os Saltos Ornamentais.

Pretendemos, neste trecho seguinte do trabalho, romper a inclinação paradigmática racional-objetiva de ver o mundo. Desta forma, buscamos tratar o esporte e fazer ciência diferentemente da maneira criada no século XVII com a “*Revolução Científica*”, e mantida perante ainda hoje, como afirma Santos (1995 : 11). Visamos realizar uma releitura da GA que admita e inclua seu caráter Subjetivo (Expressivo), isto é, sua porção artística.

Este caráter Subjetivo (Expressivo) e algumas das características que o compõe serão colocadas a seguir.

EM BUSCA DE UMA GA MAIS EXPRESSIVA E HUMANA

“Gente é que somos, e não máquinas, como afirmou Chaplin, conclamando-nos à nossa condição de humanos.” Freire (1991:53)

Quando falamos do caráter Subjetivo (Expressivo) da GA, incluímos algumas características na discussão desta modalidade, como é o caso do valor humano de cada apresentação, da expressão particular, da estética e do artístico.

Como na citação de Freire, colocada logo acima, entendemos que este caráter Subjetivo (Expressivo) da GA dá-lhe uma característica mais humana, e portanto, retoma o valor da expressividade e da individualidade do atleta que se apresenta.

A crise vivida pela humanidade a respeito dos valores humanos já vem acontecendo há muitos anos, e acreditamos que essa volta ao passado histórico pode contribuir para que entendamos melhor esta condição humanizadora.

Com o processo de decadência da civilização Greco-Romana, a Ginástica deixou de ser prestigiada e valorizada como vinha sendo até então. No entanto, de acordo com Ramos (1982), foi com o Renascimento ou Idade Moderna, através desse movimento chamado Humanismo, que se reconcilia a educação intelectual, moral à física. Houve o retorno do desenvolvimento da atividade física como fenômeno socio-cultural, caracterizando um grande salto na evolução da Ginástica. Neste período surge uma grande quantidade de novos estudos sobre a Ginástica, incluindo as obras: *“Arte da Ginástica”*, do italiano Gerolamo Mercuriale, e *“Da Ginástica”*, do francês Rousseau, entre outras.

Para Ramos (1982) e Marinho (s/d), estas obras contemplavam, na sua maioria, influências da cultura grega, resgatando o olhar deste povo sobre a atividade física, e assim, mantendo o conceito do termo Ginástica, como exercícios físicos em geral. Estes autores da época, dissertavam sobre, as possíveis aplicações, utilidades, problemas, e orientações sobre as atividades físicas. Langlade e Langlade (1970) lembram que este material foi muito importante para o desenvolvimento futuro da Educação Física, servindo como *“alimento”* para os pensadores seguintes, principalmente porque foram transmitidos nas universidades, nos cursos sobre

educação, que surgiram em grande número neste período, e que começaram a incluir estudos sobre atividades físicas em seu conteúdo.

Entendemos que a ênfase aos valores humanos e a retomada dos valores greco-romanos sobre o corpo ocorridas neste período histórico, mesmo desenhando-se sob a tutela da igreja e da religião, foi importante, principalmente, por valorizar o ser humano que buscava as atividades físicas e o valor estético destas atividades.

Trazendo estes valores para os dias atuais, acreditamos que uma das características do caráter Subjetivo (Expressivo) é possibilitar uma GA que valorize mais a pessoa que está praticando, isto é, a sensibilidade humana de uma apresentação.

O PRIMEIRO PASSO NATURALMENTE ESPONTÂNEO

“O desejo de salvar a capacidade criadora do homem levou os pensadores existenciais e os diálogos a acentuarem sempre de novo a necessidade de superar os estreitos e asfixiantes canais do pensamento objetivista.” Quintás (1993 : 16)

Uma das características do caráter Objetivo (Técnico), é a de buscar essencialmente uma padronização ou modelos técnicos, onde a GA possa se basear para seu desenvolvimento, levando-se em conta que, nesta perspectiva, uma apresentação é tomada em observação anotando exclusivamente seu lado palpável. Contudo, características como a criatividade e a espontaneidade, não fazem parte desta padronização, e portanto situam-se no âmbito do caráter Subjetivo (Expressivo), mais proximamente às características subjetivas desta modalidade.

Neste sentido, retomar o olhar numa perspectiva primitiva, alheio aos “*pré-conceitos*” positivistas, talvez permita observações sobre o outro caráter da GA. Assim, voltamos mais uma vez aos acontecimentos históricos, onde procuramos encontrar respostas para entendermos melhor estas características e a condição que essas se encontram.

No passado mais primitivo, no período da Pré-História, a atividade física baseava-se principalmente na luta pela sobrevivência. Já existia porém, com menor expressão, as atividades de competição e recreação. De certa forma, havia uma tentativa de sistematizá-las para que fosse

possível seu aprendizado e assim garantisse a manutenção da vida. Assim, foram se constituindo culturalmente os primeiros ritos e mitos em atividade física. Estes fatos eram motivados principalmente pelo vínculo com a religião e com a arte, com afirma Ramos (1982 : 16-17).

Marinho (s/d a) caracteriza este momento apontando um caráter natural, espontâneo e criativo no movimento do homem primitivo, mesmo dando ênfase na sua utilidade e visando o desenvolvimento físico. Ressalta ainda, que a criatividade, a naturalidade e a espontaneidade foram deixadas de lado e, a característica de utilidade é que serviu de base para a elaboração dos métodos modernos, como os de Hébert e Amorós no Séc. IXX, cujas conseqüências permanecem até hoje.

Entendemos, que a criatividade e a espontaneidade representam uma porção natural, isto é, fazem parte da motricidade humana e, conseqüentemente, das apresentações em GA. Desta maneira, estas características, mesmo que deixadas um pouco de lado na atualidade, existem e fazem parte das performances em GA, e portanto, situam-se e contribuem para configuração do caráter Subjetivo (expressivo) desta modalidade.

A ASCENSÃO DA BELEZA ARTÍSTICA E O PRIMEIRO DOS GRANDES SALTOS

“No processo de interpretação, a partitura e demais meios expressivos de caráter técnico conservam toda a sua importância, mas ficam inseridos na dinâmica do processo expressivo, que os transborda e potência. Quando o intérprete “domina” a obra e entra com ela em relação de presença, a partitura e todos os meios que a atividade interpretativa mobiliza passam para um segundo plano discreto, entram em estado de transparência. Não são desconsiderados. Continuam atuantes em todo momento, mas não reclamam a atenção de ninguém, nem do intérprete nem do espectador. São “elementos mediacionais” que não se interpõem entre o intérprete e a obra, antes servem a esta de veículo vivo de presença.” Quintás (1993:113)

Dentro do que chamamos de caráter Subjetivo (Expressivo) da GA, situam-se fundamentalmente as discussões sobre o belo e os desdobramentos das possibilidades estéticas. Estes aspectos é que dão sustentação para manter esta modalidade infinitamente passível de diferentes interpretações e transformam esta prática em uma leitura particular, dentro dos limites que as regras permitem.

Para Tiedt (1999 : 194), “*é possível criar ligações entre esporte e arte de diversas formas (...)*”, principalmente pelo fato desta prática, em algumas modalidades, envolver manifestações ou apresentações de forma expressiva. Este posicionamento descreve que o esporte não se resume “*nas suas técnicas de movimento*”, como o próprio autor completa.

A arte possui seu caráter estético e por conseguinte, torna-se comunicativa e significativa, como Pareyson (1993 : 271) relata nas seguintes palavras:

“A comunicabilidade da arte tem uma eficácia tão grande e profunda, que a simples frequência das obras é capaz de instituir um gosto, que é um modo de ver e apreciar, mas também um modo de pensar e sentir, e a simples presença de uma arte cria para si o seu próprio público, (...)”.

Entendemos que a GA possui uma característica “*estética*”, inerente e significativa, que lhe garantiu em grande parte o sucesso adquirido ao longo dos tempos, trazendo o respeito e a admiração de muitos daqueles que tiveram oportunidade de observá-la, contudo, no presente ela está cada vez mais direcionada e impregnada de valores do caráter Objetivo (Técnico).

“*Os valores Estéticos*”, segundo Sérgio (s/d .b : 86), apresentam-se acima dos demais, principalmente por dois motivos: primeiramente pela característica “*contemplativa*” do homem e seu “*encantamento*” pela arte, pelo belo; e em segundo, pelo caráter “*criador*” ou criativo, que supõe a arte, e caminha além da sua “*admiração*”. Assim, entendemos o aspecto estético da GA pertencente ao caráter Subjetivo (Expressivo), por estar ligado aos conceitos particulares e individuais de cada observador ou praticante.

Pareyson (1993 : 304-305) revela ainda que, entender a “*estética*” significa observar a obra ou o fenômeno na sua totalidade, e completa dizendo que “a *estética deve tomar como ponto de partida uma fenomenologia da experiência artística.*”.

Nesta dinâmica dos tempos, houve um momento da humanidade em que a valorização estética não fora apenas uma possibilidade espremida nas lacunas das regras, mas considerada como a essência do movimentos, da Ginástica em geral, como um aspecto que deveria ser observado o tempo todo, sem medo ou “*pré-conceitos*”.

Como em uma apresentação memorável, precisamente no período chamado de História Antiga ou Antigüidade, a atividade física fora extremamente valorizada, afinal permitiam-se atingir vários objetivos, desde a formação do guerreiro, passando pela produção artística (artes plásticas: pinturas, esculturas, e na literatura), e chegando até às observações e discussões filosóficas. Mantinha-se o caráter utilitário e acrescentavam-se o formador, educador e moralizador. (Ramos, 1982)

Especialmente em relação aos povos ocidentais, desde os egípcios, caldeus, assírios, hebreus e fenícios, a atividade física começou a ser tratada com maior importância, tendo como expoentes desta dinâmica, Grécia e Roma.

Na Grécia onde floresceu o termo “*Ginástica*”, foi incorporado um espírito de culto ao corpo e ao vigor do físico. Este termo, remetia a um conceito ou significado bastante amplo, referindo-se a quase todas as atividades físicas possíveis de serem realizadas, com finalidade de exercitar o corpo, constituindo um vocabulário de movimentos amplo e plural, que abrangia uma grande quantidade de pessoas, por não apresentar exigências muito específicas, apenas priorizando a atividade física como forma de expressão artística ou de manutenção da saúde. Estudiosos da época, os filósofos, realizavam as primeiras reflexões sobre as práticas gímnicas, inclusive chegando a fazer ressalvas sobre as atividades ligadas às crianças e ao excesso de sua prática. Na Grécia, a Ginástica ocupava um espaço no processo de educação e da vida dos homens, carregada de um caráter artístico e mítico, como um ideal de beleza estética. Tanto as mulheres como os homens tinham acesso à prática gímnica, porém toda a grandeza e beleza das atividades corporais eram explicitadas no Jogos Olímpicos, criados pelos gregos e somente para o gênero masculino.

Em Roma, a Ginástica, com as características gregas foi bastante combatida por ser praticada, tantos nos exercícios como nas competições, com os corpos nus, como relata Ramos

(1982). No entanto, mesmo sem o ideal de beleza instaurado pelos gregos, as atividades físicas foram bastante desenvolvidas, principalmente no sentido de preparar para a guerra e para o trabalho. Estas atividades, até pelo caráter rude e perigoso, eram realizadas apenas por homens.

Como sabemos, estes momentos históricos não aconteceram como cortes ou isolados uns dos outros, como aparenta quando são feitas divisões cartesianas por períodos. Elas aconteceram e acontecem lentamente em espiral, alterando-se gradualmente dependendo do lugar e do tempo.

Compreendemos esta concepção grega de corpo, como uma demonstração grandiosa de conceber a Ginástica e seu o valor artístico, expressivo ou subjetivo. Demonstrando o encantamento das pessoas sobre sua beleza, plástica, estética. Estas características têm um subjetivismo aceito e que acreditamos ser possível, especialmente por sabermos que tais aspectos seduzem ainda hoje as pessoas a olharem a GA sob uma perspectiva mais encantadora.

Sobre a importância do caráter Subjetivo (Expressivo) nas modalidades de característica artística, Martins (1996 : 29) diz:

“Em linhas gerais, pode-se afirmar que a importância do componente artístico-estético decorre da impossibilidade de isolar o aspecto estético dos objetivos que orientam aquelas modalidades, ou seja, de não considerar o resultado desportivo independentemente da forma utilizada para consegui-lo.”

A própria FIG (1997a), admite que um dos principais objetivos da GA é uma apresentação estética, privilegiando a elegância, a expressão e amplitude dos movimentos do ginasta. Por outro lado, a importância do caráter Objetivo (Técnico), segundo esta entidade, está ligada aos aspectos de segurança, desenvolvimento técnico e formulação de métodos de avaliação precisos e eficazes.

Desta forma, a característica artística e o conceito de estética da GA, assim como os outros aspectos da beleza e da subjetividade da modalidade se fazem presentes e importantes, situando o caráter Subjetivo (Expressivo). Podemos dizer também, que estes aspectos acima citados, auxiliam na ligação entre os dois caracteres que abordamos neste estudo, impedindo que nosso olhar dicotomize a GA.

A NECESSIDADE DO CARÁTER SUBJETIVO (EXPRESSIVO)

“No cartesianismo, que ainda acomete quase todos nós, o homem sabia que existia porque pensava. Hoje, começamos a descobrir que existimos por tantas coisas! Há tanta lágrima e suor provando nossa existência quanto pensamentos e palavras. O divórcio da res cogitans (coisa pensante) com a res extensa (coisa extensa) foi um fracasso (para a maioria de nós). A divisão para compreender gerou a incompreensão. A coisa extensa não se comportou como mecanismos artificiais controláveis pelo espírito. Descartes e os homens que ele representava criaram uma natureza morta; mas a natureza morta mata o homem.” Freire (1991 : 54)

A sensibilidade da percepção humana permite fundarmos julgamentos e construirmos a realidade sobre alicerces subjetivos¹⁸, isto é, segundo Merleau-Ponty (1996 : 291), a sensação é parcial e intencional afinal é um sujeito que percebe o sensível, e que particulariza e diferencia as asserções sobre a realidade e sobre os fenômenos que vivência. Merleau-Ponty (1973 : 33) revela ainda que, a consciência sempre será intencional, e não uma análise de *“simples constatação ou observação”*.

¹⁸ Para Herbert Feigl apud Sérgio (s/d a : 48) o *“subjetivo, ao contrário do que a um primeiro relance de olhos poderá parecer, não se confunde com não-objetivo. Subjetivo significa, sobre o mais, que o estado mental de X só o X o pode experimentar directamente; mas Y pode inferi-lo, observá-lo. X. por seu turno, pode dá-lo a conhecer. E assim, como a metodologia científica refere que nada do que existe escapa à confirmação intersubjectiva, a relação íntima entre o subjectivo e a confirmação intersubjectiva assume, aqui, particular interesse, pois devolve à mente e aos estados mentais o estatuto de ciência que o behaviorismo lhes havia subtraído”*. Assim, segundo André (1995 : 18), reconhecer o caráter *“subjetivo”* significa *“penetrar no universo conceitual dos sujeitos para poder entender como e que tipo de sentido eles dão aos acontecimentos e às iterações sociais que ocorrem em sua vida diária.”*, como a fenomenologia o faz.

Desta forma, a ação de observação acontece na relação entre a objetividade e a subjetividade, mais precisamente na intersubjetividade, como relata Merleau-Ponty (1996).

“A sensação (segundo alguns autores) é o reflexo subjetivo da realidade objetiva. Nesta definição, a objectividade reside no facto de a matéria, ao agir sobre os nossos sentidos, produzir a sensação; mas, porque a sensação é função do sistema nervoso, intervém então o que na sensação existe de subjetivo.”, Sérgio (s/d b. : 40).

Entendemos a citação anterior, não como uma negação da objetividade dos fenômenos, mas como a relevância da subjetividade dos sujeitos que observam estes fenômenos.

Lorenz (1986), transcreve uma crítica bastante interessante sobre o cientificismo, onde afirma através de vários exemplos e colocações de outros autores, que culturalmente as ciências naturais foram impregnadas pela necessidade da lógica, razão, realidade, objetividade e compreensão. No entanto, devemos dar conta de aspectos que não estão presentes nisto tudo, como a sensação e a percepção da subjetividade. Há a certeza da sua presença, porém, não podemos medi-la, defini-la ou representa-la por palavras ou símbolos, apenas devemos aceitar sua existência. Esta percepção, certamente faz com que cada um interprete a GA conforme o seu próprio conceito de verdade e de realidade, gerados nas apresentações.

Tendemos a pensar que esta diferenciação individual subjetiva explica uma possível opção por uma ou outra performance, mesmo quando sabemos que ambas se construíram a partir de movimentos ou elementos idênticos, levando quase sempre a termos uma escolha pessoal, estética, ou subjetiva, como defendemos neste trabalho.

Freire (1991 : 69) relata que as igualdades são observadas, graças a um molde de observação positivista impregnado na formação do homem, e desaparecem no momento em que a análise, ou a observação, de uma apresentação que caminha para além da superficialidade e encontra a profundidade ou o “*detalhe*”. Em suas próprias palavras:

“A igualdade, que não sabemos ao certo como e quando existe, foi banalizada em muitas instituições; por exemplo, na escola. A igualdade é afirmada e reafirmada toda vez que vemos ações sendo realizadas com inúmeros indicadores de identidade mútua. Porém, afirmamos a igualdade por algum motivo que não sabemos ao certo o que é, pois, no detalhe de qualquer descrição, a diferença mostra-se muito mais visível que a igualdade.”

Enfim, compreendemos que o caráter Subjetivo (Expressivo) está presente na GA, como observamos nas diferenciações estéticas, expressivas, de criatividade, espontaneidade, entre outras formas. Desta maneira, este caráter demonstra-se importante e necessário para o desenvolvimento desta modalidade na sua totalidade.

UMA LIGAÇÃO GINÁSTICA ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

“Não se pode, de fato, estudar os homens à maneira do botânico, examinando uma samambáia, ou do zoólogo, observando o crustáceo; só se pode fazê-lo comunicando-se com eles (...)”.
Laplantine (1996 : 149)

Como relatamos anteriormente, todo o conteúdo desenvolvido acima, ou seja, a argumentação teórica construída sobre a necessidade de entender e levar em consideração tanto o aspecto objetivo-técnico, como o aspecto subjetivo ou artístico-expressivo da GA, revela nosso olhar sobre este fenômeno, diferenciando-se substancialmente do paradigma hegemônico atual, o qual entendemos estar voltado quase que exclusivamente para o aspecto objetivo-técnico.

Este posicionamento teórico, foi motivado por questionamentos surgidos da experiência prática, que somados aos conhecimentos teóricos existentes na área e com a devida orientação, configuraram-se mais concretamente neste estudo.

Neste sentido, entendemos que todo este esforço literário perde seu sentido, no caso de não conseguirmos realizar uma aproximação do mesmo com a realidade prática, isto é, do pesquisador com o fenômeno, ou como diz Peirano (1995 : 27), de “*ir ao encontro do outro*”.

Por isso, é que julgamos necessário voltar nossos olhares à prática, para verificar se o discurso exposto até aqui foi elaborado sobre aspectos realmente significativos e relevantes para a modalidade, e também para impedir que o romantismo, devido à nossa paixão pela GA, possa comprometer a cientificidade do trabalho. Neste mesmo sentido, Laplantine (1996), diz que não devemos buscar um humanismo não científico ou um cientificismo desumano, e sim um cientificismo humano.

Lakatos e Marconi (1986) relatam que, esta aproximação busca uma experiência que valide o estudo não apenas pela razão, mas pelo caráter científico, diferenciando-o de um parecer exclusivamente filosófico ou de senso comum.

Para Daolio (1998), esta referência à prática, na perspectiva da antropologia social, ocorreu no passado devido ao descontentamento de alguns pesquisadores em produzir qualquer conhecimento, distante do objeto de estudo e sem a existência de uma abordagem *in loco*, e atualmente a necessidade desta incursão à prática, justifica-se porque pretende encontrar subsídios, ou como relata Geertz (1989), porque pretende interpretar a lógica simbólica da atuação social de um determinado grupo sobre um fenômeno.

Este encaminhamento, além de procurar validar o raciocínio desenvolvido no texto, pode talvez, contribuir com novas informações que ampliem a discussão aqui estabelecida, ou ainda, pode auxiliar a esclarecer dúvidas pendentes sobre nosso posicionamento e as questões abordadas. Enfim, buscamos consolidar nosso olhar, no sentido de comprovar ou falsear cientificamente a lógica do raciocínio que desenvolvemos, expondo a veracidade e relevância do texto que elaboramos.

Portanto, concordamos com Goldmann (s/d : 15) ao dizer, que um conhecimento científico só é válido quando “*consiste na tentativa de atingir um máximo de adequação do pensamento à realidade*”, da teoria com a prática.

Assim, entendemos como necessário, um novo esforço para aproximar esta argumentação teórica com a realidade prática, ou seja, um esforço para contextualizar mais adequadamente este trabalho. Para tal, optamos em realizar uma Pesquisa de Campo, através da qual pretendemos

estabelecer um diálogo com profissionais que estão envolvidos diretamente com o fenômeno GA de alto rendimento. A proximidade com a realidade, devido à atuação constante destes profissionais, é uma condição que tende a nos ajudar a atingir nossos objetivos, colaborando principalmente para alcançarmos o respaldo para o posicionamento por nós assumido. Enfim, estes profissionais podem colaborar, com seus depoimentos, numa visão mais realista do tema tratado neste estudo.

Esta Pesquisa de Campo que sugerimos, devido ao seu caráter científico, deve evidentemente seguir alguns padrões metodológicos e técnicos, os quais descreveremos a seguir.

O PARTICULAR NO MÉTODO

“Será preciso convencer as pessoas que investigam o universo corporal a vencer as tentações da ciência clássica, dos procedimentos mais confortáveis, da idéia de clareza, do reducionismo simplista. Não será mais difícil investigar a complexidade que a simplicidade. Difícil será romper nossos próprios obstáculos internos, depois de tanto treino intelectual, de tanta herança positivista.” Freire (1991 : 60)

Conforme a preocupação relatada nesta citação de Freire (1991), e também como apresenta Richardson et al. (1989), entendemos que a identificação da natureza do fenômeno, do nível do aprofundamento e do direcionamento filosófico que se deseja para o estudo, faz-se necessária porque nos orienta na escolha da abordagem metodológica adequada para esta pesquisa.

Como acreditamos que o sujeito atue como mediador, e portanto, observe o fenômeno sob uma perspectiva particular e única, deixamos transparecer, ao longo deste texto, nosso posicionamento particular sobre o assunto, isto é, nossa sustentação filosófica e nossa visão de mundo. No entanto, esta condição incomodava-nos, no sentido de não sabermos como expressá-la sem que perdesse de vista o caráter científico.

Neste momento, precisávamos de um respaldo teórico de uma abordagem que atendesse nosso anseio, e, que desse condições e justificasse este sentimento de poder expressar o que entendemos sobre este fenômeno.

Acreditamos, que este sentimento, que acabamos de descrever, representa a mesma preocupação de Goldmann (s/d), quando apresenta a impossibilidade de uma concepção rigorosamente objetiva, segundo o parecer científico do conhecimento, mostrando que na relação sujeito-objeto, o entendimento do fenômeno é construído conforme uma particularidade do sujeito, a subjetividade, e a identificação acessível do objeto, a objetividade.

Este olhar particular¹⁹ do pesquisador, que nos inquietava, referente à escolha do método apropriado, tornou-se aceitável quando entendemos que a parcialidade ou, a não neutralidade, do pesquisador é natural a qualquer estudo, sendo assim aceita no universo das pesquisas de ordem qualitativa, como podemos ver no discurso científico apresentado por Schaff (1995 : 66), quando diz:

“Se, por outro lado, o elemento subjetivo no conhecimento histórico é atualmente tão evidente que só podem negá-lo os guardiões do museu positivista, (...)”

Este aspecto de parcialidade, parece-nos razoável para uma abordagem qualitativa, e garante enquanto sujeito-pesquisadores expressar-nos com amplitude e sensibilidade, levando em consideração toda nossa experiência sobre o assunto, sem abandonar o compromisso científico que um trabalho acadêmico de mestrado exige. Ou, como apresenta André (1995), fazendo dos pesquisadores mediadores entre os dados, instrumentos, sujeitos e objetos da pesquisa.

¹⁹ Quando utilizamos os termos “*particular*” ou “*pessoal*”, delimitamos a discussão dentro do contexto qualitativo de fazer ciência, e como relata André (1995), assumimos a parcialidade, ou não neutralidade, que remete a valores de nossa visão de mundo. Complementando o entendimento destes termos, entendemos que existem limites para esta “*subjetividade particular*” em se tratando de um estudo científico, como afirma Geertz (1989), principalmente para que a pesquisa não perca a realidade ou a “objetividade” de vista.

Em outras palavras, estamos concordando com Laplantine (1996 : 169) quando afirma:

“Nunca somos testemunhas objetivas observando objetos, e sim sujeitos observando outros sujeitos. Ou seja, nunca observamos os comportamentos de um grupo tais como se dariam se não estivéssemos ou se os sujeitos da observação fossem outros.”

Insistimos em dizer que, a particularidade expressada neste trabalho, é que garante nossa perspectiva sobre a GA e fundamentalmente, sobre como enxergamos a composição desta prática, ou ainda, como relata Hessen, (1987), é o que garante a plenitude da expressão do sujeito cognoscente que conhece.

Neste sentido, admitimos que o conhecimento só é possível na relação entre subjetividade e objetividade, entre o sujeito que conhece e o objeto que passa a ser conhecido, relação esta, definida por Geertz (1989), como uma relação de intersubjetividade²⁰, justificando o parecer particular que desenvolvemos neste estudo. Em outras palavras, significa que concordamos com este autor, quando diz, que cada um possui um olhar diferenciado sobre um mesmo fenômeno, ou seja, cada pesquisador construirá diferentes observações e portanto uma compreensão diferenciada sobre um determinado fenômeno, mesmo quando a abordagem se realizar sob as mesmas condições.

Portanto, este trabalho representa uma busca da compreensão do fenômeno GA de alto rendimento, e assim acreditamos na necessidade de uma metodologia interpretativa.

Esta escolha, por uma abordagem qualitativa, contribui para justificarmos a necessidade de uma incursão no espaço prático, através de uma pesquisa de campo, afinal segundo Lüdke & André (1986), a pesquisa qualitativa supõe um contato direto do pesquisador com o ambiente e as pessoas envolvidas com o fenômeno estudado.

Este viés metodológico interpretativo que sugerimos, está fundado teoricamente numa base filosófica que visa à compreensão e não à explicação dos fenômenos. Dentre as correntes

²⁰ O termo Intersubjetividade na obra de Geertz (1989) significa que todo conhecimento é construído mediante uma mediação entre a objetividade e a subjetividade existente em qualquer situação de aproximação entre sujeito e objeto. Isto significa que o sujeito constrói um entendimento sobre o objeto mediante seu olhar, o qual está impregnado por toda sua experiência cultural.

filosóficas e científicas que assumem este caráter interpretativo de olhar o fenômeno, destacamos a “*Antropologia Interpretativa*” de Clifford Geertz.

Estas reflexões ajudaram-nos a escolher o método que utilizamos nesta pesquisa, como explicitaremos a seguir.

ASSUMINDO O MÉTODO

Parece-nos que a “*dificuldade*” deste salto²¹ aumenta, no momento em que este enfoque qualitativo confronta-se com as características quantitativas ou objetivas deste fenômeno, como esporte de rendimento, solicitando um olhar cuidadoso e apurado, que não banalize a importância de cada passo nesta relação entre objetividade e subjetividade, principalmente para que este trabalho, este olhar diferenciado, adquira um caráter significativo quando apresentado à realidade prática de GA.

Quando passamos a pensar a subjetividade, imediatamente buscamos referências dentro do encaminhamento científico adotado pelo subjetivismo, protagonizado pela filosofia de Protágoras (Séc. V a.C.), que como apresenta Hessen (1987), discute a validade, ou a verdade do conhecimento, relativa ao sujeito que conhece e julga um determinado fenômeno. Nesta perspectiva, o homem é visto como a medida de todas as coisas, e diverge plenamente do paradigma objetivo e asséptico, contemplado na visão moderna do esporte de rendimento.

No entanto, há uma distância entre a concepção teórica subjetivista e a prática da GA. A primeira, caracteriza-se como subjetiva, e a segunda, no oposto, objetiva. Isto levou-nos a procurar outro referencial teórico que permita estabelecer uma relação que não só respeite mas leve em consideração o sujeito que conhece, via seu subjetivismo, e ao mesmo tempo, que exista um significado na realidade objetiva da GA. Buscamos uma abordagem que transite pelos hemisférios da objetividade e da subjetividade, alcançando o que o próprio Geertz chamaria, de “*Intersubjetividade*”, cujo objetivo é aproximar o conhecimento produzido à prática e vice-versa.

Conforme Triviños (1992 : 117) “*as posições qualitativas baseiam-se especialmente na fenomenologia e no Marxismo*”, e por isso distingue-se em dois tipos de enfoques: Os

²¹ O termo “*Salto*” na linguagem técnica da GA significa a passagem de um ponto para outro, sem que o corpo esteja tocando qualquer coisa. Contudo, este termo é utilizado aqui, de forma metafórica, representando a passagem de uma concepção de GA tradicional e operante, para a nossa concepção deste fenômeno.

"*subjetivistas-compreensivistas*" e os "*críticos-participativos*" ou dialéticos. Assim, a Antropologia Interpretativa de Geertz, situa-se no interior das abordagens "*subjetivas-compreensivistas*", e por isso entendemos ser apropriada para este estudo, principalmente por orientar-se com proximidade às nossas bases teóricas.

Nesta "*Antropologia Interpretativa*", o autor demonstra uma preocupação que valoriza e assume o sujeito, o pesquisador, e sua experiência cultural no olhar sobre o objeto, buscando compreender como é que um determinado fenômeno existe e como podemos entendê-lo, em seu contexto particular, e segundo nossas referências e influências culturais.

Sobre a compreensão da subjetividade e da objetividade segundo esta abordagem e de sua metodologia, Azzan Júnior (1993 : 95) escreve:

"Desse modo a antropologia interpretativa pretende se constituir num modelo de explicação da realidade que leve em conta a subjetividade dos sujeitos sociais. Porém, como o subjetivismo é sempre um risco para uma teoria que se pretenda científica, é necessário expurgá-lo – ainda que talvez apenas retoricamente – para então alcançar, com uma abordagem intersubjetiva, o caráter de objetividade pretendido."

Enfim, optamos em utilizar como base teórica, a "*Antropologia Interpretativa*", mais propriamente na teoria desenvolvida por Clifford Geertz, sobre a qual, construímos o raciocínio deste estudo, e na qual acreditamos poder obter o respaldo teórico necessário para este estudo.

Optamos por esta abordagem, entendendo que esta garante a proximidade necessária para a relação sujeito-objeto, ou entre a subjetividade e a objetividade, basicamente por não negar o sujeito cognoscente e seu olhar sobre o objeto, sem esquecer de construir a realidade objetiva na qual o objeto existe e se mostra ao mundo.

Durante o longo caminho que percorremos para compreender melhor o fenômeno GA, e consequentemente, período que permitiu elaborarmos esta leitura sobre a composição desta modalidade, sentimos certo isolamento, isto é, a lente através da qual estávamos olhando, parecia não aproximar a realidade e portanto mantinha-nos um pouco distantes da prática, daquilo que

está acontecendo o tempo todo, inclusive neste exato momento, nos espaços dedicados a esta modalidade. Assim este sentimento que tomava conta de nossas reflexões, levou-nos a buscar nesta realidade respostas como as que buscávamos quando iniciamos nossas incursões teóricas na literatura.

Para tal, procuramos apropriarmos de uma das principais características do método etnográfico²², chamada de “*interpretação*”, a qual segundo Geertz (1989 : 30-1), deve buscar a compreensão dos fenômenos no entorno de suas estruturas ocultas, mostrando o sentido no contexto em que está inserido. Para o mesmo autor, seria como dizer que, “*A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação do significado, uma avaliação das conjunturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas (...)*”. Ainda para Geertz (1989 : 28), o ato de interpretar é entendido da seguinte forma:

“A força de nossas interpretações não pode repousar, como acontece hoje em dia com tanta frequência, na rigidez com que elas se mantêm ou na segurança com que são argumentadas. Creio que nada contribui mais para desacreditar a análise cultural do que a construção de representações impecáveis de ordem formal, em cuja existência verdadeira praticamente ninguém pode acreditar. Se a interpretação antropológica está construindo um leitura do que acontece, então divorciá-la do que acontece – do que, nessa ocasião ou naquele lugar, pessoas específicas dizem, o que elas fazem, o que é feito a elas, a partir de todo o vasto negócio do mundo – é divorciá-la das suas aplicações e torná-la vazia.”

Como a pesquisa proposta, realiza-se em dois momentos: primeiramente abordando os Árbitros, responsáveis pelo julgamento da GA; em segundo lugar, os Técnicos, responsáveis pelo processo de ensino-aprendizagem; a interpretação também deve abranger estas duas fontes de informação.

²² Geertz refere-se ao método etnográfico, ou a Etnografia, como a base metodológica de todo seu trabalho, fazendo algumas alterações no método etnográfico desenvolvido anteriormente por Malinowski e por outros autores da antropologia social.

Estes dois grupos foram selecionados a partir do universo que conhecemos como elite, ou seja, daquelas pessoas que compõem a faixa mais experiente de uma determinada modalidade esportiva, sendo assim representativa no cenário brasileiro da GA. Damos preferência a profissionais que ou estão atuando em ambas as funções simultaneamente ou já exerceram no passado próximo. Fundamentalmente profissionais que possuíssem representatividade e capacitação nestas funções. Entendemos esta condição, de abordar estes sujeitos de duas perspectivas diferentes, como uma forma que pode nos ajudar a compreender as informações que buscamos, devido ao confronto de seus discursos e à maneira de abordarem a GA em cada uma das funções. Desta forma, selecionamos um grupo de 7 profissionais, de um universo de aproximadamente 50 possíveis. Este universo caracterizava-se por 30 árbitros e 20 técnicos, sendo que os técnicos dividiam-se em 12 de nacionalidade brasileira e 8 estrangeiros.

Com relação aos árbitros, como critério para selecionar tais profissionais, buscamos aqueles que possuíam envolvimento também próximo à prática de treinamento e não somente com a arbitragem, ou seja, profissionais que mantinham atividades como técnico ou com cargos técnicos em Federações ou na Confederação Brasileira de Ginástica (CBG). Considerando um universo aproximado de 30 possíveis, sendo todos de nacionalidade brasileira²³, optamos por abordar apenas cinco nesta perspectiva. Dentre os árbitros selecionados, todos possuem habilitação internacional concedidas pela FIG para atuar nesta função, sendo que dois deles constituem-se nas maiores autoridades brasileiras em arbitragem, ou como se denomina no universo da GA, são "*Árbitros Experts*", habilitados pela FIG.

Com relação aos técnicos, também optamos por 05 profissionais, mediante aproximadamente 12 possibilidades com naturalidade brasileira. Para a pesquisa nesta perspectiva, desconsideramos outras oito (08) possibilidades de técnicos estrangeiros²⁴ radicados no Brasil e atuantes em clubes brasileiros, principalmente pela dificuldade de comunicação lingüística. Os técnicos escolhidos, possuem representatividade por serem responsáveis diretos, pelas equipes principais (Elite) de 05 dos maiores centros de treinamento e excelência deste esporte no Brasil.

²³ Dentre os profissionais que atuam como árbitros, não é comum no Brasil, profissionais de outras nacionalidades que estejam trabalhando aqui, seja como técnicos ou em qualquer outra função, desenvolverem atividades nesta especialidade.

²⁴ Esta dificuldade de comunicação se dá, principalmente porque a maioria destes técnicos é de origem de países do leste europeu e não possuem fluência na língua portuguesa, fato este que poderia influenciar na qualidade da pesquisa.

Entendemos que a escolha destes centros se deu, devido ao entendimento de que eles estão totalmente voltados ao desenvolvimento da GA e acompanham de perto as evoluções e revoluções na perspectiva internacional, e praticam a GA na sua mais avançada forma enquanto esporte de rendimento, podendo expandir as chances de percepção da realidade atual.

Considerando que nossa pesquisa aborda cinco árbitros e cinco técnico, e somente sete profissionais foram selecionados, isto implica que dois selecionados participaram apenas como árbitros e outros dois apenas como técnicos, e os outros três participaram nas duas perspectivas, por estarem atuando simultaneamente em ambas as funções.

A TÉCNICA COMO BASE DO MÉTODO

“(…), principal preocupação na etnografia é com o significado que têm as ações e os eventos para as pessoas ou os grupos estudados.”

Spradley apud André (1995 : 19)

Este viés metodológico “*antropológico*”, sugere um caráter qualitativo de análise, elaboração e compreensão das informações, que utilize um enfoque interpretativo²⁵ na observação do fenômeno (André, 1995 : 16).

Para isto, assumimos para a Pesquisa de Campo proposta, uma análise de cunho etnográfico, onde mediante as informações obtidas por meio de entrevistas, pudemos construir a compreensão do fenômeno, ou como se chama em Etnografia, construir a “*Rede de Significados*”²⁶. Isto significa, compreendermos como os entrevistados da pesquisa vislumbram o caráter Objetivo (Técnico) e Subjetivo (Expressivo) da GA, a relação entre eles e a importância de cada um deles para a prática da mesma.

Na concepção tradicional da antropologia social, a construção do conhecimento científico se dava separada em dois momentos: o primeiro apenas descrevendo o objeto estudado, com a

²⁵Podemos destacar que este enfoque “*interpretativo*”, segundo Azzan Júnior (1993), tem sua origem nos estudos do Círculo Hermenêutico, estabelecidos particularmente segundo o entendimento de semiótica de Dilthey e da semântica-compreensão de Ricoeur, com algumas alterações.

²⁶ Termo utilizado por Geertz (1989), quando descreve as relações existente e seus significados obtidos pela soma de todas as ações de uma pessoa, como palavras e gestos, que possuem um sentido próprio à comunidade em que está inserido.

maior objetividade possível; e o segundo, interpretando as informações descritas, aceitando, com certo cuidado a subjetividade do pesquisador.

No entanto, para Geertz (1989 : 31), a Etnografia significa descrever, ou melhor, “inscrever” sobre o que se vê, interpretando e mapeando o “fluxo do discurso social”, na sua situação real, “fixando-o em formas pesquisáveis”, ou seja, a construção do saber, ou a compreensão do objeto, somente é possível pelo exercício da descrição e da interpretação ao mesmo tempo, ficando absolutamente impossível realizá-las em separado. Para este autor não existe descrição isenta da bagagem cultural do pesquisador e portanto isenta da interpretação do mesmo.

Esta “impregnação” cultural, que liga a descrição e interpretação, também é vista por DaMatta (1978 : 34) quando afirma:

“Tudo isso parece indicar que o etnólogo nunca está só. Realmente, no meio de um sistema de regras ainda exótico e que é seu objetivo tornar familiar, ele está relacionando – e mais do que nunca ligado – à sua própria cultura.”

Esta postura interpretativa utilizada pelos estudiosos que fazem uso da técnica etnográfica, é que permite entender o fenômeno ou, traçar sua “Rede de Significados”, conforme relata Geertz (1989).

Para Daolio (1998), referindo-se a Geertz (1989), este paradigma hermenêutico, valida e considera atentamente a subjetividade, libertando o pesquisador das amarras que os critérios de ordem da objetividade exigem, estabelecendo, assim, uma intersubjetividade do conhecimento, o que quer dizer entender o significado das “ações humanas” na sua totalidade e complexidade.

As informações devem ser consideradas o mais próximo possível da realidade, para que levem a um resultado expressivo, tanto no âmbito acadêmico como no prático.

Segundo Mauss (1993 : 23-24) interpretar, para a Etnografia, significa desconfiar, não admirar, nem irritar-se com o entrevistado, reduzir as dificuldades naturais da subjetividade do entrevistador, e nunca negligenciar detalhes ou submeter o fenômeno a uma observação

superficial. Desta forma, uma análise profunda através do exercício da descrição e da reflexão exaustiva, visando à objetividade, pode levar ao entendimento da lógica.

Para Malinowski (s/d : 35-36), o pesquisador deve tentar decifrar os códigos, ou os significados das atitudes e palavras, que não estão explícitos e sim subentendidos, tentando descobrir e entender o modo de pensar, agir e se expressar do entrevistado, para então descrever mais profundamente o fenômeno, sem ser enganado pela aparência.

Conforme Geertz (1989 : 15-16 e 22) interpretar significa primeiramente realizar uma "*Descrição Densa*", e isto é possível pois, "*A cultura é pública porque o significado o é.*". Isto significa realizar uma descrição da cultura (André, 1995 : 19), para que seja possível posteriormente tomar conhecimento da lógica do fenômeno.

Esta técnica etnográfica sugere vários recursos para se obterem as informações em uma pesquisa de campo, como entrevistas, observações, filmagens, e outras. Assim, dentre estas possibilidades, entendemos que a forma mais adequada para conseguir as informações que desejávamos para este estudo fosse através de "*Entrevistas*", sabendo que está é apenas uma das técnicas necessárias para um estudo propriamente etnográfico.

Os dois pilares da pesquisa, como destacamos anteriormente, os árbitros e os técnicos, são abordados e foram escolhidos porque acreditamos serem os responsáveis diretos por toda a prática da GA.

A opção pelas entrevistas se deu, principalmente por que a observação pura e simples já foi realizada ao longo da experiência prática do pesquisador, e poderia estar demasiadamente impregnada de valores que poderiam levar-nos à uma compreensão distorcida da realidade. Podemos dizer, que se trata da tentativa de, como diz DaMatta (1978), "*estranhar o familiar*" e "*familiarizar o estranho*".

Lakatos e Marconi (1986 : 173) apresentam a entrevista como :

“Um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. Trata-se, pois, de uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica,

proporcionando ao entrevistado, verbalmente, a informação necessária.”

A entrevista, dentro das abordagens qualitativas, representa uma ótima forma de colher informações e deve buscar extrair o máximo de informações do entrevistado, que futuramente poderão até levar ao entendimento das atitudes conscientes ou inconscientes a respeito do fenômeno, como relata Triviños (1992). O mesmo autor declara, que seguindo a linha interpretativa, o pesquisador deve dar atenção especial no sentido de atingir o máximo de clareza nas descrições do fenômeno.

Triviños (1992) relata ainda, que para estas entrevistas, podem ser aplicadas interrogativas diretas, perguntas avaliativas e questões hipotéticas, sem que o pesquisador entre em conflito com o entrevistado, visando adquirir confiança, respeito, ou como colocam Lüdke & André (1986), uma interação nesta relação. Estes últimos autores apontam uma grande vantagem na entrevista, praticamente em todos os casos; permitir captar imediatamente a informação desejada. Geertz (1989) coloca que uma entrevista é como um “*bate-papo*” amigável e profissional, entre o pesquisador e o entrevistado.

Assim, as entrevistas foram elaboradas e realizadas com um caráter “*Semi-Estruturado*”, abrindo espaço para o entrevistado expor mais detalhadamente suas opiniões, o que permite uma análise qualitativa mais adequada.

No entanto, para elaborar estas entrevistas, necessitávamos de questões norteadoras, que pudessem ajudar a obter respostas satisfatórias e com conteúdo específico, quando fossem dirigidas aos entrevistados.

Frente a esta situação, levantamos dois conjuntos de questões: o primeiro dirigido aos técnicos; e o segundo aos árbitros. Estas perguntas caracterizavam-se por serem bastante abrangentes e abordavam as questões que acreditávamos pudessem ajudar no estudo.

Para reduzir o número de questões e chegar até àquelas que realmente poderiam contribuir, realizamos simultaneamente dois estudos-piloto primários, com dois profissionais atuantes nas respectivas posições, que não faziam parte dos sujeitos selecionados para o estudo principal, e com níveis de atuação profissional similares aos dos selecionados.

Neste estudo primário, realizamos uma entrevista de aproximadamente duas 02 (duas) horas com cada profissional, dando o enfoque que cada perspectiva solicitava e aplicando todas as questões que havíamos levantado anteriormente. Posteriormente, realizamos a leitura e uma breve interpretação destas entrevistas, extraindo as questões mais relevantes e que constaram no roteiro definitivo²⁷.

Destacamos também, que este tipo de pesquisa sugere que as entrevistas não devem cair no formalismo superficial, isto é, na frieza da pergunta e resposta. Estas entrevistas indicam que quanto maior for a identificação do entrevistador com o entrevistado maior será a chance de obter-se as informações desejadas, assim, mesmo tendo um roteiro preestabelecido, as entrevistas podem ou não afastar-se dele para manter a conversa equilibrada.

A seguir iniciaremos a interpretação dos discursos obtidos através destas entrevistas.

²⁷ Os dois modelos de roteiros adotados para as entrevistas principais, estão dispostos nos Anexos I e II respectivamente.

NA PAUTA DE AVALIAÇÃO

“E ainda, o que faz um etnógrafo não é um retrato – ou uma reprodução – da realidade, mas uma interpretação, a sua interpretação da realidade, ou seja, a descrição etnográfica é marcada pelos traços distintivos do pesquisador – idade, sexo, cor, classe social, instrução. Não é, portanto, isenta de valor.” André (1995 : 117)²⁸

Na GA, como em todas as práticas esportivas de rendimento, as competições existem para que os atletas possam mostrar suas qualidades, e compará-las perante outros praticantes, seus adversários, numa constante busca dos limites da performance humana e em particular para esta modalidade, visando a perfeição e o espetáculo. (Barbanti, 1994).

Para que seja possível a competição internacional foi criada uma linguagem comum, descrita e definida no interior do “*Regulamento Técnico (RT)*”²⁹, o qual, orienta a prática da GA determinando suas características e limites como esporte.

Acreditamos que este documento, no contexto esportivo, seja de suma importância, pois remete à GA um conjunto de determinações, que por sua vez, devem ser aceitas e seguidas por aqueles que a praticam. Estas regras é que permitem a qualquer nação, e seus respectivos atletas, participarem de eventos nesta modalidade, desde que consigam adequar-se a estas exigências.

Com objetivo de tornar mais palpável ou de aproximar a teoria da prática, o RT cria um outro documento, com características mais didáticas e funcionais, conhecido como “*Código de Pontuação*” (CP), que agrupa e organiza as informações pertinentes às apresentações.

Dentre os conteúdos do CP, existem as descrições técnicas dos movimentos, seus respectivos valores, os critérios utilizados para avaliar as performances da modalidade e as regras éticas-morais chamadas de “*direitos e deveres*” dos árbitros, técnicos e atletas.

²⁸ A autora comentando as afirmações realizadas por Erickson, a respeito do papel do etnógrafo, em uma palestra ministrada na Universidade de São Paulo (USP).

²⁹ Regulamento Técnico é um texto elaborado pela FIG, particularmente por um grupo de pessoas com vasta experiência na área da GA, e que traz em seu interior todas as normas, regras, conceitos, fundamentações e características específicas que definem a GA como modalidade esportiva.

Não pretendemos julgar o valor ou o caráter destas regras, apenas entendemos que elas se constituem no mais importante guia para o desenvolvimento de uma modalidade esportiva, afinal, segundo elas é que a prática se molda.

Neste sentido, acreditamos que, devido ao caráter de representatividade e orientação adquirido pelo CP e a suas regras, alterações sutis em sua estrutura e, até mesmo, diferenças e divergências na sua interpretação, acarretam conseqüentemente mudanças que repercutem nos vários desdobramentos da prática da GA.

Como um efeito “*cascata*”, estas mudanças acabam direcionando a orientação dos técnicos no processo ensino-aprendizagem, influenciando e moldando os comportamentos e atitudes dos praticantes e do público, e até mesmo alterando as relações no processo de comercialização e marketing. Existe aqui um elo, constante e dinâmico, entre a teoria e a prática ou, entre o CP e as performances.

Consideramos que neste contexto, os mediadores primários entre as regras e a prática, são aqueles que avaliam as performances, os árbitros, e seus posicionamentos sobre a GA. Eles podem contribuir para o entendimento mais aproximado da realidade e, por conseguinte, gerar informações mais eficazes para a prática.

Entendemos também que, estes julgamentos na maioria dos casos, são observados atentamente por técnicos e atletas, que buscam identificar a lógica e os valores utilizados pelos árbitros para interpretar as regras. Esta observação possibilita a construção de uma resposta mais eficaz no momento de uma apresentação.

Conforme relatamos anteriormente, entrevistamos 05 (cinco) profissionais que atuam como árbitros, todos com habilitação internacional concedidas pela CBG e FIG. O conteúdo destas entrevistas, suas transcrições, é bastante vasto, pois descreve cada uma das duas seções, de 02 (duas) horas aproximadamente, de conversas realizadas com cada entrevistado, e portanto não serão disponibilizadas neste texto final.

Referindo-nos aos árbitros e seguindo os requisitos técnicos etnográficos de “*descrição e interpretação*”, como destaca Erikson in André (1995 : 45), procuramos primordialmente, durante a interpretação destas entrevistas, penetrar na lógica do discurso destas pessoas.

No levantamento deste contexto particular, a partir da interpretação dos significados dos discursos destes profissionais, pretendemos verificar como estes árbitros, sujeitos desta pesquisa,

entendem o caráter Objetivo (Técnico) e o Subjetivo (Expressivo), a relação existente entre eles, e a importância dada a cada um na realidade da GA, conforme apresentamos a seguir.

ÁRBITRO 1:

*“A ginástica é um esporte de pequeníssimos detalhes.
Aquele milímetro fora do lugar (...).
O que vale é a exatidão, depende da perfeição do início ao fim.”*

O envolvimento deste árbitro com a GA inicia-se por meio da prática, como atleta, antecedendo então, sua experiência como profissional. Durante 10 anos, “*treinou*” em um clube de grande representatividade no estado de São Paulo, entidade de renome e relevância para a modalidade, na época.

Neste ambiente teve oportunidade de participar de competições de nível nacional e internacional (sul-americano), assim como, de outros tipos de intercâmbio técnico-cultural. Esta oportunidade estendeu-se pelo fato de conhecer e ser orientado por profissionais que neste período possuíam conhecimento aprimorado e experiência sobre o assunto GA e ainda, ocupavam “*cargos*” na elite pensante e administrativa da GA.

Após este período como atleta, optou por atuar profissionalmente na área da Educação Física, particularmente no segmento da GA, graduando-se em Educação Física e iniciando sua prática como técnico, aprofundando ainda mais seu vínculo com o esporte.

Entendemos a passagem da posição de atleta para técnico, atentando para os conhecimentos sobre GA, como uma continuidade das experiências adquiridas como atleta e também como uma demonstração da atração desta pessoa para com a GA. Talvez este seja o motivo mais importante pelo qual este árbitro vem empregando seus esforços nesta modalidade.

Esta atuação profissional como técnico de GA estendeu-se por 33 anos, sendo que 30 deles foram direcionados para a prática de alto rendimento, visando à performance competitiva dos atletas. Como resultados mais expressivos desta jornada, destacamos que o mesmo conseguiu levar ginastas à seleção brasileira, participando de competições nacionais e internacionais, como Jogos Pan-americanos e Campeonatos Mundiais, atingindo uma excelente qualidade na performance e nos resultados, contribuindo para que o padrão da GA feminina brasileira crescesse

muito nesta última década. Estes acontecimentos concederam-lhe um “*status*” de respeito e representatividade, perante os outros profissionais brasileiros.

No momento, este árbitro não vem mais atuando diretamente na preparação dos atletas. Colabora coordenando os trabalhos das equipes de sua própria instituição e na preparação técnica das atletas da seleção brasileira.

Paralelamente ao trabalho como técnico, há vinte anos vem atuando como árbitro, e este empenho e experiência levou-o a obter o título de “*Árbitro Expert*” em GA, com plena capacitação para atuar em competições de qualquer nível e em qualquer país. Para obter esta habilitação, precisou passar pelo crivo da CBG e da FIG.

Esta condição levou-o a arbitrar vários Campeonatos Sul-americanos, Jogos Pan-americanos e Campeonatos Mundiais, e garantiu sua participação nos Jogos Olímpicos de Sydney, Austrália.

No que diz respeito ao setor administrativo, já atuou em cargos, como membro e diretor de Comitês Técnicos na Federação Paulista de Ginástica e na CBG dentre outros.

Sua atuação extrapolou o ambiente dos ginásios e chegou até à docência acadêmica, em duas entidades, a primeira há mais de vinte anos e na segunda há nove anos, entidades em que mantém atividades até hoje. Ainda no segmento acadêmico, obteve o título de Mestre em Educação Física, além do título de Especialização em Ginástica Olímpica.

Esta breve história de vida demonstra que este árbitro foi envolvido sob a influência das atitudes de seus técnicos e do ambiente da GA competitiva, o que na nossa opinião, tende a moldar sua postura profissional para um viés essencialmente objetivo. Entendemos este fato como uma “*impregnação cultural*”, dos valores característicos do meio esportivo de alto rendimento.

Procurando tecer a “*rede de significados*”, existente no discurso e na conduta deste entrevistado, observando especificamente os conceitos e valores expressos pelas palavras em seu discurso, entendemos que a assimilação destes valores acontece em todas as vertentes, a começar pela linguagem em sua forma de expressão, raciocínio, lógica do discurso. Enfim, um discurso direcionado na forma e no sentido da objetividade.

Acreditamos que lentamente, todo este caráter Objetivo (Técnico), que discutimos no texto, extrapolou a prática da GA e tornou-se uma prática de vida, compondo sua visão de mundo e, conseqüentemente, influenciando sua prática como técnico ou árbitro. Neste sentido, podemos

dizer que ele está privilegiando uma prática da GA, construída preferencialmente sobre a lógica positivista, que valoriza o caráter Objetivo (Técnico).

A GA, para este árbitro, é uma atividade esportiva que deve seguir as tendências, isto é, devido ao fato de estar inserido neste ambiente por um prolongado tempo, há uma tendência de elaborar uma compreensão única ou tendenciosa para os aspectos objetivos do esporte.

Esta postura parece-nos, que age como uma “barreira” que dificulta a este árbitro discernir outras possibilidades de interpretação da prática da GA, principalmente das condições humanas desta prática. Tanto o aspecto humano como as diferentes opções expressivas e as estéticas, ficam privadas e comprimidas sob os valores objetivos adotados pela prática do treinamento desportivo.

Nesta função de árbitro, adquiriu uma vasta experiência, em virtude do treino e da repetição, que molda seu olhar e que permite enxergar algumas características muito específicas que compõem a GA como esporte, como as tendências e características dos atletas e das diversas entidades e países que participam das competições.

O rendimento, ou, “*a necessidade de superação*”, no sentido de atingir a vitória em uma competição leva este profissional a dissertar sobre a GA, levando em consideração aspectos que favoreçam o caráter Objetivo (Técnico), e aspectos como o retorno rápido, objetivo e concreto dos investimentos técnicos e de tempo, gastos na formação dos atletas.

“Cada ginasta é diferente. Os técnicos devem explorar as potencialidades de cada atleta.”

Esta capacidade de diferenciar ginastas, conforme seu país ou característica técnica, nos dá indicações de que ele também enxerga as diferenças que o caráter Subjetivo (Expressivo) permite. Estas diferenças, segundo ele próprio, implicam na avaliação e podem ajudar um atleta a vencer uma competição.

“Posso destacar outra coisa: Algumas ginastas são muito elegantes, muito graciosas, muito expressivas, e tem outras que não conseguem tirar esta mesma coisa de dentro e transmitir. Por mais que elas sejam orientadas, quem nasceu com esse dom é diferente. Assim, cada uma tem uma característica particular.”

Para este árbitro, as palavras, termos, ações dos atletas, assim como, dos profissionais, só existem quando se pode explicá-las concretamente. Isto significa que a subjetividade, o caráter Subjetivo (Expressivo), é um aspecto característico e nato dos atletas e pouco ou quase nada pode ser feito para estimular estas características, até porque são fatores que não devem ser considerados por uma “banca” de arbitragem.

Observando o mesmo discurso de outro ângulo, o caráter Subjetivo (Expressivo) que mencionamos adquirir um aspecto “nato”, passa a significar uma certa qualidade subjetiva de apresentar-se, e que a princípio não fazia diferença. Então, fica contraditório quando o discurso menciona que para “aqueles atletas” que possuem a subjetividade, “carisma, graça, beleza ou elegância”. Esta condição, segundo ele, pode levar o atleta a obter vantagens nas apresentações, inclusive uma “motivação pessoal” e melhores notas. Enfim, o que foi negado anteriormente, passa a existir, de maneira sutil, influenciando subjetivamente no julgamento e na observação de uma apresentação de GA. Assim este caráter Subjetivo (Expressivo) da GA está presente em um julgamento, como vemos a seguir:

“Depende da arbitragem. Não dá para você determinar o que é uma coisa subjetiva. Tudo o que é subjetivo não tem nada de concreto, que você possa definir como pode ou não pode. Não existe sim ou não, sempre um talvez.”

“É uma questão de sorte na arbitragem”³⁰

Desta forma, o caráter Subjetivo (Expressivo) que a priori, segundo as orientações da FIG, não deveria fazer diferença na atuação dos árbitros, já aparece no discurso deste árbitro, reconhecendo que às vezes este aspecto, na relação ginasta-apresentação-árbitro, principalmente levando em consideração as opções estéticas e emocionais de quem está arbitrando, pode influenciar nas avaliações e conseqüentemente nas notas destas performances.

Para ele então, não existe controle da subjetividade, este fenômeno pode aparecer e desaparecer sem qualquer “controle”, e portanto, não pode ser explicado. Segundo ele próprio,

³⁰ O árbitro falando sobre a possibilidade de aspectos subjetivos, como a originalidade, influenciar no julgamento da arbitragem.

talvez possa ser considerado como um ingrediente aleatório e particular de cada ginasta, assim como da própria GA.

“A GA é um esporte artístico (...). Todo mundo vai buscar o originalidade, entre outras coisas, para ficar diferente.”

No decorrer do discurso, declara por algumas vezes que, em se tratando de um esporte de caráter artístico, é aceitável portanto, que seja passível de “*certa subjetividade*”, tanto nas avaliações técnicas e profissionais dos árbitros, quanto nas apreciações do público em geral.

Parece-nos, que mesmo levando a discussão da subjetividade da GA, para o âmbito pessoal, principalmente de quem se apresente e de quem avalie, este árbitro consegue entender que o caráter Subjetivo (Expressivo) faz parte da GA, e que está um pouco distante da realidade competitiva presente. Em suas próprias palavras:

“Antigamente tínhamos o que se chamava de “Impressão Geral” onde avaliávamos a originalidade a harmonia, mas hoje não temos mais. Hoje podemos descontar no aspecto harmonia, exercícios - coreografia - música, mas ninguém desconta. Ninguém desconta composição.”

Sobre a relação existente entre o caráter Objetivo (Técnico) e o Subjetivo (Expressivo) podemos dizer que para este árbitro, além de existir concomitantemente, ambos influenciam nas apresentações de GA. O primeiro é considerado mais importante, porque pode ser verificado e controlado, por estar claramente descrito no Código de Pontuação e na pauta de arbitragem.

“Na GA busca-se a performance e o rendimento. Avaliamos a execução técnica, que deve estar mais próxima da perfeição possível. O Código tenta ser o mais objetivo possível.”

Já o segundo, o Subjetivo, mesmo existindo e influenciando na diferenciação das apresentações, foge ao controle, porém, não faz muita diferença.

“Numa atividade artística temos sempre a tendência de gostar mais ou menos de um ou outro ginasta, de uma ou de outra apresentação. Tudo que é artístico é um pouco subjetivo.”

Neste sentido, este árbitro também assume que estes dois caracteres estão presentes na arbitragem das apresentações, porém, o Objetivo (Técnico) tem uma pontuação definida e portanto é mais significativo, enquanto o Subjetivo (Expressivo) influencia mais nas tendências e critérios da arbitragem, fato este que pode diferenciar na nota final do atleta, mesmo que de maneira sutil.

*“Este aspecto subjetivo está completamente fora de controle. O subjetivo não tem nada de concreto, nada que você possa definir.
Tem ginastas que são artistas. Algumas vencem pela precisão, outras pela expressão.”*

Enfim, para este árbitro, todos os atletas devem realizar uma apresentação com a maior precisão possível, no aspecto técnico, e utilizar-se de suas características individuais, ou seja, a parte subjetiva, a fim de se expressar e conquistar a arbitragem.

ÁRBITRO 2:

Este segundo árbitro, assim como o primeiro, representa o mais alto nível, que um profissional pode alcançar nesta função, possuindo igualmente o título de “*Árbitro Expert*”, concedido pela FIG.

Possui formação acadêmica completa, Ensino Superior tanto na área da Educação Física como em outro curso da área das Ciências Humanas. Concluiu também, o curso de Especialização em Ginástica Escolar, e em toda sua carreira vem cursando e ministrando cursos de GA.

Sua experiência nesta modalidade acumula 22 anos de trabalho, considerando que não foi atleta e iniciou seu contato com intuitos profissionais. Deste considerável período de atuação, os 15 últimos anos, até o presente momento, vêm sendo dedicados à GA de Alto Nível.

Em sua experiência como técnico, graças ao seu empenho e envolvimento, passou por vários clubes, instituições e equipes, com os quais obteve vários títulos regionais, estaduais e brasileiros, em diversas categorias. No momento, ainda desenvolve esta função dentro de uma instituição de grande relevância no cenário nacional e periodicamente junto à seleção brasileira feminina.

Seu nível de arbitragem, como já citamos, foi alcançado devido a seus 20 anos de atuação nesta função. Dentre os eventos de maior representatividade de que participou, estão campeonatos brasileiros, Pan-americanos, Jogos Olímpicos e Campeonatos Mundiais.

Seu posicionamento a respeito do caráter Objetivo (Técnico) começa a se configurar, quando relata quais características moldam um bom atleta, como podemos ver em suas próprias palavras:

“Para a Ginástica precisa-se de muita força muscular, flexibilidade, coordenação e também que seja inteligente, pois a GA é um esporte muito complexo e que exige bastante do atleta.”

Este caráter Objetivo (Técnico) é considerado como fundamental para a modalidade, porque é sobre ele que se estrutura toda a base para as apresentações, ou seja, a técnica é que permite executar a GA com qualidade e com eficiência competitiva.

“A técnica perfeita é aquela que você consegue executar os exercícios de maneira correta e com o menor esforço possível. Caso o atleta não tenha técnica ele vai utilizar de outro artifício, como a força, para conseguir executar um elemento.”

Sua concepção de GA reflete um posicionamento que tende a favorecer o caráter Objetivo (Técnico), afirmando que os moldes devem ser seguidos, principalmente por facilitarem e guiarem o trabalho nesta modalidade.

Mesmo assumindo este caráter como principal na construção da GA, este árbitro afirma que a atual tendência internacional visa a valorizar o lado artístico da modalidade. Enfim, considera o caráter Objetivo (Técnico) importante, mas que não contempla todas as necessidades de uma apresentação, como podemos ver nesta passagem:

“A técnica não é tudo, falta o lado da criatividade e da expressão do movimento.”

Entendemos, que estas palavras expressam o início da aceitação do caráter Subjetivo (Expressivo), principalmente por esta aceitação ser uma condição que vem sendo discutida há muito anos no meio da GA.

“A tendência em nível internacional é valorizar esse aspecto artístico da GA. Os ginastas robôs, que são perfeitos, que executam tudo muito perfeito, não passam nada para o árbitro ou para o público.

A FIG está querendo acabar com este tipo de apresentação.

Estão querendo valorizar o apelo artístico.”

Com relação à arbitragem, a subjetividade das apresentações, como ele afirma, ainda causa “*problemas*”, porque, mesmo que o Código de Pontuação atual seja bastante objetivo, ainda a subjetividade está presente nas avaliações. Segundo ele, este caráter existe graças às diferentes formas de se olhar uma apresentação, ou melhor, conforme os “*padrões*” particulares de GA, que cada árbitro detém. Estes padrões, representam o conceito de Estética, que discutimos no texto, que diferencia e particulariza cada atleta, cada apresentação. Neste sentido uma mesma apresentação pode causar impressões diferentes em cada árbitro de uma mesma banca de arbitragem. De acordo com suas palavras:

“Uma perna afastada para mim, pode não ser para o outro árbitro.

Uma apresentação que acho expressiva pode não significar nada para o outro árbitro”

Falando das apresentações, este árbitro admite que o caráter Subjetivo (Expressivo) é importante, pois Ginastas e apresentações mais elegantes, bonitas e expressivas fazem com que a

GA se torne mais apreciável. Existe neste discurso, uma aceitação e um bom entendimento a respeito deste caráter.

Entendemos que em vários momentos, este árbitro corrobora com nossa configuração de GA, dizendo que o caráter Objetivo (Técnico) e o Subjetivo (Expressivo) existem, fazem parte da realidade e se completam, no sentido de produzirem uma apresentação mais eficaz.

Esta expressão, esta beleza, que ele relata quando fala do caráter Subjetivo (Expressivo), influencia na nota do atleta, produzindo efeitos positivos nas pessoas que assistem à apresentação.

Conforme sua experiência como técnico, estas características subjetivas estão presentes no processo de treinamento e favorecem a apresentação dos atletas nas competições.

“Aquele ginasta que é mais elegante, que tem uma apresentação mais bonita, tem uma vantagem.”

Este árbitro assume a característica artística da GA e discute-a com naturalidade, demonstrando sua abertura para o caráter Subjetivo (Expressivo), o qual segundo ele mesmo é ainda bastante omissos e discutido no meio. No seu discurso, ele fala que a FIG vem discutindo como realizar uma avaliação mais justa, ou objetiva, porém, que não oprima esta porção artística-subjetiva da modalidade. Ele também considera estas questões subjetivas como um “*problema*” para a GA.

Desta forma, entendemos que o caráter Objetivo (Técnico) e o Subjetivo (Expressivo) estão presentes na realidade prática da GA e que o primeiro é mais evidenciado, contudo, o segundo possibilita uma outra forma de apresentação. Enfim, a GA é mais completa quando consegue conciliar e harmonizar estes dois caracteres.

ÁRBITRO 3:

Este terceiro árbitro, assim como os demais, encontra-se atuando nesta função na atualidade.

Seu contato com a modalidade vem se desenvolvendo desde sua infância, quando a praticou durante 8 anos, como atleta, passando por clubes de grande renome e participando de campeonatos no âmbito regional, estadual e nacional.

Este envolvimento com a modalidade, transformou-o num profissional da área, após graduar-se em Educação Física, e vem ampliando seus conhecimentos até hoje. Completando sua formação acadêmica, participou de vários cursos de aperfeiçoamento e aprimoramento. Neste momento está cursando Especialização em GA.

Com relação à arbitragem, sua experiência reflete 10 anos de atuação, dentro dos quais, obteve a habilitação de “Árbitro Continental” pela FIG, condição esta que permite arbitrar competições no âmbito pan-americano. Mesmo com esta titulação, até o momento exerceu apenas esta função no universo nacional, em campeonatos brasileiros, de todas as categorias.

Destacamos também, sua atuação em um cargo administrativo-técnico de grande expressão em uma federação de alta representatividade no cenário nacional da modalidade.

Com relação à composição das apresentações e seus vários aspectos, este árbitro apresenta:

“A composição das séries, a escolha dos elementos, não é somente para os elementos acrobáticos, mas também dos ginásticos e, da combinação dos mesmos na coreografia.”

Percebemos que o caráter Objetivo (Técnico) realmente é importante, quando fala de uma necessidade de observar a técnica, a execução correta segundo esta técnica e fundamentalmente quando atribui estes aspectos à qualidade de uma apresentação. Como nesta passagem: “A qualidade da execução dos movimentos tem a ver basicamente com a técnica e a postura correta.”

Tratando do papel da arbitragem, particularmente da possibilidade de diferenciar as apresentações, ele afirma que é possível, segundo os padrões e critérios técnicos e regulamentados existentes, mas que questões como a expressão, a beleza e a harmonia podem atuar como diferenciadores de uma apresentação, mesmo sendo aspectos difíceis de serem descritos e compreendidos.

“Dá para diferenciar os atletas, até pelas características dos clubes. Algumas entidades valorizam mais a dificuldade, outras a execução, e os atletas também são assim. Existem ginastas mais fortes, mais flexíveis, que tem uma expressão corporal muito forte e usam isto nas apresentações. Posso perceber a diferença.”

Sobre o caráter Subjetivo (Expressivo), mesmo reconhecendo a diferença, como ele próprio revela na citação anterior, este caráter tem uma representatividade, um valor menor dentro do universo da GA competitiva.

“Atualmente, a expressão faz diferença, porque temos no Código de Pontuação um item chamado – Expressão e Interpretação Artística – que tem valor de até 0,30 pontos, e isto é importante para a GA de rendimento.”

Talvez, a dificuldade de assumir ou mesmo entender o caráter Subjetivo (Expressivo) esteja na impossibilidade de torná-lo padrão ou palpável, como podemos ver na seguinte colocação:

“Eu posso achar uma série muito expressiva e um outro árbitro pode achar que a mesma série não teve expressão nenhuma. Isto é um critério muito subjetivo. É difícil você não ter isto, a arbitragem em GA é infelizmente muito subjetiva.”

Parece-nos que, em virtude das exigências e normas que um árbitro deve seguir quando exerce esta função, o caráter Subjetivo (Expressivo) e todas as suas características remetem a uma preocupação. Assim, quando tal caráter está em discussão, há uma certa dificuldade em entender sua forma de existência, sua relação com o caráter Objetivo (Técnico) e a sua importância na realidade prática.

Mesmo entendendo que a GA é um esporte de características subjetiva e artística, este árbitro enxerga este caráter com preocupação, principalmente porque esta condição dificulta em muito o trabalho dos árbitros. Ele relata que durante uma avaliação deve-se buscar minimizar esta subjetividade e procurar seguir apenas o que o Código de Pontuação permite, como podemos ver nesta citação:

*“É muito difícil escapar da subjetividade, eu acho que é impossível.
Não dá para ser extremamente objetivo na arbitragem, mas existem árbitros que atuam de forma mais subjetiva do que outros.”*

No discurso a afirmação de que existe uma tendência nesta direção, aparece por várias vezes, e surgem desde as orientações do Código de Pontuação até os comentários escutados nos bastidores das competições. É uma tendência que visa a valorizar a diferença, a beleza, enfim, o caráter Subjetivo (Expressivo) da GA.

“O Código está tentando fazer com que cada ginasta coloque algo de diferente, de particular nas apresentações.”

“Para a dificuldade existem 3 pontos, mais um ponto de bonificação, 4 pontos no total, e a expressão artística só vale 0,30, assim os técnicos investem mais na técnica e deixam a parte artística um pouco de lado. Eles preferem carregar na dificuldade, nas acrobacias e deixam o artístico de lado.”

Assim como nesta citação anterior, percebemos que mediante o valor que o caráter Objetivo (Técnico) e o Subjetivo (Expressivo) possuem, há uma forte tendência para uma GA objetiva e técnica e pouco expressiva.

ÁRBITRO 4:

Este árbitro reflete o mesmo processo de ingresso na modalidade se comparado ao primeiro árbitro, isto é, iniciou seus primeiros passos na GA como atleta.

Mesmo tendo uma experiência como atleta no alto nível um pouco tardia, para os padrões da GA competitiva, como ele próprio salienta, alcançou um excelente nível performático, abrangendo a esfera estadual e nacional, participando de vários campeonatos paulistas e brasileiros, obtendo títulos em vários destes eventos, e desta forma, participando e contribuindo para o “*desenvolvimento e aprimoramento*” da modalidade no âmbito brasileiro. Como ele afirma, foi o primeiro brasileiro a conseguir realizar vários exercícios da GA, que eram praticados apenas por estrangeiros, e este fato ajuda e motiva, no momento, seus ginastas a buscarem o mesmo êxito. Estes elementos que “*trouxe*” para a realidade brasileira hoje fazem parte do cotidiano e da normalidade dos treinos e ganharam mais qualidade ao longo dos tempos.

Praticou a GA durante 14 anos como atleta, sendo 8 deles voltados ao alto rendimento, tendo a oportunidade de conhecer grandes técnicos e conseqüentemente receber a influência dos mesmos.

Estes feitos como atleta, como ele afirma, só foram possíveis graças a suas qualidades, como disciplina e insistência herdadas de sua família e de sua educação, particularmente de seu pai.

Seguindo no caminho da GA, sua “paixão” pelo esporte levou-o a ingressar e concluir a graduação em Educação Física e posteriormente buscar mais informações e aprofundamento, participando de um curso de Especialização em Ginástica Olímpica e outro de Pós-Graduação em Treinamento Desportivo.

Sua experiência de atleta e sua formação profissional uniram-se quando passou a atuar como técnico de GA, há cerca de 8 anos, e potencializaram-se quando passou a focar seus esforços em equipes de alto rendimento, há 5 anos. No início deste período, acompanhou o trabalho de outros técnicos mais experientes, como um “discípulo”, e posteriormente passou a atuar como “mestre”, como vem atuando até hoje em um grande centro de treinamento da modalidade. Neste ginásio ele ajudou a formar ginastas de renome nacional e vários campeões brasileiros.

A estrutura e os esforços dos profissionais realizados em conjunto com este sujeito, ajudaram a levar suas equipes a obterem prestígio e respeito, principalmente em virtude do alto nível da GA praticada sob sua orientação. Estas equipes venceram vários campeonatos brasileiros e Sul-americanos, em diversas categorias de idade.

Sobre a relação árbitros e técnicos, tratando-se do conhecimento da GA, este árbitro indica que se fazem importantes e necessárias a aproximação e a troca de informações entre as partes.

“Quando se mudam as orientações do Código de Pontuação, os técnicos se reúnem com os árbitros para ver quais são os exercícios que podem dar maior nota ao ginastas. Somente depois disso, é que o técnico vai montar uma série. (...)”

Nesta mesma dinâmica profissional, este árbitro foi atraído e hoje vem realizando paralelamente uma função administrativa-técnica importante, numa das federações de maior

prestígio para a GA brasileira, contribuindo com a organização e a interpretação das orientações oriundas da FIG e das tendências internacionais, para o cenário nacional.

Aproximando ainda mais estes dois lados, arbitragem e técnicos, este árbitro investiu no aprofundamento dos conhecimentos em arbitragem e obteve a habilitação estadual, nacional e “*Intercontinental*” (internacional) pela FIG, que permite atuar na arbitragem em quase todos os níveis de competições existentes.

Esta condição permitiu estreitar suas relações com outros técnicos, árbitros e dirigentes, seja no Brasil ou no exterior, ampliando seu conhecimento e sua representatividade política e técnica.

O ápice de sua atuação como árbitro aconteceu no ano de 1999, quando arbitrou um Campeonato Mundial Universitário, na Europa, onde competiram ginastas de nível e relevância mundiais.

Acreditamos que a soma destas condições tendem a contribuir para sua formação e postura rígidas e técnicas com relação a GA, impregnadas nas mais diferentes perspectivas de valores objetivos e que privilegiam uma prática eficiente extremamente técnica e de precisão.

Este árbitro concebe o caráter Objetivo (Técnico), incluindo neste, as características concretas e objetivas da GA, em especial, a técnica. Ele lembra que no último código, ainda existia o nota para “*virtuosismo*”³¹, no âmbito masculino. No Código de Pontuação atual esse critério não existe mais, assim, a modalidade passou a ser vista exclusivamente pela sua parte “material”, ou seja, “*vale o que o atleta fez.*”. Na passagem a seguir podemos entender melhor como ele concebe a modalidade no presente:

“(...) A GA tem um lado de muita de força. Os ginastas agora com as mudanças do código, tem que mostrar muitos exercícios de alta dificuldade. Assim, o que era bonito no último código, para este ciclo, este ano, passou a ser força. Enfim, a especulação dos exercícios é que domina neste último ciclo.”

Sobre a diferença existente entre cada apresentação e cada atleta, ele afirma que, realmente, este fato ocorre e que, normalmente, a arbitragem percebe e deixa se influenciar pelas

³¹ Segundo Chakhlín in FIG (1985), o virtuosismo significa a capacidade do ginasta de realizar um movimento ou uma apresentação com a maior amplitude possível.

preferências particulares, sejam elas estéticas, expressivas ou “*políticas*”. Neste caso, no contexto internacional e até mesmo no nacional, a apresentação de um atleta famoso, sempre será vista com olhos mais atentos e que tendem para uma nota melhor. Esta condição subjetiva, é um fator a ser considerado, em relação aos ginastas brasileiros quando atuam no exterior, afinal, segundo ele, mesmo que façam uma série muito boa, sua nota dificilmente será superior à nota dos outros ginastas de países mais tradicionais. “*Os árbitros têm medo de descontar de um ginasta russo ou chinês, por exemplo.*” Mesmo não sendo o objetivo deste estudo, entendemos ser importante citar este fato, pois, futuramente outras reflexões poderão ser desencadeadas a respeito desse caráter subjetivo e sua influência na GA.

Podemos dizer que, a técnica, a perfeição, a força, e todas as características “*materiais*”, ou palpáveis, que fazem parte de uma apresentação em GA, constituem atualmente, a porção mais valorizada, privilegiada e presente na modalidade. No entanto, não é só do caráter Objetivo (Técnico) que esta prática vive. Existe um espaço para o caráter Subjetivo (Expressivo) que influencia na observação das apresentações, e que atualmente não é valorizado, principalmente porque o Código de Pontuação praticamente desconsidera esta porção, seja no masculino ou no feminino.

Quando ele fala sobre o caráter Subjetivo (Expressivo), particularmente da diferenciação e das particularidades de expressão possíveis em uma apresentação, “*um movimento diferente, novo, um ginasta audacioso.*”, isto tudo chama muito a atenção. Sobretudo, quando uma apresentação é realizada “*burocraticamente*”, apenas cumprindo as exigências do Código, e quando uma outra série é realizada com mais amplitude, altura, virtuosismo e leveza, desde que cumpra as exigências, ele afirma que, realmente, a segunda vai chamar mais a atenção e, conseqüentemente, produzirá um efeito maior e mais positivo com relação a quem está observando. Contudo, seu discurso ainda se mantém direcionado objetivamente, deixando transparecer certa dificuldade no trato com este caráter mais subjetivo ou abstrato da GA.

“Quando um atleta sobe no aparelho ele tem que mostrar uma boa imagem, e isto é questão de treino. Se treinou bastante, muitas repetições, ele está confiante. O trabalho psicológico ajuda bastante.”

Entendemos que na perspectiva deste árbitro, a relação entre o caráter Objetivo (Técnico) e o Subjetivo (Expressivo), existente e reflete a importância de cada um deles numa apresentação de GA. Desta forma, o primeiro tem uma importância maior e o segundo é apenas um complemento. Na relação entre eles, dá-se uma ênfase maior para o considerado mais importante e busca-se o segundo sutilmente em breves momentos, durante o processo de preparação de um atleta.

ÁRBITRO 5:

Este quinto e último árbitro que entrevistamos, também possui um envolvimento muito além do âmbito profissional, como observamos nos árbitros anteriores.

Iniciou seu contato com a GA como atleta, e durante 12 (doze) anos a experienciou, alcançando um alto nível performático nesta modalidade. Foi campeão brasileiro, competiu em várias oportunidades pela seleção brasileira e inclusive tendo experiência internacional, quando participou de uma campeonato Sul-americano.

Sua proximidade com a GA, foi mantida quando deixou de ser atleta e passou a trabalhar como técnico. Graduou-se na área da Educação Física, participou de vários cursos de capacitação e formação na área da GA, e por fim, titulou-se mestre na área do esporte em uma universidade na Europa.

Trabalhou como técnico em várias categorias durante aproximadamente 20 (vinte) anos, sendo que 10 (dez) anos destes, foram dedicados ao treinamento de alto nível. Atualmente está afastado desta posição e vem desempenhando um cargo administrativo-técnico em um clube de grande representatividade para a GA brasileira, organizando e coordenando atividades, competições e eventos da modalidade.

Na função de árbitro, vem atuando há 22 anos, e sua experiência e dedicação lhe permitiram obter a habilitação de “*Árbitro Internacional*”, concedida pela FIG, há vinte anos. Sua atuação passou pelo âmbito regional, estadual, nacional, sul-americano e atingiu seu auge quando arbitrou em 1996 um campeonato mundial.

Quando discursa sobre o caráter Objetivo (Técnico) ele afirma que a GA, desenvolve esta porção de maneira bastante acentuada, porque é basicamente sobre a técnica que esta modalidade se constrói.

“A GA exige uma motricidade muito especial.

A técnica é a mecânica, a GA é um esporte que exige um nível de conhecimento muito alto de biomecânica.

Olhamos basicamente para a técnica (...)”

Ele afirma que este caráter Objetivo (Técnico) representa o lado concreto desta prática, uma porção que orienta todo o trabalho, seja do árbitro como do técnico, fazendo desta forma, com que a GA valorize as características objetivas como força física e flexibilidade.

Contudo, este lado Objetivo (Técnico), que evoluiu muito nos últimos anos, tem pequena possibilidade de crescimento atualmente, e neste caso, será muito sutil e lento, a não ser que implementos ou avanços tecnológicos sejam implantadas na prática da GA. Somente a GA praticada em países de pouca tradição poderá evoluir mais rapidamente, aproximando desta forma, a qualidade das apresentações destes países com a dos países já tradicionais.

Quanto à questão das séries obrigatórias, que discutimos no item “*Compondo as séries obrigatórias*”, ele relata que este sempre foi um mecanismo utilizado pelos países de maior tradição, como demonstração de força, pois afinal os representantes destes países é que determinavam o que seria obrigatório. Durante seu discurso, ele também comenta que com a extinção das séries obrigatórias, a GA passou a ter uma maior chance de criar e evoluir, permitindo que países que não tinham muita tradição no esporte mostrassem seu trabalho e conseguissem resultados expressivos.

“As regras são criadas pelo Comitê Técnico que é muito técnico”.

Outro mecanismo que também favorece o caráter Objetivo (Técnico) é o Código de Pontuação, que afinal valoriza a técnica. No entanto, ele afirma que neste último ciclo, 1996 à 2000, o Código já possibilitou uma pequena, mas importante, valorização do caráter Subjetivo

(Expressivo), principalmente na âmbito feminino. Daí ele expressa essa tendência para o próximo Código, ao dizer:

“O código do ano 2000 provavelmente vai procurar juntar a parte técnica e a parte espetáculo.”

Sobre a diferença das apresentações, ele diz:

“Existe uma interpretação da mecânica, da técnica, que diferencia cada apresentação. Elas afirmam as características de cada ginasta.”

Neste sentido, a arbitragem acaba diferenciando as apresentações, principalmente, conforme ele mesmo afirma, porque se trata de um esporte subjetivo e/ou artístico. Assim, a arbitragem não escapa ao caráter Subjetivo (Expressivo), pelo contrário, ao exercer esta função naturalmente este fator estará presente.

*“Tenho uma preferência.
Cada um tem um conceito de GA.
Eu vou avaliar de acordo com esse meu conceito.”*

Este árbitro prossegue neste discurso, dizendo que o fator subjetivo, tanto do atleta em relação ao árbitro, como do árbitro em relação à apresentação, é extremamente perigoso e ruim para a GA, porque permite “*manipulação*” de resultados, principalmente por motivos políticos ou por “*disputa de poder*”.

Segundo este árbitro, existem duas preocupações que a FIG vem tentando resolver nestes últimos anos. A primeira seria de permitir que se desenvolva o aspecto técnico sem que se despreze o lado “*espetáculo*” da GA, ou seja, sugere-se que uma apresentação deveria ser diversificada, conter uma complexidade alta de elementos sem perder de vista a característica artística. A segunda visa a tornar o esporte mais atrativo tanto para o público como para os meios de comunicação, a fim de poder divulgar mais esta modalidade e manter o aspecto que sempre foi sua característica, a de “*espetáculo artístico*”. Como falamos no item “*O eixo das rotações (...)*”,

os aspectos sociais e comerciais também influenciam no futuro da GA, pressionando principalmente para que esta modalidade caminhe para o lado do espetáculo.

Ele afirma que a GA “*tem esta parte estética*”, mas que tanto árbitros como técnicos têm problemas para lidar com isto, porque não há muita concordância e muito menos uma padronização para estes aspectos subjetivos.

Assim, entendemos que este árbitro compreende a existência do caráter Objetivo (Técnico), assim como o Subjetivo (Expressivo), e a interação necessária entre eles, mas que ainda tende muito mais para o primeiro, deixando o segundo às margens de especulações e de trabalhos isolados.

SOB O OLHAR DOS MESTRES

“Compreender a cultura de um povo expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade. Isso os torna acessíveis: colocá-los no quadro de suas próprias banalidades dissolve sua opacidade.”
Geertz (1989 : 24)

A prática da GA, em especial, como modalidade esportiva competitiva, vem sendo estudada de forma diversificada e por vários profissionais e, como não poderia deixar de ser, a fonte do material estudado é a própria prática.

Como esta atividade encontra-se confinada, na maior parte do tempo, no interior dos “*Ginásios*” ou dos centros de treinamento, entendemos como necessário buscar no interior destes “*templos*” , pessoas experientes, com vasto conhecimento da área e que possam colaborar com nosso estudo. Dentre os profissionais que regem todas as atividades desenvolvidas nestes espaços, acreditamos que os mais significativos, aqueles que possuem maior representatividade e influência nestes ambientes, são os “*técnicos*”.

Desta maneira, a atuação destes profissionais, na maioria dos casos, ou senão na totalidade, moldam as atitudes e os valores dos atletas, seus “*pupilos*”, segundo suas próprias visões de mundo e de GA.

Naturalmente, uma grande parte das informações relativas à prática são públicas e transitam velozmente pelo meio. Como estes profissionais normalmente possuem uma ligação estreita com as competições, os eventos e os árbitros internacionalmente conceituados, suas concepções são, por sua vez, influenciadas pelos valores que estão em evidência na elite pensante e praticante desta modalidade.

Assim, as observações realizadas pelos técnicos refletem-se na sua postura profissional e pedagógica, e portanto, permeiam as performances dos atletas. Mais uma vez, identificamos um mediador que pode ajudar a explicarmos o que seja o caráter Objetivo (Técnico) e o Subjetivo (Expressivo) da GA, como se relacionam e qual a importância de cada um deles na prática desta modalidade.

Neste sentido, utilizando do mesmo raciocínio e padrão técnico, faremos a interpretação das entrevistas realizadas com os cinco (05) técnicos escolhidos para este trabalho.

Como dissemos durante a discussão da metodologia e da seleção dos sujeitos desta pesquisa, 03 (três) dos 07 (sete) sujeitos selecionados, seriam entrevistados em ambas as perspectivas, sabendo que as entrevistas foram realizadas em separado e com um espaço de tempo de no mínimo uma semana.

TÉCNICO 1:

“A GA é um esporte completo. Tem uma gama muito grande de exercícios, serve de base para muitas outras atividades esportivas. É um esporte complexo.”

Assim, sua apresentação já foi realizada quando interpretamos o árbitro 04 (quatro). Portanto, entraremos diretamente na interpretação de suas entrevistas na posição de Técnico.

Nestes últimos anos, este técnico vem trabalhando com ginastas da seleção brasileira, e em alguns momentos com a própria equipe nacional masculina. Seus ginastas têm participado de competições internacionais em todos os níveis. Para entendermos melhor o nível técnico que está foi tratado neste caso, um de seus atletas conseguiu um feito inédito para um ginasta brasileiro, sendo o primeiro a conseguir um lugar no pódio, 3º lugar na categoria juvenil na modalidade Salto, em uma competição mundial, realizada em Moscou (Rússia) em 1999.

Com relação aos ginastas, existe por parte deste técnico, um olhar que admite as diferenças, a individualidade, que aflora em seu discurso, quando fala sobre as qualidades e características inerentes a cada um dos ginastas. Segundo ele, estas características devem ser observadas pelo técnico e devem orientar o trabalho a ser realizado com cada atleta.

“(…) Cada um dos ginastas vai receber série diferente, podendo ser até com os mesmo exercícios, mas cada um vai montar de maneira diferente, para melhor se adequar, para ter menos gastos de energia e menos erros de apresentação ou execução.”

Após este relato a favor da individualidade, entendemos que na perspectiva deste técnico, o conceito destas diferenças é condensado e restrito à possibilidade de explorar as “potencialidades” físicas e técnicas, isto é, usar a força do ginasta “*naturalmente forte*” para realizar mais exercícios ou exercícios de maior dificuldade com características de força. No caso da técnica significa dizer que “*um ginasta tecnicamente bom em rotações longitudinais*” deve ser explorado neste sentido, a favor de exercícios desta natureza.

Citada algumas vezes, a “*intencionalidade*” pode ser traduzida como a vontade do ginasta em realizar este ou aquele elemento, e segundo este técnico, surge em virtude da facilidade de acesso às informações e/ou performances de grandes ginastas chamados de “*ídolos*”. De um outro lado, a existência de uma intencionalidade que permita ao ginasta refletir, contestar ou mesmo participar na elaboração de suas séries e performances é vista com bastante receio, principalmente no caso dos adultos. Decidir o que fazer e quando fazer é uma tarefa pertinente ao técnico e somente a ele, como podemos ver nesta passagem: “*O ginasta tem muita informação, ele questiona o técnico muitas vezes, mas o técnico se impõe neste sentido*”.

Curiosamente, ou melhor, coincidentemente, este técnico relata um fenômeno que acontece com frequência na GA atual, que ele denomina “*Especulação*”. No início deste texto, no item intitulado “*Compondo as Séries Obrigatórias*”, descrevemos com bastante similaridade este acontecimento, utilizando outra denominação, a de “*Obrigatoriedade Latente*”. Isto significa que para cumprir as exigências e atingir a maior eficiência competitiva, ter uma nota de partida 10, os técnicos e atletas acabam optando pelos mesmos elementos e exercícios, tornando a GA bastante previsível, e abstraindo dela um pouco de seu encantamento e sua plasticidade.

“Especular significa utilizar em benefício próprio, um certo grupo de exercícios que facilitam na montagem de uma série. Por exemplo: no solo podemos ver mais este acontecimento, quando existe a predominância de movimentos mortais simples que em seqüências deles.”

Na questão existente entre a objetividade e a subjetividade, ou melhor, entre o caráter Objetivo (Técnico) e Subjetivo (Expressivo) da GA, encontramos em vários momentos, uma fuga ou tentativas de esquivar-se e dirigir o discurso para outros assuntos.

O caráter Subjetivo (Expressivo) é colocado como uma característica inata do ginasta, que pode fazer diferença em suas apresentações, desde que o ginasta atinja as exigências de dificuldade e bonificação, ou seja, que tenha nível técnico igual ao seu adversário, e assim, neste caso, possa atuar como um agente influenciador na obtenção de notas.

Com relação à arbitragem, estes dois aspectos, se fundem ou se confundem, no discurso deste técnico, adquirindo importância nas apresentações, como declara nestas palavras:

“Na parte de arbitragem, o atleta que faz uma ginástica mais arrojada e limpa é que sobressai mais, por isso o código dá ao ginasta esta opção. Não adianta ele fazer muita dificuldade e ter uma apresentação ruim, e também é meio chato você ver uma ginástica toda limpa que não faça muita dificuldade.”

Sobre o futuro da modalidade, este técnico revela uma das propostas que serão discutidas para o próximo ciclo de 4 anos da GA.

“(...) Cada exercício, cada um dos espaços do código, passará a ter um valor específico. Os árbitros vão precisar se preparar melhor, porque cada exercício terá um valor diferente. Para saber a nota, soma-se o valor de cada exercício executado numa série e assim terá a pontuação de dificuldade para este ginasta.”

Apesar dele afirmar que tudo depende da orientação que virá da FIG, por isso a dificuldade de saber se o futuro da GA tenderá para o lado da expressão, do artístico, ou para o lado da técnica, entendemos que a proposta, que ele relata conhecer, tende para uma GA objetiva-técnica, que valoriza uma performance apenas pelo valor dos elementos, ou seja, pela dificuldade de cada um dos exercícios e omite o valor da expressão, da estética e da individualidade de cada apresentação. A passagem descrita a seguir pode ajudar na compreensão do entendimento deste árbitro sobre a GA:

“Os movimentos de força, as acrobacias e as rotações no ar chamam muito a atenção.

Há jeito do ginasta chamar a atenção.

A musculatura, a força, tudo isto chama a atenção.”

TÉCNICO 2:

Este segundo técnico traz na bagagem, na sua história profissional de vida, uma vasta experiência na GA, tendo convivido, observado e trabalhado ao lado de grandes técnicos da história desta modalidade no Brasil, durante os últimos 24 anos.

Sua atuação passou por várias cidades, entidades e clubes, sendo técnico de várias equipes da elite da GA brasileira, tornando-se, desta forma, um personagem bastante comum e conhecido no ambiente da GA competitiva e de alto rendimento no Brasil. Contudo, um aspecto que merece destaque, é que ele não teve experiência como atleta, tendo seu contato inicial com esta modalidade por interesse profissional, motivado por uma afinidade pessoal, como ele próprio relata, atuando inicialmente como auxiliar técnico e posteriormente como técnico.

Nestes 24 anos de trabalho, 18 deles foram, ou melhor, vêm sendo dedicados à prática da GA de alto rendimento. Conseguir trabalhar com equipes de competição, segundo este técnico, é o objetivo de todos aqueles que entram nesta área, como observamos em suas palavras: *“(...) como em outra modalidade qualquer, o objetivo de todos é a competição, todos almejam chegar na competição, ter um melhor rendimento e um nível melhor que o outro (...).”*. Este objetivo vem sendo alcançado por ele neste período.

Venceu vários campeonatos regionais, estaduais e brasileiros em diferentes categorias, contudo não tem uma experiência, em nível internacional expressiva.

Atuou como árbitro durante aproximadamente 20 anos, em nível estadual, tendo deixado esta função há cerca de 4 anos, contudo deixa transparecer em seu discurso que esta experiência ajudou-o muito e serviu de guia para sua conduta e evolução profissional como técnico.

No que diz respeito à formação profissional e acadêmica na área da Educação Física, ele concluiu o Ensino Superior, e posteriormente participou de um curso de Especialização em GA.

Nestes últimos 5 anos atuou em parceria com vários técnicos estrangeiros, principalmente do leste europeu (Rússia, Armênia e Bielo-Rússia), o que também, segundo ele próprio, serviu de aperfeiçoamento e aprimoramento de seus conhecimentos técnicos.

Com relação ao caráter Objetivo (Técnico) e Subjetivo (Expressão) da GA, este técnico afirma que ambos existem, acontecem, não podem ser negados e desenvolvem-se constantemente

e simultaneamente. Ainda com relação a estes dois aspectos, este técnico afirma dizendo: “ (...) a Ginástica caminha para os dois lados (...)”.

Primeiramente sobre o caráter Objetivo (Técnico), este técnico relata que esta é a principal característica da GA, afinal, trata-se de um esporte individual e que visa expressar movimentos o mais próximo possível de padrões estabelecidos e que valem pontos durante uma competição, por isso a necessidade de seguir estes padrões técnicos.

Acreditamos que este discurso revele ainda uma apropriação dos valores característicos do esporte competitivo de alto rendimento, no qual, o resultado está à frente dos valores humanos, estéticos e onde a técnica é mais valorizada que a própria expressão do atleta.

No entanto, a técnica passa a ser individual e bastante relativa, ou seja, existem diferentes formas técnicas de se realizar o mesmo elemento ou movimento, e cada um dos atletas acaba absorvendo e expressando-a, conforme sua individualidade, criando um estilo próprio. Assim, é possível distinguir as diferenças na execução do mesmo elemento por diferentes atletas, fato este que comprova o caráter Subjetivo (Expressivo) da GA, neste sentido.

“Nenhum ginasta faz um movimento igualzinho a outro, muito difícil. Nenhum exercício é igualzinho, você pode pegar 100 ginastas, um vai fazer o exercício diferente do outro. Você consegue perceber a diferença de um ginasta para outro porque cada um tem a sua individualidade, que é dele, e o movimento da ginástica é um movimento muito apurado, por isso a gente vê num julgamento que é subjetivo, justamente por causa disso, de repente eu desconto um exercício, um movimento e outro árbitro descontou em outro, de repente na soma das notas, das deduções, dá na mesma, mas o desconto foi em outro movimento porque ele é muito subjetivo.”

Nesta citação, entendemos que o técnico apresenta sua visão sobre o caráter Subjetivo (Expressivo) da GA, dizendo que esta característica é comum e pode ser notada facilmente nas apresentações desta modalidade, a partir do momento que diferenciamos as performances segundo os conhecimentos e padrões de estética e técnica de quem observa, o que influencia principalmente no julgamento das apresentações.

Ele afirma que, mesmo dentro do controle existente para o cálculo das notas, existe a subjetividade de quem avalia e ela é inevitável, o que nos faz entender que este técnico assume que esta modalidade possui a característica subjetiva.

Perguntado se a Subjetividade faz diferença em competições e apresentações de GA, ele coloca:

“Faz diferença no mundo inteiro!”

“Aqui no Brasil também faz!”

“No caso de um ginasta brasileiro competindo no exterior, ele tem que fazer o que o melhor ginasta fizer e um pouco mais, ou seja, ele nunca ou muito dificilmente vai chegar a ganhar.”

“Esta diferença faz parte e os árbitros sabem disto.”

Segundo ele próprio, esta subjetividade, que se relaciona com gostar mais ou menos de um ginasta ou de uma apresentação, supera até mesmo as orientações do Código de Pontuação, afinal as regras são interpretadas por pessoas e a expressão é subjetiva. Ele completa este pensamento dizendo: *“Às vezes nem o Código de Pontuação permite, mas a arbitragem permite.”*

Parece-nos que, realmente o caráter Subjetivo (Expressivo), não só faz parte, mas atua como um diferenciador das performances, como uma parte que complementa esta prática.

“É aí que está a diferença entre os melhores ginastas. O mesmo movimento pode ser feito com tamanha leveza, técnica e facilidade, que não tem como tirar pontos, teria que se acrescentar pontos. Já outro ginasta, faz com menos leveza e plástica e o movimento fica muito diferente. Por isso não se têm dois ginastas idênticos.

Enfim, a GA existe e comporta estes dois caracteres, sendo que o Objetivo (Técnico) recebe mais atenção deixando o Subjetivo (Expressivo) omissos e de certa forma discriminado.

TÉCNICO 3:

A apresentação deste técnico foi realizada na abordagem do árbitro 05, onde explicitamos sua experiência profissional e seu nível de atuação, tanto na posição de árbitro como também de técnico.

Completando as informações anteriormente descritas, destacamos sua atuação como técnico da seleção brasileira, os títulos brasileiros obtidos com as equipes que dirigiu, e principalmente, a oportunidade que consagrou seu trabalho nesta função, quando acompanhou um ginasta brasileiro em um Jogos Olímpicos.

Quando ele fala sobre o processo de treinamento, observamos que seu discurso tende a discutir a maior parte do tempo sobre o caráter Objetivo (Técnico), das características da GA que podemos delimitar dentro deste aspecto, como por exemplo o condicionamento físico, técnico e as qualidades físicas dos atletas. No entanto, ele demonstra um interesse peculiar com relação a uma GA praticada por ginastas longilíneos, que teoricamente fogem do “padrão” de biótipo desta modalidade, mas que na sua opinião, tem uma possibilidade maior de realizar apresentações mais “bonitas”, como observamos nestas palavras:

“O porte físico também influencia, é mais fácil trabalhar com uma criança de menor porte físico, mas eu particularmente não sou a favor desta escola, prefiro o ginasta longilíneo. O ginasta mais alto realiza uma ginástica muito mais bonita. Eu acho que o futuro da GA tomará este caminho mais estético, que a gente tem um certo problema de lidar..”

No cotidiano de um processo de treinamento, ele acredita que o técnico realmente dimensiona a maior parte de seu tempo e do conteúdo desenvolvido, para o aspecto técnico, enfatizando o aprendizado, a correção e o aperfeiçoamento dos movimentos, mediante a repetição exaustiva e disciplinada destes movimentos, até que o ginasta possa realizar uma apresentação automatizada e segura. Podemos destacar que esta característica que ele afirma existir com relação à GA, demonstra uma tendência para o aspecto objetivo de enxergar a modalidade.

A respeito da técnica, podemos ver uma abertura para o que chamamos de diferenciação. Para ele a técnica não é um padrão igual para todos os atletas mesmo sendo o técnico o responsável por entender tais diferenças e saber trabalhá-las nos ginastas. Eis seu relato:

*“A técnica é a aplicação dos conceitos biomecânicos na Ginástica.
Existe uma interpretação da mecânica, que pode ser de forma diferenciada de
lugar para lugar, conforme as características dos indivíduos.
A qualidade de uma técnica superior se dá principalmente devido a um treinador
experiente e sua sensibilidade em tratar cada atleta de uma forma diferente.
A técnica não é igual para todo mundo, ela tem que ser adequada para cada um,
existe um padrão para cada indivíduo.”*

Entendemos, que mesmo que seu discurso valorize e se concentre nas questões relativas à objetividade, ele consegue discernir, assumir e abrir espaço para discutir alguns aspectos que consideramos pertencentes ao caráter Subjetivo (Expressivo) da GA, como por exemplo, a diferença individual de interpretação da modalidade, a necessidade estética de uma apresentação e a sensibilidade e o aspecto humano necessário no interior deste trabalho.

Neste sentido, ele acredita que existem treinadores que valorizam uma GA técnica, “limpa”, porém, existem outros que abrem mão destes aspectos e valorizam uma GA mais estética, mais “espetacular”, tudo isto principalmente devido à formação destes treinadores, das características dos ginastas, dos países e dos aspectos culturais onde esta prática está envolvida.

O caráter Subjetivo (Expressivo) fica mais evidenciado em seu discurso quando diz:

*“O atrativo da GA que é um esporte artístico, é justamente a parte subjetiva.
O ginasta como qualquer outro atleta de alto nível, são super-homens.”*

Sobre este caráter subjetivo, que ele acredita fazer parte e ser importante para uma apresentação, há uma ressalva no sentido de atentar para a dificuldade de avaliar devido à disparidade entre a estética e a técnica, as quais nem sempre são valorizadas concomitantemente. Observemos suas palavras:

“A subjetividade às vezes é um problema para a GA. Pela pontuação nem sempre o mais bonito é o mais premiado. Talvez este seja um dos erros da GA, sendo um esporte artístico.”

Destacamos também, que este caráter ainda é citado por este técnico, como um forte implemento para marcar a carreira de alguns ginastas, como é o caso da Nadia Comaneci. Em seu entendimento, ela conseguiu unir uma excelente técnica, com movimentos diferentes e originais, compondo uma apresentação “*espetacular*” e “*emocionante*”, condições estas, que segundo ele, fazem parte do estilo da própria ginasta, mas que fundamentalmente foram desenvolvidas e aprimoradas devido à sensibilidade e ao talento de seu técnico. Enfim, este caráter foi muito importante para ela alcançar tudo o que alcançou.

Desta maneira, entendemos que ambos os caracteres fazem parte da GA, contudo, depende de quem é o responsável ou do lugar que esta modalidade está sendo praticada, ela tenderá para um ou para outro lado, porém, sempre mantendo uma estreita ligação com as exigências do Código de Pontuação e das necessidades de rendimento que este esporte exige. Neste caso, a importância de cada um destes aspectos pode variar e tender para um ou para outro lado.

TÉCNICO 4:

Este quarto técnico abordado teve seu primeiro contato com a GA como atleta. Durante 13 anos alcançou um excelente nível performático, inclusive chegando a compor equipes da seleção brasileira. Neste período passou por vários clubes e foi orientado por diversos técnicos.

Sua proximidade com a modalidade fez com que optasse em trabalhar na área como técnico. Buscando conhecimentos para embasar sua prática, graduou-se em Educação Física e posteriormente buscou aperfeiçoamento e aprimoramento participando de cursos e estágios no Brasil e no exterior. Vem exercendo esta função há 15 (quinze) anos, tendo dedicado os últimos 10 (dez) para o treinamento de alto nível. Neste caminho conheceu vários profissionais de grande representatividade para a GA brasileira e internacional, e atualmente tem experienciado trabalhar ao lado de um técnico vindo do leste europeu.

Dentre os resultados mais expressivos que alcançou com as equipes que orientou, destacamos os títulos Sul-americano de Seleções (Chile), Pan-americano de Seleções (Colômbia) e Pan-americano de Clubes (EUA).

Em seu entendimento, a GA vem evoluindo consideravelmente nestes últimos anos, e esta evolução está acontecendo em ambas as direções, tanto com relação ao caráter Objetivo (Técnico) quanto para o Subjetivo (Expressivo). Como ele diz, “(...) *as duas têm que acontecer juntas.*” Assim, a evolução técnica vem acontecendo, porém, com uma velocidade menor do que a evolução que ele chama de “*artística*”, principalmente porque a modalidade deu um salto evolutivo muito grande, na parte técnica, entre os anos de 1980 e 1990, fato que limita um pouco seu avanço no momento. Contudo, ele salienta que por outro lado, a “*expressividade*”, a “*plasticidade*” melhoraram bastante nestes últimos anos.

“O nível de dificuldade e técnica, assim como o de qualidade artística melhorou muito no Brasil, em particular com as seleções femininas.

Eu acho que no Brasil a evolução esta correndo para os dois caminhos.”

Neste relato, em âmbito brasileiro, ele acredita que esta evolução também está acontecendo paralelamente, favorecendo a melhora da qualidade da GA praticada aqui e permitindo que os técnicos brasileiros comecem a buscar um estilo ou uma “*linha*” própria a nossos atletas, principalmente na categoria feminina. Ele próprio destaca que, este acontecimento é muito importante, porque a partir do momento em que os técnicos brasileiros, auxiliados principalmente pelos companheiros estrangeiros e mais experientes, estão aprendendo e evoluindo tanto na parte técnica como na parte expressiva, estes conhecimentos estão passando a fazer parte do processo de treinamento.

“A GA está sempre evoluindo!

É importante fazer com que as duas coisas caminhem juntas. Porque o esporte por excelência tende a ser espetacular.

A GA é um esporte que todo mundo se apaixona.

Só que se você caminha apenas pela parte técnica, onde os exercícios são super difíceis, e não tem aquela plasticidade na coreografia, não tem um movimento bem trabalhado, ela deixa de ser atrativa.

Quando fala sobre o caráter Objetivo (Técnico), defende que a GA é basicamente estruturada nos fundamentos objetivos da técnica, como podemos ver:

“A técnica é como fazer o movimento da melhor forma possível (...).

A Ginástica é Física pura, são jogos de alavanca, etc..”

Mesmo tendo um discurso que se mantém a maior parte do tempo discutindo e falando sobre aspectos objetivos da modalidade, como por exemplo, formas de se trabalhar o condicionamento físico ou técnico, podemos identificar neste discurso, aberturas que permitem alguns aspectos subjetivos, como beleza, leveza, plasticidade e amplitude, serem apresentados e discutidos com certa naturalidade. Neste sentido, quando fala da técnica, ele afirma que existem várias técnicas diferentes para um mesmo exercício, e o técnico deve encontrar a mais eficiente para cada atleta. No entanto, cada atleta desenvolve sua “*linha*” ou “*estilo*” de praticar a GA, e no momento de uma apresentação deixa uma impressão a todos que estão observando, de ser uma “*identidade*” do próprio atleta.

Existe uma preocupação, nossa como técnicos, de tentar aprender a técnica, principalmente dos técnicos estrangeiros, mas o importante é adaptá-las à realidade da GA brasileira.

Esta preocupação demonstrada na citação anterior, deixa evidente uma tentativa de explorar ou tentar descobrir quais as qualidades, principalmente com relação aos atletas, que a GA brasileira deve buscar alcançar. Preocupação esta que pode ser melhor explicitada segundo esta passagem:

“A gente sabe que o corpo da nossa ginasta não é igual ao de uma russa. Nós temos diferenças não só morfológicas, mas no estilo de vida, que também influenciam.”

Assim, explorar estas diferenças, que ele chama de “*qualidade da GA*”, deve fazer parte de um processo de treinamento, isto é, do cotidiano da modalidade. Segundo ele, até o aspecto da

globalização, que facilitou muito a troca de informação, assim como o intercâmbio de pessoas, vem ajudando em muito, no sentido de diminuir as diferenças entre a GA praticada no Brasil e nos países mais tradicionais.

Este técnico afirma ainda que, a GA está muito precisa, e o que diferencia uma apresentação da outra é exatamente esta parte subjetiva.

“São estas linhas, estas posturas, a beleza plástica e a expressão que elas estão assumindo e fazendo na execução do exercícios, que estão fazendo diferença.”

Desta forma, entendemos que além de existir o caráter Subjetivo (Expressivo), ele tem valor e influencia na impressão durante uma apresentação. Ele completa este pensamento dizendo:

*“É muito diferente, uma série com muita postura, limpa, de outra série com uma leveza, com interpretação da música, com entusiasmo, com uma expressão maior, jogando com o público.
Estas qualidades é que fazem a diferença.
Esta interpretação artística é o algo a mais.
O público e o próprio árbitro tem uma impressão melhor, porque é uma apresentação mais bonita, plasticamente falando.”*

Observamos nesta passagem, que ele relata também, que este caráter subjetivo influencia a arbitragem, *“inclusive pelo humor”* do ginasta, e que uma GA apresentada de forma *“feia”* prejudica a nota do atleta. Por outro lado uma apresentação *“bonita”* pode *“roubar a cena”* e tornar o critério de avaliação favorável ao ginasta.

“Um errinho pode até passar quando um ginasta faz uma série bonita.”

Sobre o caráter Subjetivo (Expressivo) no processo de treinamento, este técnico acredita que deve fazer parte e que é importante, e relata que em suas equipes, ele costuma praticar da seguinte forma:

“A gente tenta estimular, porque isto é uma coisa que vem de dentro da pessoa.”

“Estimulamos a expressão.

Os exercícios levam à expressão, não ensinamos como chegar, mas estimulamos cada um a desenvolver sua própria expressão, para depois utilizarmos isso na composição das séries.

Às vezes estimulamos com música, imitamos animais.

Se isto fosse feito desde pequeno, com as crianças, imagine o quanto não estaria estimulada a expressão de nossos ginastas hoje?”

Entendemos, que ele admite a importância deste caráter, e também saliente que o trabalho destes aspectos deveria ser realizado desde o início do treinamento, consolidando uma experiência que pode ajudar um atleta a compor sua própria série, a escolher as músicas, a inventar movimentos e combinações e até mesmo improvisar durante uma apresentação, caso algo aconteça e que não estava previsto, um desequilíbrio por exemplo. Ele acrescenta, que um ginasta expressivo é capaz de improvisar e não deixar transparecer uma falha durante uma apresentação.

Por fim, este técnico, compreende de forma clara e convicta, que ambos os caracteres fazem parte da prática da GA, que devem estar presentes no processo de treinamento, afinal estão presentes durante as apresentações, e que ambos são importantes para que se atinja uma qualidade de “*alto nível*” da GA.

TÉCNICO 5:

Como se trata do mesmo profissional abordado na interpretação Árbitro 01, e para não sermos redundantes em sua apresentação, sugerimos uma releitura de sua história de vida em relação à GA.

Perguntamos: O que você busca em relação ao treinamento e a todo este processo?

“Performance e rendimento!”

“Buscamos a nota de partida dez (10), e a execução mais perfeita possível.”

Estas palavras começam a mostrar, um posicionamento em relação à GA, baseado essencialmente nas características objetivas desta modalidade. Da mesma forma que se posiciona

como árbitro, aqui ele aprofunda ainda mais seu discurso a favor do caráter Objetivo (Técnico) da modalidade.

“Para que se chegue a uma boa formação, precisa de uma boa técnica. Devemos cumprir as exigências do Código de Pontuação.”

Durante seu discurso, podemos destacar várias características que pertencem ao caráter acima mencionado, as quais auxiliam nosso entendimento. Parece-nos que este caráter está presente e de forma bastante importante na prática da GA, e que se configura fundamentalmente pelas características objetivas, em especial pela técnica ou padrão técnico que define as apresentações.

*“Os ginastas têm que procurar atingir o máximo.
A gente vai exigindo, exigindo, cada vez mais.
Não existem limites, buscamos ir cada vez mais longe.
Nossa meta é atingir o máximo de dificuldade”*

O processo de treinamento em que o ginasta está inserido, tem características objetivas, como a repetição, a tentativa e o erro, a correção, e a exigência pela precisão e pela perfeição na execução. Neste processo, a técnica deve ser aprendida da maneira mais “correta” possível, para que não haja “problemas” ou “erros” nas apresentações futuras desta atleta. Assim, o corpo é testado e levado ao extremo de seus limites, para que se alcance a melhor performance possível.

Ainda com relação ao processo de treinamento, este técnico declara que os aspectos subjetivos não fazem parte do conteúdo abordado. Contudo, existem “táticas” que visam explorar o caráter Subjetivo (Expressivo) de cada atleta. Lembramos que em sua fala como árbitro ele admite uma subjetividade, como uma qualidade inerente ao próprio atleta, e nesta perspectiva, torna a reforçar esta opinião, como citamos a seguir:

*“Os ginastas respondem de forma diferente, depende das características deles.
Existem certas táticas que usamos e que buscamos fazer com que eles mostrem sua parte subjetiva.”*

Sobre o caráter Subjetivo (Expressivo) este técnico afirma que esta parte da GA, tem uma relação muito próxima às questões emocionais, tanto do atleta, como do técnico e do próprio árbitro. Assim, seu estado emocional pode interferir na sua maneira de se expressar, prejudicando assim sua apresentação.

“Este lado subjetivo, também é emocional. Você só consegue expressar aquilo que está sentindo..”

Este técnico afirma ainda que, este caráter está presente nos treinamentos, quando diz:

*“O técnico observa e usa a personalidade do ginasta para montar uma série.
Nós exploramos esta personalidade.
Escolhemos a música, os exercícios e o ginasta consegue se expressar mais.”*

O caráter Objetivo (Técnico) aparece no discurso deste técnico e assume o papel principal para a modalidade, sendo o maior responsável pela eficiência de uma apresentação. O caráter Subjetivo (Expressivo) também é observado, porém, como um complemento ou uma porção que particulariza as apresentações. Enfim, eles se completam e compõem uma apresentação de GA.

Podemos dizer que, novamente, o primeiro caráter adquire maior representação e importância e o segundo esta presente de uma forma não tão privilegiada.

UM GIRO PELOS DISCURSOS

Mediante a interpretação dos discursos dos árbitros e dos técnicos, buscamos traçar um entendimento geral do posicionamento destes entrevistados, sobre os aspectos que abordamos neste estudo. Nesta colocação, visaremos também, a expor os aspectos convergentes, divergentes, pontos importantes destacados, e possíveis contradições ocorridas no confronto das duas perspectivas de entrevista.

Inicialmente, pudemos perceber um consenso sobre a ligação existente entre os valores socioculturais com a prática esportiva, em particular com a GA. Constitui-se uma ligação que influencia a modalidade, principalmente, mediante os valores mais representativos existentes no

presente. Portanto, observamos que este aspecto deve ser levado em consideração nas discussões sobre este fenômeno, como havíamos destacado no item “*Um sonho de apresentação*”.

Neste sentido, os discursos revelam que fenômenos da cultura moderna, como a “*Globalização*”, o “*Marketing Esportivo*”, estão sendo discutidos pelos estudiosos da GA, principalmente com a preocupação de manter uma ligação entre a Competição e o Espetáculo, isto é, entre o Esporte e a Arte.

Quando os entrevistados caracterizam a prática da GA, podemos observar, na maioria dos discursos, uma tendência em situar esta modalidade como essencialmente técnica e complexa, contudo, é unânime a afirmação de que em se tratando de uma modalidade artística, também possui um lado subjetivo (expressivo, estético e artístico). Desta forma, admitem, tanto o caráter Objetivo (Técnico) como o Subjetivo (Expressivo), como aspectos que, concomitantemente, compõem a GA.

Devemos considerar que todos os entrevistados possuem formação acadêmica mínima de Ensino Superior, elevando a qualidade das informações prestadas, porém, esta condição contribui para que seus discursos corroborem com o paradigma tecnicista existente na ciência atualmente, fazendo com que os conceitos de treinamento e técnica não incluam com a mesma importância os aspectos subjetivos que eles mesmos admitem fazer parte da GA e influenciar nas apresentações. Sobre o processo de treinamento, os métodos e as técnicas, estes entrevistados afirmam que a realidade brasileira ainda está se construindo, influenciada pelos conhecimentos trazidos, principalmente, do leste europeu. Na prática, a modalidade está evoluindo e, futuramente, poderá adequar estes modelos “*importados*” conforme as condições e necessidades dos ginastas locais. Os sujeitos entrevistados, entendem que os profissionais estrangeiros estão contribuindo para a melhoria da qualidade da GA praticada no Brasil, que ainda não existe um estilo ou identidade para a GA praticada aqui, porém, com o desenvolvimento técnico e com a implementação das qualidades expressivas características da população brasileira, esta modalidade pode evoluir e vir a conseguir bons resultados internacionais.

Sobre o caráter Objetivo (Técnico), podemos dizer que todos entendem existir diferentes padrões e formas técnicas, que auxiliam na diferenciação e no aprendizado dos elementos. A escolha destes modelos depende do profissional responsável, de sua capacidade de estar

descobrir qual a mais adequada para cada atleta, e que a diferença ou a particularidade do ginasta deve ser explorada, principalmente no aspecto expressivo e estético.

Na questão que envolve as “*Séries Obrigatórias*”, não existe um consenso, alguns acreditam que este fato limita a prática da GA e outros afirmam que é um meio dos países menos desenvolvidos melhorarem sua técnica, contudo, todos entendem este como um mecanismo objetivo que existiu no contexto da modalidade.

Sobre as regras, é unânime que elas tendem a moldar a modalidade de maneira objetiva, no entanto, eles afirmam que existe espaço suficiente no regulamento da GA para manter o aspecto subjetivo como existente e importante. Como exemplo deste espaço que a subjetividade adquire, podemos citar o caso do julgamento, sobre o qual, todos entendem que mesmo procurando ser o mais objetivo possível, como se apresenta o Código de Pontuação, contudo, ele ainda permite que a subjetividade das apresentações e a dos próprios árbitros influenciem nas notas. Esta subjetividade, que alguns aceitam e entendem, fazer parte da GA é combatida por outros, porém, sua presença vem confirmar a existência do caráter Subjetivo (Expressivo) na GA. A presença desta subjetividade na arbitragem é, segundo eles, problemática e causadora de muitas discussões, principalmente porque pode ser influenciada por posicionamentos políticos, sociais e não somente pelos padrões estéticos pessoais. Desta maneira, eles admitem que a arbitragem pode prejudicar ou auxiliar na nota de uma apresentação, inclusive podendo ser injusta em algumas oportunidades.

Parece-nos, conforme eles discursam, que a técnica somada à expressão, e aos demais aspectos subjetivos, como a criatividade, a virtuosidade e a espontaneidade, além de influenciar nas notas, fazem da GA, uma modalidade “*apaixonante*” e “*bonita*”, como eles acrescentam.

A maioria dos entrevistados entende que a GA está se desenvolvendo nestes dois sentidos simultaneamente, e que esta é uma tendência internacional, apoiada inclusive pela FIG. Eles consideram que esta condição tende a aproximar, no futuro, o Esporte à Arte, facilitando, assim, a comercialização e a aceitação do público em geral. Contraditoriamente, como são pessoas que refletem as tendências internacionais, principalmente sociais, políticas e esportivas, ou seja, possuem discursos pautados numa sociedade de rendimento que favorece a desvalorização da característica artística ou de espetáculo da GA.

Enfim, observamos existir alguns descontentamentos com a concepção atual da modalidade, o que nos faz pensar que estas pessoas admitem algumas mudanças, inclusive a favor do caráter Subjetivo (Expressivo), como vimos em alguns discursos.

UMA ATERRISSAGEM EFICAZ: CRAVADA

Pretendemos agora, expor considerações e sugestões que surgiram durante o desenvolvimento deste trabalho, e que refletem nossa opinião sobre as questões que abordamos.

Em particular, estas considerações e sugestões são construídas com base na reflexão em contraposição da primeira parte deste trabalho, onde realizamos um apresentação e uma discussão sobre o caráter Objetivo (Técnico) e do Subjetivo (Expressivo) da GA, com a segunda parte, onde interpretamos o discurso dos 07 profissionais, nas perspectivas de árbitros e técnicos.

A princípio, entendemos que o desenvolvimento da GA vem sendo minuciosamente estudado sob o ponto de vista racional-objetivo, gerando uma prática pautada neste paradigma tecnicista. Este fato, reflete uma tendência da sociedade contemporânea, sob a qual inclui-se também, a atividade esportiva competitiva.

Considerando a influência européia exercida, principalmente, mediante a atuação dos técnicos estrangeiros na realidade brasileira, entendemos que ela vem se demonstrando favorável à perpetuação do paradigma atual. Este fato, vem dificultando a reflexão e conseqüentemente a elaboração de novas possibilidades de se praticar a GA no Brasil, assim como de adequar e desenvolver uma prática com características mais próximas à realidade brasileira.

Desta maneira, este olhar objetivo que vem sendo projetado sobre a GA, mantém esta prática afastada dos valores subjetivos da sensibilidade humana, como relata Muñoz (1975), reforçando esta visão cartesiana de mundo, além de dimensioná-la ainda mais nesta direção.

Nesta perspectiva, o caráter Objetivo (Técnico) que apresentamos e discutimos, confirma-se como existente e relevante para a modalidade, consolidando também nossa opinião sobre a super valorização que vem sendo empregada a este aspecto. Parece-nos que este fato, sugere uma diminuição significativa na quantidade de apresentações que exprimem as particularidades dos ginastas, sua interpretação da GA, restringindo talvez, as possibilidades de desenvolvimento futuro.

Conseqüentemente, observamos uma desvalorização de características como, expressão, espontaneidade, criatividade e originalidade, permitindo que existam apresentações monótonas e abstraídas de beleza. Sobre o aspecto da monotonia de algumas apresentações e de algumas competições, que discursamos e que também foram citadas em algumas entrevistas, entendemos

que os padrões técnicos, assim como as regras, criam uma super valorização da objetividade e da obrigatoriedade, sendo estes os principais motivos desta apatia.

Neste contexto racional-objetivo, o processo de treinamento, assim como o conteúdo desenvolvido nesta prática, são compreendidos e trabalhados segundo uma ótica objetiva, perspectiva esta que não garante o êxito total nas apresentações, afinal, ignora o caráter Subjetivo (Expressivo) da modalidade e, conseqüentemente, todos os aspectos subjetivos envolvidos nas apresentações. Esta condição, cria um afastamento da prática com alguns de seus principais aspectos, em especial, com sua característica artística.

Desta forma, o processo de treinamento, é visto “*como a montagem de uma máquina, a procura, e a aquisição de um rendimento (...)*” como relata Mauss (1974 : 221), e nele são desenvolvidas e padronizadas técnicas de movimentos, assépticas aos aspectos subjetivos. Subentende-se que estes padrões representam a forma ideal de realizar uma apresentação, tratando as apresentações como práticas exclusivamente objetivas, o que em nossa opinião, exclui o sujeito do objeto, ou seja, a pessoa da GA. Observamos ainda que, tanto na literatura quanto nos discursos admite-se a influência do subjetivismo particular de cada um em todo o contexto da modalidade, porém, de forma não significativa ou relevante. Provavelmente seja por isso que este caráter continue desvalorizado.

Sobre o julgamento, a opinião dos técnicos e árbitros é unânime. Segundo eles, o Código de Pontuação precisa ser objetivo para se obter uma avaliação “*justa*”, contudo, existe influencia da subjetividade das apresentações e também da subjetividade do próprio árbitro.

Podemos destacar alguns aspectos benéficos na valorização do caráter Objetivo (Técnico), como por exemplo, a evolução da segurança e do domínio dos movimentos. No entanto, entendemos que a GA não se esgota no concreto, no objetivo, ela se expande ao subjetivismo da arte e das relações humanas. Esta concepção, que orienta nossas observações sobre esta prática, procura não ser omissa ao caráter Subjetivo (Expressivo), que foi desvalorizado no momento em que a objetividade tornou-se hegemônica nas discussões sobre esta modalidade. Portanto, o caráter Objetivo (Técnico) demonstra-se parcial enquanto não atende a todas as necessidades desta modalidade esportiva, perdendo a condição de único e suficiente, e permitindo incluirmos este segundo caráter nas discussões sobre a GA. Neste momento estamos assumindo, conforme

afirma Nóbrega apud Moreira & Simões (2000), a constante e inseparável relação entre a objetividade e a subjetividade, visando prestigiar a modalidade na sua totalidade.

Entendemos que, tradicionalmente, o caráter Subjetivo (Expressivo) não é desenvolvido no esporte de rendimento, conforme observamos na literatura e nos depoimentos interpretados. Constatamos a existência do mesmo além de iniciarmos sua configuração, quando discutimos algumas das características subjetivas que compõe a GA, como a expressão, a espontaneidade e a originalidade. Neste sentido, acreditamos que este caráter Subjetivo (Expressivo) deva ser incluído no processo de treinamento, assim como no processo de arbitragem, e as dúvidas a seu respeito devam ser discutidas. Só assim lhe será dado o devido valor e importância. Talvez, ao assumirmos e incorporarmos mais profundamente este aspecto subjetivo, possamos no futuro prestigiar ginastas mais expressivos, realizando apresentações técnicas, porém, artísticas. Neste sentido, acreditamos que Martins (1996 : 30), ao fazer uma reflexão sobre a importância do caráter “*estético-artístico*” da GA, talvez contemple este mesmo pensamento, como podemos ver em suas próprias palavras:

“A riqueza considerável que representa a coreografia na concepção de uma composição, não pode nem deve ser negligenciada em benefício da parte acrobática.”

Neste momento, ao admitirmos este segundo caráter, admitimos a diferença, a complexidade e a profundidade da GA enquanto esporte de característica artística, ou seja, consideramos esta prática para além do automatismo da técnica, valorizando-a e permitindo-a existir com a beleza que só uma obra de arte pode exprimir. Este posicionamento reforça nossa intenção de construir uma GA mais humana e que possa desenvolver-se sobre o viés artístico, eliminando a constância dada pelo objetivismo e assumindo uma subjetividade da percepção, como a descrita por Merleau-Ponty (1996). Talvez, como um resgate do “*sensível*”, da dimensão poética e estética existentes na arte e que acreditamos serem possíveis no âmbito esportivo.

Com relação, ao parecer geral da FIG, a respeito dos aspectos subjetivos-artísticos da modalidade, consideramos que este parecer expõe uma forte tendência objetivista, característica de uma entidade administrativa. Este parecer demonstra-se favorável à omissão da porção

subjetiva desta prática. Exemplo desta postura, é o critério “*Bonificação*”³² que, segundo a própria FIG (1997 a), serve como fator para diferenciar as performances e representa apenas uma maquiagem que perde o sentido quando valoriza puramente elementos acrobáticos de dificuldade elevada. Acreditamos existir uma contradição no discurso desta entidade, porque mesmo valorizando o caráter Objetivo (Técnico) como acabamos de revelar, ela relata que uma “*falta*” ou falha “*postural*”, existe quando um ginasta não respeita a “*estética*” e a “*essência do movimento*”, ou seja, quando não existe plasticidade ou subjetividade em uma apresentação. Segundo nossa opinião, esta característica subjetiva não representa um “*problema*”, como relatam alguns entrevistados, a FIG e alguns estudiosos da área, no entanto, ela representa uma forma aprofundada de prestigiar a GA, isto é, acreditamos que o caráter Subjetivo (Expressivo) venha completar esta prática.

Quanto ao julgamento, entendemos que para a FIG (1991 : 159), o caráter artístico-estético da GA representa um grande “*impedimento*” que inviabiliza julgamentos e observações sob padrões objetivos, como medidas em segundos, metros ou julgamentos por computador, presentes em outros esportes, a exemplo do atletismo. Os entrevistados, assim como Martins (1996 : 29), afirmam que o julgamento deve observar a inter-relação existente entre a objetividade e a subjetividade, muito embora, como completa Nunomura (1999 : 150) seja “*mais fácil avaliar as acrobacias do que o belo e o artístico*”. Concordamos com este último autor, quando diz que as discussões sobre o julgamento e o aspecto subjetivo devem continuar para que se alcance um amadurecimento maior sobre este assunto.

Desta maneira, sugerimos que este caráter Subjetivo (Expressivo), deva ser estudado e acrescentado à pauta de avaliação, ao Código de Pontuação, no sentido de valorizar aspectos como a originalidade, a virtuosidade, a espontaneidade, a beleza artística, enfim, a expressão. Talvez, como afirma Martins (1996 : 33) visando a uma avaliação que contenha critérios quantitativos e qualitativos para formular as notas, ampliando e restituindo talvez o valor das “*Impressões Artísticas*”, na pauta de avaliação. Entendemos que, o caráter Subjetivo (Expressivo) seja um “*diferenciador*”, isto é, ele atua como um parâmetro que faz diferença nas avaliações.

³² Dentre as três possibilidades de pontuação numa série de GA, sendo elas “*Dificuldade, Exigências Especiais e Bonificação*”, este último aspecto atribui pontos “*extras*” para os ginastas que realizarem elementos que possuam valor acima de D, ou para ligações diretas entre elementos de valor C + D ou superiores. Lembrando que os elementos de GA recebem valores e assim são codificados no CP, conforme sua dificuldade, numa escala de A a E, do mais simples ao mais complexo respectivamente.

Assim, sobre as características subjetivas que estão presentes nas apresentações, isto é, o caráter Subjetivo (Expressivo), entendemos que este venha reforçar uma leitura da GA, que permita apresentações mais originais, dentro de uma prática mais humana, sobretudo, no caso de uma valorização de aspectos, como originalidade, expressão, estética, e plasticidade. Acreditamos que as apresentações passarão a ser diferentes, mais atrativas e menos monótonas.

Segundo nosso entendimento, para haver êxito em uma apresentação, ou para que esta apresentação alcance uma “*eficácia simbólica*”, como diria Geertz (1989), faz-se necessário transcender o aparente, o óbvio, a parcialidade, e buscar uma sensibilidade apurada, uma GA na sua forma mais completa possível.

Talvez, toda esta busca objetiva pela razão, pela técnica, que relatamos existir, esteja colaborando no sentido de romper a tênue linha que liga o Esporte à Arte, reduzindo assim a percepção e a compreensão do fenômeno, como observa Merleau-Ponty (1996 : 279) dizendo:

“O pensamento objetivo ignora o sujeito da percepção. Isso ocorre porque ele se dá ao mundo inteiramente pronto, como meio de todo acontecimento possível, e trata a percepção como um desses acontecimentos.”

Compreendemos que a dificuldade de assumir a existência do caráter Subjetivo (Expressivo) da GA, vai além do discurso dos sujeitos entrevistados em nosso trabalho, esta condição avança, inclusive, para as discussões de autoridades e estudiosos da área, como no caso Fink (1993). Porém, ao inserirmos este caráter neste estudo, gostaríamos de ressaltar a importância do mesmo, assim como o resgate da característica humana desta prática, sem negar os limites da objetividade impostos pela prática esportiva de alto rendimento.

Acreditamos que a disciplina, o trabalho de repetição e o desenvolvimento técnico fazem parte da estrutura principal de qualquer trabalho de GA, contudo não observamos durante este trabalho espaços que incluam o desenvolvimento da criatividade, da originalidade ou da expressão do ginasta. Seguramente, a GA carece de atividades que privilegiem sua característica artística e, como exemplo desta necessidade, podemos citar Rovenko (1988) que em seu artigo “*The art of gymnastics: creating sequences.*”, demonstra a importância de incluir atividades que desenvolvam

a criatividade e, principalmente, que incentivem a descoberta estética, da expressão e do estilo de cada ginasta.

Desta maneira, devemos buscar soluções para que o caráter Subjetivo (Expressivo) da GA possa ser assumido e desenvolvido, assim como, elaborarmos ferramentas para que ele possa estar presente no ambiente competitivo, mesmo sabendo da dificuldade que os profissionais envolvidos nesta prática possuem em falar sobre o abstrato, sobre o subjetivo, como observamos nas entrevistas.

Estamos buscando recuperar algumas características da GA, como a criatividade, a espontaneidade, o virtuosismo³³, a beleza, a plasticidade, enfim, o aspecto artístico.

Motivados por este e outros acontecimentos, que estão circulando pelo universo desta modalidade atualmente, pretendemos que este estudo sirva como estímulo, para os profissionais que acreditam na possibilidade de uma GA mais humana, sensível, artística e expressiva, e desta forma, caminhem na direção de descobrir outras possibilidades para esta prática, as quais certamente não devem inibir ou contrariar a chamada evolução ou o desenvolvimento, mas devem privilegiar tanto o caráter Objetivo (Técnico) como também o Subjetivo (Expressivo), integrando-os numa relação harmoniosa e consequentemente revendo o valor de cada um deles para com a Ginástica Artística.

Talvez esta seja nossa busca pela aproximação do Esporte à Arte.

³³ Diferentemente do conceito de virtuosismo assumido pela FIG, que citamos anteriormente, porém embasados no mesmo autor, Chakhlin in FIG (1995), entendemos este termo como a execução de uma apresentação, composta pelas características particulares do ginasta, onde o mesmo expõe toda sua capacidade de expressão, força, plasticidade e interpretação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli E. D. A. Etnografia da Prática Escolar. Ed. Papirus, Campinas (SP), 1995.
- AZZAN JUNIOR, Celso. Antropologia e Interpretação: Explicação e Compreensão nas Antropologia de Lévi-Strauss e Geertz. Ed. Unicamp, Campinas, 1993.
- BARBANTI, Valdir José. Dicionário de Educação Física e do Esporte. Ed. Manole, 1994.
- BUKH, Niels. Primitive Gymnastics. Methuen & Co. Ltda., Londres – Inglaterra, 1962.
- COLORAMA, Enciclopédia Universal Ilustrada, Enciclopédia Britânica do Brasil, São Paulo, Vol. 6, 1970, p.1190.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. 2^o ed., 3^o Impressão, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1989.
- DAMATTA, Roberto in NUNES, E. O. (Org.). A Aventura Sociológica. Ed. Zaban, Rio de Janeiro, 1978, p.23-35.
- DAOLIO, Jocimar. Educação Física Brasileira: Autores e Atores da Década de 1980. Ed. Papirus, Campinas (SP), 1998.
- DICIONÁRIO Brasileiro Mirador. 2^o ed., Enciclopédia Britânica do Brasil, São Paulo, 1977.
- ENCICLOPÉDIA Brasileira E.T.R. Técnica Radial, São Paulo, 1982, Vol.III, p.813-817.
- FANALI, Otávio Augusto A. Cattani. Terminologia Da Educação Física e Desportos. Ministério da Educação e Cultura, Dep. De Educação Física e Desportos, Brasília, 1978.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). Código de Pontuação Masculino. Editora Alvorada, Brasília, 1997a.
- . Código de Pontuação Masculino. Editora Marchan & Marr, Tradução: Confederação Brasileira de Ginástica, Rio de Janeiro, 1993.
- FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). Symposium International Sur Le Jury. FIG, Roma (Itália), 24-26 Juin, 1985.
- . Meridiens De Gymnastique. FIG, Montier (SUI), 1986.
- . 110. Anniversaire: Objectif an 2000. FIG, Montier (SUI), 1991.
- FINK, Hardy. A better way to evaluate difficulty in Gymnastics. Technique Magazine, Feb., 1995. p. 32-35.
- . Establishing Vision for Ideal Code of Points. The Australian Gymnast, Winter, Australia, 21(2), 22-25, 1993.
- FREIRE, João Batista. De Corpo e Alma: O discurso da Motricidade. Ed. Summus, São Paulo, 1991.
- GAJDOS, Anton. Préparation et Entraînement à la Gymnastique Sportive. Éditions Amphora, Paris, (França), 1983.
- GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Ed. Guanabara Koogan, Rio de Janeiro, 1989.
- GOLDMANN, Lucien. Epistemologia e Filosofia Política. Ed. Presença, Portugal, s/d. p. 10-40.
- HESSEN, Johannes. Teoria do Conhecimento. 8^o ed., Ed. Arménio Amado, Coimbra (Portugal), 1987.
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de Metodologia Científica. Ed. Atlas, São Paulo, 1986.
- LANGLADE, Alberto e LANGLADE, Nelly Rey de. Teoria General De La Gimnasia. Editora Stadium, Buenos Aires, 1970.
- LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. 9^o ed., Ed. Brasiliense, São Paulo, 1996.

- LEGUET, Jacques. As Ações Motoras em Ginástica Esportiva. Manole, São Paulo, 1987.
- LORENZ, Konrad. A demolição do Homem. Brasiliense, São Paulo, 1986.
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. Ed. EPU, São Paulo, 1986.
- LUKÁCS, Georg. Estética 1: La peculiaridad de lo estético. Vol.1 Ed. Grijalbo, Barcelona (Espanha), 1982a.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. Ed. Abril, São Paulo, s/d.
- MARINHO, Inezil Penna. História Geral da Educação Física. Cia Brasil Editora, São Paulo, s/da.
----- História da Educação Física no Brasil. Cia Brasil Editora, São Paulo, s/d - b.
- MARRAS, Stélio. Corpo, cosmologia e subjetividade. Revista Sexta-Feira: Antropologia e Artes Humanidades, Ed. Hedra, São Paulo, 1999, p. 184-199.
- MARTINS, Iguatemy L. Os desportos de Composição Artística e a Subjetividade do seu Julgamento. Revista Horizonte, Vol XIII – n.73, Agosto-Setembro, 1996. p. 29-34.
- MAUSS, Marcel. Manual de etnografia. Dom Quixote, Lisboa (Portugal), 1993.
----- Sociologia e Antropologia. EPU/Edusp, São Paulo, 1974, p. 210-234.
- MELLO, Paulo R. Barcellos de. Fundamentos técnicos para elaborar exercícios ginásticos. Artigo publicado na revista Sprint, Rio de Janeiro, Vol. __ (maio/ junho) s/d.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. Ciências do Homem e Fenomenologia. Ed. Saraiva, São Paulo, 1973.
----- O Visível e o Invisível. 3º. ed., Ed. Perspectiva, São Paulo, 1992.
----- Fenomenologia da Percepção. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1996.
- MOLLER, Jonh & Andersen, Jens Sejer. Society's Watchdog – Or Showbiz'Pet? Inspiration to Better Sports Journalism. Danish Gymnastics and Sports Associations (DGI), Vejle, Denmark, 1997.
- MOREIRA, Wagner Wey e SIMÕES, Regina. Coletâneas: Congresso Científico Latino Americano da FIEP/UNIMEP. Ed. Unimep, Piracicaba (São Paulo), 2000.
- MUÑOZ, José Adolfo Aries. La Antropologia Fenomenológica de Merleau-Ponty. Ed. Frajuri, Madrid (Espanha), 1975.
- NORMILE, Dwight. Cartwheeling Around the Code of Points. International Gymnastic Magazine, Fev., 1997. p. 36 e 37.
- NUNOMURA, Myrian, PICOLLO, Vilma Leni Nista & PUBLIO, Nestor Soares. Uma reflexão sobre o código de pontuação da Ginástica Olímpica. Revista Brasileira de Ciências do Esporte (CBCE), abril-setembro de 1999. p. 148-153.
- PAREYSON, Luigi. Estética: Teoria da Formatividade. Ed. Vozes, Petrópolis, Rio de Janeiro, 1993.
- PEIRANO, Mariza G. S. A Favor da Etnografia. Ed. Relume-Dumará, Rio de Janeiro, 1995, p.09-33.
- PÉREZ GALLARDO, Jorge Sergio, SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. A proposta de Ginástica Geral do Grupo Ginástico Unicamp. In: COLETÂNEA: Textos e sínteses do I e II Encontro de Ginástica Geral. Gráfica Central da Unicamp, Campinas (São Paulo), 1997, p.25-32.
----- Proposta de uma linha de Ginástica para a Educação Física Escolar. In: NISTA-PICOLLO, Vilma Leni (Org.). Educação Física Escolar: ser ... ou não ter?. Ed. Unicamp, Campinas (São Paulo), 1993, p. 117-136.

- PRESTIDGE, Jim. The History of British Gymnastics. British Amateur Gymnastics Association, Berkshire, England, 1988. p. 5-20 e 43-48.
- PUBLIO, Nestor Soares. Evolução Histórica da Ginástica Olímpica. Phorte Editora, Guarulhos – SP, 1998.
- QUÉIROS, Stella F. M. Ginástica – Mecanismo corporal e ginástica contemporânea: do sistema infantil e feminino. Edgard Blucher, Ed. Da USP, São Paulo, 1974.
- QUINTÁS, Afonso López. Estética. Ed. Vozes, Rio de Janeiro, 1993.
- RAMOS, Jayr Jordão. Os exercícios físicos na história e na arte: do homem primitivo aos nossos dias. Ibrasa, São Paulo, 1982.
- RICHARDSON, Roberto Jarry e colaboradores. Pesquisa Social: Métodos e Técnicas. 2.ed., Atlas, São Paulo, 1989. p.29-49.
- ROVENO, Inez. The Art of Gymnastics: Creating Sequences. Journal of Health, Physical Education and Recreation (JOPERD) by Hofstra University, Hempstead NY, March, 1988.
- SANTOS, Boaventura de Souza. Um discurso sobre as ciências. 7. Ed., Afrontamento, Porto (Portugal), 1995, p.1 – 59.
- SCHAFF, Adam. História e Verdade. 6. Ed., Martins Fontes, São Paulo, 1995, p. 65-98.
- SÉRGIO, Manuel. Filosofia das Actividades Corporais. Ed. Compendium, Lisboa (Portugal), s/da. ----- . Motricidade Humana: Contribuições para um Paradigma Emergente. Instituto Piaget, Lisboa (Portugal), 1998.
- . Para uma Epistemologia da Motricidade Humana. Ed. Compendium, Lisboa (Portugal), s/d. b.
- SOARES, Carmem Lúcia. Educação Física – Raízes Europeias e Brasil. Ed. Autores Associados, Campinas – SP, 1994.
- . Imagens da Educação no Corpo. Autores Associados, Campinas, 1998.
- SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. Ginástica Geral: uma área do conhecimento da Educação Física. Tese de Doutorado, UNICAMP, Faculdade de Educação Física, Campinas (São Paulo), 1997.
- . Imagens da Educação no Corpo. Ed. Autores Associados, Campinas – SP, 1998.
- TIEDT, Wolfgang. Esporte e Cultura: Movimento e Criação. Revista de Educação Física – Motriz, Vol 5, Número 2, Rio Claro (SP), Dezembro, 1999, p. 194-8.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: A Pesquisa Qualitativa em Educação; O Positivismo, A Fenomenologia e o Marxismo. 3° ed., Atlas, São Paulo, 1992.
- UKRAN, M. L. Gimnasia Desportiva. Editorial Acribia, Zaragoza (Espanha), s/d.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BORTOLETO, Marco A. C. Ginástica Artística: A Arte E O Julgamento Nos Desdobramentos Culturais Modernos. Anais do I Congresso Científico Latino-Americano Fiep-Unimep, Piracicaba – SP, 2000.
- , Uma Ginástica A Caminho Da Evolução Ou Adequação Ao Homem E Sociedade Moderna - Apontamentos reflexivos a partir das instruções existentes no Código de Pontuação da Ginástica Artística. Anais do I Fórum Brasileiro de Ginástica Geral-UNICAMP, Campinas – SP, 2000.
- CATALANO, Robin. Expand Your Artistry. International Gymnastic Magazine, March, 1997. p. 37.
- FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA (FIG). Código de Pontuação Masculino. Editora Marchan & Marr, Tradução: Confederação Brasileira de Ginástica, Rio de Janeiro, 1997b.
- GAMBOA, Silvio Sánchez. Fundamentos para la investigación educativa: Presupuestos epistemológicos que orientan al investigador. Ed. Magisterio, Santa Fé de Bogotá, Colombia, 1998.
- HARDEN, Robert. Gymnastics – Sport or Art? International Gymnastic Magazine, Dez., 1982. p. 35.
- HAYHURST, Brian. Ginnasia Artística. Ed. Parramón, Barcelona, 1983.
- HUSSERL, Edmund. A Idéia da Fenomenologia. Ed. Edições 70, Lisboa (Portugal), 1990.
- LABAN, Rudolf. Domínio do Movimento. Ed. Summus, São Paulo, 1978.
- LUKÁCS, Georg. Estética 1: La peculiaridad de lo estético. Vol.I. Ed. Grijalbo, Barcelona (Espanha), 1982b.
- MACCHI, Gianni. L 'Università Della Ginnastica A Confronto. Ed. Tipar, Roma (Itália), Revista IL Ginnasta, Federazione Ginnastica D'Italia, n.8-9 (agosto-setembro), 1999, p2-6.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. O Visível e o Invisível. 3º. ed., Ed. Perspectiva, São Paulo, 1992.
- MORAIS, Regis de. Ecologia da Mente. Editora Psy, Campinas, 1993.
- PÉREZ GALLARDO, Jorge Sergio. Educação Física. Contribuições à formação profissional. 2º ed., Ed. Unijuí, Ijuí (Rio Grande do Sul), 1997.
- PICA, Rae. The Qualities of Movement. International Gymnastic Magazine, Jan., 1991. p. 34-37.
- RIBEIRO JUNIOR, João. Fenomenologia. Ed. Pancast, São Paulo, 1991.
- ROETZHEIM, Bill. The Code of Points Through 2000. United States Gymnastics Federation, Congress of 1991.
- WEINER, Barry e FINK, Hard. The Problem with Pommel Horse. International Gymnastic Magazine, april, 1998. p.37.

ANEXOS

:

.

ANEXO I

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ÁRBITROS

Introdução³⁴:

- Fale a respeito do papel do árbitro nas apresentações ou competições de GA e qual a importância destes profissionais?
- Como e sob quais orientações os árbitros atuam?

Questões³⁵:

1. Como você, enquanto árbitro, definiria os elementos da GA? Como eles se constituem?
2. Existe diferenças entre os ginastas, entre as apresentações nas competições?

Caso estas diferenças existam:

- Qual a implicação com relação ao julgamento dos árbitros?
 - No que consiste estas diferenças?
 - Quais diferenças, em uma competição de alto nível, podem distinguir e ajudar um ginasta a conseguir pontos?
 - O que significa estas diferenças para a arbitragem?
3. Como você caracterizaria a GA: um esporte objetivo ou subjetivo?
 4. Quais são as tendências do esporte de rendimento?
 5. A GA é um esporte que possui espaços para interpretações subjetivas, seja na perspectiva do árbitro, do técnico ou do público?
 6. Como você vê o aspecto estético ou artístico na GA?
 7. Hipótese: O que pode fazer um ginasta vencer um competição no caso de acontecerem duas apresentações muito semelhantes ou idênticas e tecnicamente corretas?
 8. Aspectos mais subjetivos, como estética, fama, beleza e simpatia podem fazer diferença no momento de um julgamento, isto é, na atuação dos árbitros?

³⁴ No início das entrevistas, optamos por colocar uma ou duas questões com aspectos mais gerais, como uma “introdução”, que aparentemente situam-se distantes do objeto central deste estudo. Estas interrogativas visam a envolver o pesquisador com o entrevistado e gerar uma situação confortável para ambas as partes. Elas abordam assuntos que a priori fazem parte do cotidiano e do domínio teórico e prático do entrevistado, servindo talvez, como um mecanismo de aproximação entre as partes.

³⁵ Ao contrário das questões levantadas na introdução da entrevista estas outras dirigem-se mais diretamente ao foco deste estudo.

ANEXO II

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA TÉCNICOS

Introdução:

- Você poderia dar um panorama geral, uma apresentação sintetizada, de como ocorre o treinamento na GA de alto nível.
- Comente os aspectos técnico, físico, psicológico, e outros, que fazem parte deste treinamento.

Questões:

1. Quais as características ou qualidades, de um atleta de ponta?
2. Você consegue separar as qualidades em objetivas e subjetivas?
3. O que chama atenção em um atleta?
4. Para qual caminho, na sua opinião, a GA está se dirigindo? Para a objetividade do esporte ou para a subjetividade da arte?
5. O que é técnica? Como você definiria técnica?
6. Como diferenciar ginastas tecnicamente semelhantes? Existe diferença ou existe um padrão técnico?
7. Como os aspectos subjetivos, como beleza e elegância, são tratados no cotidiano dos ginásios e dos treinamentos?
8. Você acredita que os aspectos subjetivos fazem diferença nas apresentações competitivas?
9. Dentre as grandes escolas internacionais, existe diferença na técnica e na estética destas?
10. Você pode apontar e diferenciar as escolas de GA em: mais objetivas, como as que valorizam muito a força por exemplo; e outras mais subjetivas, que valorizam a expressão e beleza na apresentação?
11. Existe alguma orientação para uma performance bonita, charmosa, graciosa, leve, original ou espontânea, durante o processo de treinamento? E nas competições?
12. Como os árbitros vêem os aspectos harmonia, beleza, graça, enfim, estas características mais subjetivas?

ADENDO: NOTA COMPLEMENTAR

Mediante recente publicação do Código de Pontuação (CP) – Provisório³⁶, realizada pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), pudemos constatar sensíveis alterações nos critérios de avaliação, estabelecendo um novo patamar de importância para os aspectos subjetivos que envolvem as apresentações, os quais foram agrupados no que chamamos de caráter Subjetivo (Expressivo).

Utilizando como exemplo o CP formulado para a categoria feminina, a FIG revela orientações claras e específicas para que os árbitros, assim como técnicos e atletas, busquem apresentações mais estéticas, expressivas, ou seja, que valorizem a “*beleza*” e a “*harmonia*” das apresentações, como podemos ver nas palavras de Jackie Fie³⁷:

“The CODO has been designed to encourage variety and creativity in composition, qualities of artistry and personal style, as well as mastered difficulties.” FIG (2000) – Letter of Introduction.

Dentro dos novos critérios de avaliação e regras para competição, podemos destacar algumas mudanças que acreditamos serem importantes, e que no futuro próximo irão refletir na prática da GA de alto nível:

- Punição de até 0,10 (um décimo) pontos, para apresentações com uso excessivo de acrobacias em detrimento a parte coreográfica ou “*dança*” da série.
- Punição de até 0,10 pontos, para apresentações com uso excessivo de movimentos de um mesmo grupo estrutural (característica).
- Pontuação de até 0,10 pontos, para “*Estilo*” do ginasta.

³⁶ FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE (FIG). 1st Provisional Draft of the WAG 2001 Code of Points. FIG, Jefferson (USA), June, 2000. Esta edição provisória foi divulgada durante o Congresso Técnico, realizado paralelamente aos Jogos Olímpicos de Sydney (Austrália), e tem o intuito de expor as novas orientações e definições que vão reger a GA internacionalmente. A edição definitiva será publicada somente em meados de Fevereiro de 2001, quando acontece o Congresso Intercontinental de Arbitragem, espaço onde as autoridades discutem as dúvidas e sugestões que surgiram após a edição da versão provisória, a fim de definir a edição definitiva do CP. Este novo CP terá validade para o período de 2001 a 2004.

³⁷ Jackie Fie é presidente do Comitê Técnico Feminino, responsável por organizar e sancionar as mudanças do CP no âmbito feminino.

- Pontuação de até 0,10 pontos, para “*Composição, Interpretação e Harmonia*”.
- Pontuação de até 0,10 pontos, para “*Beleza da apresentação*”.

Entendemos que o caráter Subjetivo (Expressivo) que anteriormente tinha um valor de no máximo 0,30 (três décimos) de pontos, no quesito “*Composição e Harmonia*”, nesta nova pauta de avaliação poderá receber até 0,60 pontos, fato este que vem reforçar a intenção da FIG, de valorizar a característica artística da modalidade.

Mesmo cientes de que este CP possa ser alterado em uma versão definitiva, e também considerando as dúvidas que poderão surgir com relação aos novos critérios, principalmente com os subjetivos, acreditamos que a GA recebeu um bom impulso para que no futuro venha a desenvolver-se também em função de sua porção artística, corroborando com nossa intenção de aproximar o Esporte à Arte.